

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

Eliane Braga de Oliveira

**O CONCEITO DE MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO
BRASIL:
uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação.**

Tese apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da
Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção
do título de Doutora em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof. Ph.D. Georgete Medleg Rodrigues

Brasília
2010

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FCI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCINF**

Eliane Braga de Oliveira

**O CONCEITO DE MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO
BRASIL:
uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação.**

Tese apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da
Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção
do título de Doutora em Ciência da Informação.

Área de concentração: Transferência da Informação
Linha de pesquisa: Gestão da Informação e do Conhecimento

Orientadora: Prof. Ph.D. Georgete Medleg Rodrigues

Brasília
2010

O48t

Oliveira, Eliane Braga.

O conceito de memória na Ciência da Informação no Brasil: uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação / Eliane Braga Oliveira. __ 2010.

194 f.: il.

Tese (doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, 2010.

1. Ciência da Informação 2. Ciência da Informação – memória técnica 3. Memória 4. Arquivologia I. Título

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: “O conceito de memória na Ciência da Informação no Brasil: uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação”

Autora: Eliane Braga de Oliveira

Área de concentração: Transferência da Informação

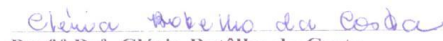
Linha de pesquisa: Gestão da Informação e Conhecimento


Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor** em Ciência da Informação.


Tese aprovada em: 09 de agosto de 2010.


Aprovado por:


Prof.ª Dr.ª. Georgete Medley Rodrigues
Presidente - (UnB/PPGCInf)


Prof.ª Dr.ª. Cléria Botelho da Costa
Membro Externo – (UnB/HIS/IH)


Prof.ª Dr.ª. Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos Dodebei
Membro Externo – (UFRJ)


Prof.ª Dr.ª. Lidia Alvarenga
Membro Externo – (UFMG)


Prof.ª Dr.ª. Dulce Maria Baptista
Membro Interno – (UnB/PPGCInf)

Prof. Dr. Rogério Henrique de Araújo Júnior
Suplente – (UnB/PPGCInf)

*Aos meus pais, Ney (in memoriam) e Walkyria,
Aos meus filhos, Gabriel e Clara, e
Ao meu esposo, José.*

AGRADECIMENTOS

Esta tese contou com a colaboração de colegas de trabalho, de amigos e de familiares que participaram com sugestões, esclarecimentos e apoio, das mais variadas formas. A todos, meu reconhecimento e minha gratidão sincera.

Agradeço, especialmente:

À Prof. Dr. Georgete Medleg Rodrigues, minha amiga Jô, pela orientação, pela paciência, pelo carinho e pelo exemplo profissional.

Ao PPGCI da UnB, na pessoa de sua coordenadora, à época, Prof. Dr. Sofia Galvão, pela aprovação de minha candidatura ao Programa de Doutorado com Estágio no Exterior (PDEE), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

À Prof. Dr. Fernanda Ribeiro, pela orientação no estágio de doutoramento realizado na Universidade do Porto, em Portugal, e às professoras Elisa Cerveira e Manuela Pinto do curso de graduação em Ciência da Informação da mesma Universidade, por me acolherem em suas visitas técnicas.

Aos Professores Doutores Vera Dodebei e Tarcísio Zandonade, pelas considerações no momento da qualificação, fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Prof. Tarcísio agradeço, também, pelos textos fornecidos, que muito me ajudaram, e pelo interesse constante.

À Sandra Lopes de Jesus, coordenadora de bolsas no exterior da CAPES, pela atenção e gentileza nos momentos mais delicados.

À Ângela Barreto, Aparecida Shikida e Márcia Cavalcanti pelo envio de suas pesquisas.

Ao amigo Prof. Jayme Leiro, por ter disponibilizado a base ABCID para a coleta de dados, e pela companhia solidária, durante o período do doutorado.

À amiga e companheira de doutorado Angélica Marques pelo material dos ENANCIBs.

Aos amigos professores da Arquivologia, pelo companheirismo, pelo apoio e pelo carinho com o qual me cercam todo o tempo.

Ao Zé, ao Biel, à Clara e demais familiares, pela torcida, pela paciência e pela compreensão.

Aos companheiros do Grupo Meimei e demais amigos, pelas vibrações positivas que me sustentaram neste percurso.

RESUMO

Pesquisa descritiva e explicativa que tem como objetivo compreender como a Ciência da Informação (CI) se apropria de conceitos, partindo do caso específico da apropriação e da reformulação do conceito de memória na produção científica da área no Brasil. Adota como referencial teórico o modelo de construção do conhecimento proposto por Wersig, conforme o qual, a Ciência da Informação deve tecer uma rede conceitual a partir da reformulação de modelos genéricos e interconceitos. Estabelece, como hipóteses, que a apropriação do conceito de memória na Ciência da Informação, no Brasil, acompanha tendências presentes na literatura internacional, sendo, também, influenciada por dois fatores relacionados às condições de produção das mensagens: o contexto e seus produtores. Os objetivos específicos são: identificar os “atratores” do conceito de memória na Ciência da Informação; analisar suas apropriações e reformulações na produção intelectual da CI no Brasil; verificar a existência de relações entre a produção de trabalhos sobre memória e a área de graduação dos autores e/ou ao programa de pós-graduação em CI nos quais os trabalhos foram produzidos. A produção científica da área é o campo empírico da pesquisa. A literatura internacional é representada pelos artigos indexados na base *Library and Information Science Abstracts* (LISA), enquanto a literatura nacional é representada pelos artigos publicados nos periódicos especializados, pelas teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em CI e pelas comunicações apresentadas nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIBs). Adota a pesquisa documental e bibliográfica como procedimento e, como método, a análise de conteúdo. Para a análise quantitativa dos dados, utiliza-se do Corpógrafo, plataforma de análise sobre *corpora*. Os resultados obtidos evidenciam a pouca relevância do tema na literatura da área. Foi possível observar que a apropriação do conceito de memória na CI, no Brasil, acompanha parcialmente a literatura internacional, especialmente, no que se relaciona à informação como componente da memória social. Questões presentes na literatura internacional, relativas à memória como capacidade biológica e às memórias artificiais possibilitadas pelas novas tecnologias não se constituem em pólos de interesse, limitando-se à contribuição pontual de alguns autores. A origem acadêmica dos autores, definida pela sua graduação, mostrou ser a variável mais significativa na produção de estudos sobre o tema, desenvolvidos, em sua maioria, por egressos de cursos cujo objeto de estudo é o documento: Biblioteconomia, História e Museologia. Verificou-se que os autores mais produtivos são egressos de programas de pós-graduação em CI, mas não desenvolvem suas pesquisas nesses programas, apesar de divulgarem seus estudos em periódicos e eventos específicos da Ciência da Informação. Verificou-se, ainda, a existência de um núcleo de estudos teóricos sobre memória, tendência não identificada na literatura internacional. O estudo confirmou parcialmente as hipóteses formuladas, constatando a apropriação do conceito de memória pela Ciência da Informação no Brasil, em apenas um dos aspectos identificados na literatura internacional, o aspecto social. Essa apropriação mostrou ser mais diretamente influenciada pela formação acadêmica dos emissores das mensagens do que pelo contexto de produção das mesmas.

Palavras-chave: memória, Ciência da Informação, Arquivologia

ABSTRACT

Descriptive and explanatory research that aims to understand how the Information Science (IS) appropriates concepts, based on the specific case of appropriation and the recasting of the concept of memory in the scientific production area in Brazil. Uses the knowledge building model proposed by Wersig which, the Information Science must weave a conceptual network from the reformulation of the broad models and inter-concepts. Establishes, as hypothesis, that appropriation of the concept of memory in Information Science, in Brazil, tracks trends presents in international literature, being also influenced by two factors related to the conditions of production of messages: the context and their producers. The specific objectives are: to identify the attractors of memory concept in Information Science; analyze its appropriations and reformulations in IS's intellectual production in Brazil; check the existence of relations between the production of works about memory and the majors of the authors and/or post-graduation program in IS in which the works were produced. The empirical field of the research is the scientific production of the IS. The international literature is represented by articles indexed in the Library and Information Science Abstracts (LISA), while the national literature is represented by articles published in specialist periodicals, theses and dissertations defended in post-graduation programs in IS and by speeches presented in the National Meetings of Research in Information Science (ENANCIBs). Adopts the documental and bibliographic research as procedure and, as a method, the content analysis. For the quantitative analysis of data, was used the Corpógrafo, a platform to analyze *corpora*. The results obtained shows little relevance of theme in the literature of the area. It was possible to observe that the appropriation of the concept of memory in IS, in Brazil, accompanies partially the international literature, especially as it relates to information as a component of social memory. Issues presented in the international literature related to memory as biological capacity and to artificial memories made possible by new technologies are not studied, excepted for some authors contributions. The authors' academic origin, defined by his graduation, proved to be the most significant variable in the production of studies on the theme, developed mostly by graduates of study courses whose object is the document: Librarianship, History and Museology. It was noted that the most productive authors are originate from post-graduation programs in IS, but do not develop their research on these programs, although disclose their studies in periodicals and specific event of Information Science. There was also the existence of a core of theoretical studies on memory, unidentified trend in the international literature. The study confirmed partially the formulated hypothesis, noting the appropriation concept of memory for Information Science in Brazil, in only one aspect identified in international literature, the social aspect. This appropriation has proven to be more directly influenced by the academic background of issuers of messages than by production context.

Keywords: memory, Information Science, Archival Science

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1	Periódicos nacionais em Ciência da Informação.....	29
Quadro 2	Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil.....	30
Figura 1	Trabalhos sobre memória: tendências	68
Figura 2	Quantidade de trabalhos por instituição na Amostra 1	70
Figura 3	Termos mais frequentes no <i>corpus</i> Memória Institucional	86
Figura 4	Termos mais frequentes no <i>corpus</i> Memória Científica	86
Figura 5	Termos mais frequentes no <i>corpus</i> Memória Social	87
Figura 6	Quantidade de autores da Amostra 2, por instituição.....	89
Figura 7	Quantidade de autores da Amostra 2, por graduação.....	90
Figura 8	Quantidade de autores de teses e dissertações por instituição.....	97
Figura 9	Quantidade de autores de teses e dissertações por graduação.....	98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Artigos sobre memória na base LISA (1975 – 2005)	61
Tabela 2: Ocorrência dos termos nas categorias - Base LISA (1975-2005)	64
Tabela 3: Artigos sobre memória de autores vinculados aos programas de pós-graduação em CI nos periódicos de Ciência da Informação	65
Tabela 4: ENANCIB – Comunicações sobre memória x instituição	66
Tabela 5: Teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação <i>Stricto Sensu</i> em Ciência da Informação no Brasil (1972-2005)	67
Tabela 6: Trabalhos sobre memória na produção científica da área de CI no Brasil (1972/2005)	68
Tabela 7: Co-ocorrências mais frequentes à família léxica de memória na Amostra 1...	71
Tabela 8: Associações diretas com o termo memória no <i>corpus</i> Amostra 1	73
Tabela 9: Conjunto de termos mais frequentes no <i>corpus</i> Amostra 1	74
Tabela 10: Extensões do termo memória no <i>corpus</i> Amostra 1	76
Tabela 11: Ocorrência dos termos nas categorias – Amostra 1 (1975-2005)	78
Tabela 12: Trabalhos sobre memória no <i>corpus</i> Amostra 1 x categoria (1975 – 2005) ...	79
Tabela 13: Co-ocorrências mais frequentes à família léxica de memória no <i>corpus</i> Amostra 2.....	81
Tabela 14: Associações diretas com o termo memória na Amostra 2	82
Tabela 15: Extensões do termo memória na Amostra 2	83
Tabela 16: Adjetivações do termo memória no <i>corpus</i> Amostra 2	84
Tabela 17: Ocorrência dos termos nas categorias – Amostra 2 (1975-2005)	88
Tabela 18: Documentos distribuídos por área de formação dos autores x Categorias.....	90
Tabela 19: Termos e expressões utilizados x área de graduação na Amostra 2	92
Tabela 20: Documentos distribuídos pelos contextos de produção x Categorias na Amostra 2	93
Tabela 21: Termos e expressões utilizados x PPGCI na Amostra 2	94
Tabela 22: Co-ocorrências mais frequentes à família léxica de memória no <i>corpus</i> Teses e Dissertações	99
Tabela 23: Adjetivações do termo memória no <i>corpus</i> Teses e Dissertações	100
Tabela 24: Associações diretas com o termo memória no <i>corpus</i> : teses e dissertações...	101
Tabela 25: Extensões do termo memória na Amostra: teses e dissertações	102
Tabela 26: Autores mais citados nas teses e dissertações x quantidade de trabalhos em que são citados	106

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REVISÃO DE LITERATURA	34
2.1	A memória, a informação e seus registros	34
2.1.1	Os estudos sobre memória	34
2.1.2	A informação e seus registros	42
2.1.3	A memória na Arquivologia	46
2.2.	A memória na Ciência da Informação	51
2.2.1	A institucionalização da Ciência da Informação	51
2.2.2	Paul Otlet e a Documentação	54
2.2.3	Vannevar Bush e o Memex	57
3	ANÁLISE DOS DADOS	60
3.1	A memória na literatura internacional	60
3.2	A memória na literatura nacional	65
3.2.1	A memória na produção científica dos programas brasileiros de pós-graduação em CI	80
3.2.2	Análise das condições de produção: o emissor e o contexto	89
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
5	RECOMENDAÇÕES	115
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
	APÊNDICES	124
	ANEXOS	163

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) é, reconhecidamente, uma área do conhecimento que tem a interdisciplinaridade como uma de suas características. Na sua dinâmica de desenvolvimento, estabelece relações com diversas outras áreas, tanto das chamadas ciências exatas quanto das humanas e sociais. Documentação, Biblioteconomia, Computação, Arquivologia, Linguística e Comunicação, dentre outras disciplinas, contribuem, em maior ou menor proporção, para a construção do conhecimento na CI, na medida em que seus conceitos e modelos metodológicos são utilizados em novas abordagens do objeto informação (BORKO, 1968; LE COADIC, 1996; SARACEVIC, 1992; WERSIG, 1975).

De fundamental importância para as áreas que trabalham com os registros da informação, o tema memória, tal qual a informação, não é objeto exclusivo de uma área de estudo e vem sendo tratado por diversas áreas do conhecimento (GONDAR, 2005; DODEBEI, 2005; SANTOS, 2003). Pode ser abordado pelas Neurociências, pela Filosofia, pela Psicologia, pela Educação ou pela História, entre outras possibilidades, conforme o aspecto que se quer estudar.

As limitações da memória humana levaram o homem a buscar em recursos externos, as chamadas memórias artificiais, a compensação para o esquecimento. Para isso, foi preciso conceber um sistema de utilização de signos por meio dos quais as idéias eram fixadas em um suporte físico, o que deu origem à escrita, o mais antigo auxílio à memória utilizado pelo homem. Feito inicialmente em placas de argila ou de cera, os registros de memória passaram a ser inscritos nos mais diversos suportes, graças à evolução científica e tecnológica que permitiu ao homem registrar não apenas signos, mas também sons, imagens e imagens em movimento.

A necessidade de possibilitar o acesso a esses registros no decorrer do tempo levou à criação das chamadas instituições de memória¹ que deveriam preservar os registros do conhecimento humano nas suas mais diversas formas de materialização: arquivos, bibliotecas e museus. Da mesma forma, o desenvolvimento e a sistematização de determinadas práticas utilizadas para a conservação e o acesso a esses registros deram origem a novos campos do

¹ As instituições de memória surgem a partir da difusão da escrita e do desenvolvimento urbano. A multiplicação das inscrições (registro de memória) e o enfraquecimento das tradições (transmissão da memória) deram lugar à criação de lugares para a preservação daquilo que já não era possível, ao homem, lembrar. Le Goff chama atenção para o papel dos reis na criação das instituições de memória, já no século XVII a.C., e para a disseminação dessas instituições impulsionada pelo Iluminismo, no século XVIII. Os lugares de memória são analisados por Pierre Nora (1993) e Jacques Le Goff (2003).

saber: Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Essas disciplinas estabelecem diretrizes e parâmetros para as práticas profissionais relacionadas aos registros de memória - no caso, os documentos - e reconhecem a função social desempenhada por seus profissionais na sua preservação e divulgação.

No início do século XX, o crescimento da produção dos registros de informação e a necessidade de facilitar o acesso ao conhecimento acumulado levaram a uma concepção mais ampla das práticas documentais, dando origem à Documentação proposta por Paul Otlet e Henri La Fontaine². O princípio monográfico proposto por Otlet em seu *Traité de Documentation. Le livre sur le livre. Théorie et pratique* (1934) pressupõe a possibilidade de dissociação entre dois elementos constituintes do documento - suporte e informação - e a elaboração de um novo documento, a ficha catalográfica, na qual seria registrado, sinteticamente, o conteúdo considerado relevante no documento original. As fichas resultantes desse processo seletivo permitiriam relacionar, de acordo com um critério temático, informações dispersas em outros documentos, nos mais variados suportes físicos, otimizando, assim, o processo de recuperação da informação.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, agravam-se os problemas de acesso e organização dos registros de informação gerados e acumulados pela sociedade, especialmente aqueles relacionados ao conflito. Por outro lado, as transformações sociais e as inovações tecnológicas abrem espaço para o surgimento de novas áreas de estudo, entre elas a Ciência da Informação, que chamou para si a tarefa de estudar e propor soluções para os problemas relacionados à transferência da informação. Nesse contexto, a Documentação desponta como uma das bases para o desenvolvimento da CI, onde a relevância do conteúdo sobre o suporte físico será acentuada, tendo em vista as possibilidades viabilizadas pelo uso das tecnologias de informação e comunicação (ROBREDO, 2003).

A definição da informação, termo abrangente e de delimitação complexa (CAPURRO, 2003?; ILHARCO, 2003), como objeto de estudo, possibilita a aproximação com outras áreas do conhecimento, além da Documentação, que passam a contribuir para a conformação e institucionalização da CI, desde a década de 1950 até os dias atuais. Essa diversidade de influências permite pressupor possibilidades também diversas na abordagem do tema

² A Documentação surgiu no final do século XIX, a partir das ações empreendidas por Paul Otlet e Henri La Fontaine. Criador da Classificação Decimal Universal, Otlet funda, com a colaboração de La Fontaine, em 1895, o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB). Essa iniciativa, somada a tantas outras, como o Repertório Bibliográfico Universal, deram origem a uma nova área denominada Documentação. (ROBREDO, 2003; SILVA e RIBEIRO, 2002).

memória, no que se refere à preservação e à recuperação da memória da civilização, nas suas múltiplas dimensões.

Suscitada por questões arquivísticas, esta pesquisa tem sua origem em estudos sobre avaliação de documentos de arquivo, função arquivística na qual se estabelece a destinação de acervos à guarda permanente, constituindo o que podemos chamar de memória arquivística da sociedade. Os conjuntos documentais resultantes desse processo passam a integrar o que comumente chamamos de memória social, à qual se associam as noções de permanência e preservação.

Considerando as interfaces existentes entre Arquivologia e CI, ampliamos o escopo desses estudos para a Ciência da Informação, onde foi possível identificar outras possibilidades de abordagens do tema memória associadas à representação da informação, ao processo de aprendizagem e à recuperação da informação, aparentemente pouco exploradas na produção científica da área.

A escolha do tema memória e a formulação do problema que pretendemos responder decorrem de nosso contexto profissional que, diariamente, evidencia possibilidades de vínculos entre memória e informação, memória e documento, memória e conhecimento, memória e preservação, memória e acesso. A diversidade de discursos presentes num espaço acadêmico que congrega bacharelados em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia e um programa de pós-graduação em Ciência da Informação, expõe, em alguns momentos, convergências e divergências que favorecem reflexões sobre o tema. Algumas dessas reflexões devem ser aqui referenciadas, visto que é, principalmente, a partir delas que esta pesquisa se justifica.

A primeira é que, apesar da constante afirmação dos arquivos como componentes da memória de uma coletividade, a concepção de memória com a qual se trabalha raramente é explicitada no conhecimento arquivístico sistematizado. Esse vazio conceitual, intencional ou não, faz com que questões relacionadas à possibilidade de (re)construção da memória social através dos registros da informação, bem como aos aspectos políticos e ideológicos que permeiam a preservação dos acervos, sejam, com frequência, ignorados pelos autores que se ocupam do tema.

Por outro lado, tanto a Arquivística como a Biblioteconomia são saberes originados na prática social e considerados, em alguns estudos epistemológicos da CI, como aplicações

dessa área³, levando a crer que o estudo do tema memória no campo da Ciência da Informação pode prover os fundamentos teóricos adequados à sustentação das práticas relacionadas à preservação e ao acesso às informações registradas.

No Brasil, a relação estabelecida entre Ciência da Informação e Arquivística no ambiente acadêmico aponta para essa possibilidade, uma vez que os programas de pós-graduação em Ciência da Informação abrigam grande parte das teses e dissertações com temática arquivística. Fonseca (2005) registra que 49% desses trabalhos são produzidos em programas de CI, o que parece indicar a existência, nesta área, de uma base conceitual adequada ao desenvolvimento de pesquisas arquivísticas. A pesquisa desenvolvida por Rodrigues e Marques (2005), e consolidada por Marques (2007) em sua dissertação de mestrado, confirma essa tendência, com dados que mostram que 57,5% das teses e dissertações com temática arquivística defendidas até 2004, foram desenvolvidas em programas de pós-graduação em CI.

Apesar desse espaço compartilhado, o objeto de estudo característico da CI não é o documento, mas seu 120%

conteúdo, ou seja, a informação nele assentada (ROBREDO, 1994), ponto de vista já adotado na concepção da Documentação e que afeta as possíveis interfaces com as áreas que tradicionalmente dirigem seu foco principal para os registros da informação.

O foco preferencial na informação é de aplicação controversa no campo da Arquivística. O caráter probatório dos documentos de arquivo é um aspecto que dificulta, quando não impossibilita, sua substituição por documentos secundários. Se tomarmos como exemplo o trabalho de pesquisa histórica, percebemos que, nos arquivos, os instrumentos de pesquisa, ou seja, as representações dos acervos arquivísticos, cumprem a função de nortear a busca pelos conjuntos documentais mais adequados, facilitando a recuperação da informação, sem, no entanto, substituir o acesso aos documentos originais, ou validados como tal⁴, nos quais a pesquisa poderá sustentar-se. Outro exemplo desse aspecto, diz respeito ao uso do documento de arquivo na comprovação de um direito ou de um dever, procedimento que pode exigir tanto a originalidade quanto a autenticidade do documento que será utilizado como prova. Essa situação se coloca tanto para indivíduos em suas relações sociais, como para organizações em sua dinâmica de funcionamento.

³ Essa visão é adotada, também, na classificação das áreas do conhecimento do CNPq. A Grande Área Ciências Sociais Aplicadas contém a Área Ciência da Informação, onde, entre outras, estão as subáreas Arquivologia e Biblioteconomia.

⁴ Aludimos, aqui, aos documentos eletrônicos ou digitais.

Em que pese essa especificidade, alguns autores, como Jardim e Fonseca (1992), identificam uma tendência, nos debates atuais, ao deslocamento do objeto da Arquivística da categoria arquivos para a categoria informação arquivística, ampliando sua aproximação com outras áreas do conhecimento, inclusive, com a Ciência da Informação. Exemplo dessa corrente, são os estudos desenvolvidos pelos pesquisadores portugueses Armando Malheiro da Silva e Fernanda Ribeiro.

A segunda reflexão refere-se à identificação de uma lacuna bibliográfica sobre o tema memória na literatura especializada em Ciência da Informação. Considerando-se a importância da memória na preservação e transmissão do conhecimento e o papel desempenhado pela informação nesse processo, a constatação da pouca representatividade do tema nessa produção científica foi, de certa forma, surpreendente, especialmente no que se refere ao estudo dos processos de recuperação da informação.

Essas duas reflexões - a naturalização do conceito de memória na Arquivística e a aparente pouca expressão do tema na Ciência da Informação - somam-se ao entendimento de que os estudos sobre memória podem ser úteis, tanto para as disciplinas que priorizam a informação como objeto, como para aquelas cujo foco recai mais especificamente sobre o documento. Todas elas lidam com processos de organização, preservação e recuperação da informação, nos quais a memória aparece, não só como componente cognitivo, mas também como produto dos processos informacionais, a memória exteriorizada.

O componente cognitivo da memória nos processos informacionais, nos leva a uma terceira observação que evoca reflexões de alguns autores, tais como Farradane (1980) e Lévy (1993). Para Farradane,

A final process, which has not yet been studied, is that by which a person discovers a gap in his knowledge, or an incomplete extension to his knowledge structure, or some other inconsistency. There are possibly other kinds of mental logical processes involved, connected with the way in which a person searches for, and retrieves items from his own memory. These retrieval processes, if they can be discovered and simulated, might provide better procedures than the matching methods at present being used in retrieval systems (FARRADANE, 1980, p. 79)⁵.

⁵ “Um processo final, que ainda não tem sido estudado, é aquele através do qual uma pessoa descobre uma lacuna no seu conhecimento, ou uma extensão incompleta para sua estrutura de conhecimento, ou alguma outra inconsistência. Existem possivelmente outros tipos de processos lógicos mentais envolvidos, relacionados com a forma com que uma pessoa procura e recupera itens de sua própria memória. Estes processos de recuperação, se puderem ser descobertos e simulados, poderão fornecer melhores procedimentos do que os métodos correspondentes atualmente usados em sistemas de recuperação” (FARRADANE, 1980, p. 79, tradução nossa).

Por sua vez, ao discorrer sobre a memória humana, Lévy (1993) observa que para gravarmos uma nova informação é necessário construirmos uma representação sobre ela. Passado algum tempo, para recuperar essa informação na memória de longo prazo⁶, duas condições devem ser atendidas: é preciso que a representação do fato tenha sido conservada e que exista um caminho de associações possíveis que permitam acessá-la. A maneira pela qual as representações são construídas é fundamental para a recuperação da informação. Por isso, nas sociedades baseadas na oralidade, a memória humana é a grande responsável pela conservação e transmissão do conhecimento, efetivadas através da linguagem.

Por outro lado, nas sociedades baseadas na escrita, a memória exteriorizada – informação registrada – deve ser representada, conservada e acessada a partir de “estratégias de codificação”, como chama Lévy (1993), que podem inspirar-se no processo mental de recuperação da informação, em busca de maior eficácia. Essa possibilidade foi a base utilizada por Vannevar Bush, na concepção do Memex, em seu texto *As we may think*, de 1945, como será visto adiante.

Uma quarta reflexão relaciona-se ao fato de os processos informacionais serem eminentemente sociais, participando das relações de poder estabelecidas nos contextos nos quais se inserem, influenciando-as e sendo, por elas, influenciados. Le Goff (2003) afirma que o documento resulta de uma montagem tanto da sociedade que os produziu, como daquelas que os conservaram, permitindo que chegassem até nós:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (LE GOFF, 2003, p. 538).

Esse aspecto perpassa todas as etapas dos processos informacionais, inclusive as opções de método e de tecnologias adotados. Ao abordar a preservação dos registros informacionais em um contexto de uso intensivo de tecnologias de informação, Ribeiro (2005), por exemplo, ressalta o vínculo existente entre a preservação da memória e a gestão da informação. Para aquela autora, o documento digital exige que a decisão sobre a conservação da memória seja tomada no ato de criação dos registros de informação, sob o risco de não ser possível mantê-la integralmente. Esse pressuposto, a nosso ver

⁶ “Memória de curto prazo é aquela que dura poucas horas, o tempo necessário para que as memórias de longo prazo se consolidem. As memórias de longo prazo levam tempo para serem consolidadas e geralmente duram toda a vida” (IZQUIERDO, 2002).

imprescindível, nem sempre acompanha a introdução das inovações tecnológicas nos processos informacionais.

Finalmente, uma última reflexão provocada pela leitura de um texto clássico da Ciência da Informação, *The phenomena of interest to information science*, de autoria de Wersig e Neveling (1975). Nesse texto, os autores advogam como objetivo da CI, sua responsabilidade social na transferência do conhecimento para aqueles que necessitam. Entendemos que essa responsabilidade pressupõe o acesso assíncrono à informação, ou seja: informações geradas no passado, disponibilizadas no presente, permitindo novas utilizações e a construção de novos conhecimentos, agora ou no futuro. Nessa perspectiva, a memória emerge como tema de estudo de relevância para a Ciência da Informação.

A diversidade de aspectos relacionados aos processos informacionais implicados nessa temática e a interdisciplinaridade característica da CI levaram à formulação do problema que tentamos responder nesta tese: como o conceito de memória é apropriado e reformulado no âmbito da CI, no Brasil, na perspectiva do seu objeto específico, a informação?

Apesar do recorte geográfico adotado, pareceu-nos adequado formular a hipótese de que a apropriação do conceito de memória no conhecimento científico produzido pela Ciência da Informação no Brasil acompanha o tratamento dado ao tema na literatura internacional da área.

Considerando dois aspectos característicos da Ciência da Informação – a interdisciplinaridade e o perfil diversificado de seus profissionais – construímos, ainda, uma segunda hipótese, assim formulada: a formação acadêmica dos cientistas da informação (emissores das mensagens) e o contexto no qual esse conhecimento é produzido (local de onde partem as mensagens) também influenciam a maneira pela qual o conceito de memória é apropriado e reformulado pela CI no Brasil.

A partir das reflexões aqui elencadas, definimos o objetivo geral desta pesquisa que é compreender como a Ciência da Informação se apropria de conceitos e os reformula, partindo do caso específico do conceito de memória.

Nesse sentido, pautamo-nos na perspectiva de Wersig, segundo a qual, para estabelecer suas estratégias de ação, a CI deve construir uma estrutura teórica a partir da interligação de modelos científicos e de conceitos comuns (por ele denominados “interconceitos”) redesenhados para seus objetivos, tecendo uma rede conceitual. Nessa rede,

os conceitos funcionariam como “atratores” de materiais de outros campos científicos para a estrutura científica da informação, onde seriam reestruturados (WERSIG, 1993).

Assim sendo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- . Identificar os conceitos “atratores” do conceito de memória na Ciência da Informação.
- . Analisar as possíveis apropriações e reformulações do conceito de memória na produção intelectual dos cientistas da informação no Brasil.
- . Verificar se a produção de trabalhos sobre memória está relacionada à área de graduação dos autores (o emissor, quem fala) e/ou ao programa de pós-graduação em CI nos quais os trabalhos foram produzidos (o contexto de produção, de onde se fala).

Para a contextualização do nosso problema de pesquisa, adotamos como quadro de referência os trabalhos de Wersig e Neveling, que advogam a função social da Ciência da Informação, secundados por Zygmunt Bauman, que ressalta os traços de efemeridade e liquidez da sociedade pós-moderna. O pensamento desses autores conduz a uma situação ambígua, na qual caberia à CI atender às demandas de uma sociedade que valoriza o efêmero e a velocidade, em detrimento da permanência e, conseqüentemente, da construção de uma memória social.

Wersig e Neveling (1975) entendem que a ciência não é algo justificável em si mesma, mas justifica-se por atender a uma demanda social, razão pela qual devem ser estudados os processos históricos que levaram ao surgimento e ao desenvolvimento da CI e que exigências sociais ela deve atender. Os autores defendem que a CI é destinada ao atendimento das necessidades de informação do público em geral, justificáveis social e individualmente. A importância do conhecimento na sociedade atual é de tal forma vital, que, transmitir conhecimento àqueles que dele necessitam, é uma responsabilidade social e cabe à Ciência da Informação responsabilizar-se por isso.

Seguindo essa linha da função social da CI e baseado na assertiva “informação é conhecimento em ação”⁷, Wersig (1992) desenvolve uma análise sobre a evolução do papel

⁷ Expressão utilizada por Kuhlen (1990) significa que o comportamento racional necessita de conhecimento. Esse conhecimento deve ser transformado em algo que dê suporte a uma ação específica numa situação específica: a informação. Para melhor entendimento da idéia de Kuhlen, recorreremos à distinção entre informação e conhecimento feita por Fogl (1979) e citada por Zandonade (2003): “O resultado da cognição é o conhecimento. [...] À forma material da existência do conhecimento chamamos de informação. Em outras

do conhecimento na sociedade. Para ele, é possível compreender o advento da Documentação, no início do século XX, como resposta para algo além da explosão documental, fator causal consensualmente apontado por autores da área.

We can observe that through several centuries the role of knowledge for individuals, organizations, and societies changed in several ways, and these changes became apparent from the beginning of this century and approximately since the 1960s are becoming a part of a large turnover which sometimes is called "postmodernism" (WERSIG, 1992, p. 231)⁸.

Wersig analisa quatro traços relevantes nessa evolução: a despersonalização, a credibilidade, a fragmentação e a racionalização do conhecimento. A relevância da análise de Wersig, para esta pesquisa, consiste nas relações que podem ser estabelecidas entre memória e conhecimento no campo da CI e como as mudanças no papel do conhecimento na sociedade podem implicar nos estudos sobre memória desenvolvidos na área.

A despersonalização está relacionada às tecnologias utilizadas para comunicar o conhecimento. Até o surgimento da escrita, o conhecimento era baseado na experiência pessoal e na tradição e transmitido oralmente. Mesmo com a invenção da imprensa e a possibilidade de transmissão do conhecimento sob a forma de informação registrada, a transmissão oral continuou a desempenhar papel relevante, na medida em que eram poucos os que dominavam a leitura. No entanto, a partir da segunda metade do século XIX, a massificação das tecnologias impressas reduziu o uso da oralidade e aumentou progressivamente a dissociação da transmissão do conhecimento de seu produtor, movimento potencializado pelo desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação no século XX (WERSIG, 1992).

A credibilidade é relacionada às tecnologias de observação. Ressalta Wersig que, por longo tempo, o conhecimento produzido podia ser provado pela observação do mundo. No entanto, com a sofisticação da tecnologia, dos métodos de pesquisa e das teorias, especialmente a partir do início do século XX, vive-se uma situação na qual é preciso aceitar

palavras, a informação é um elemento definido do conhecimento, expresso por meio da linguagem natural ou de outros sistemas de signos, apreendidos pelos órgãos dos sentidos" (FOGL, apud Zandonade, T. *As implicações da epistemologia social para uma teoria da recuperação da informação*. 2003).

Capurro (2007) também analisa a expressão de Kuhlen: "o trabalho informativo é um trabalho de contextualizar ou recontextualizar praticamente o conhecimento. O valor da informação, sua mais-valia com respeito ao mero conhecimento, consiste precisamente da possibilidade prática de aplicar um conhecimento a uma demanda concreta. Assim considerado, o conhecimento é informação potencial. (CAPURRO, 2007, p. 9 - 10).

⁸ "Podemos observar que através dos séculos o papel do conhecimento para indivíduos, organizações e sociedades mudou de várias formas, e essas mudanças tornaram-se evidentes no início desse século e aproximadamente desde 1960 fazem parte de uma grande mudança algumas vezes chamada de "pós-modernismo" (WERSIG, 1992, p. 231, tradução nossa).

o conhecimento compreendido ou provado por aqueles que conseguem fazê-lo. Essa situação extrapola o conhecimento científico e, cada vez mais, nossa observação do mundo é mediada pela tecnologia, o que requer uma postura crítica em relação às tecnologias utilizadas na produção do conhecimento, especialmente no que tange à captura e manipulação dos dados (WERSIG, 1992).

Na análise do terceiro traço, a fragmentação do conhecimento, Wersig identifica três aspectos: a produção fragmentada, consequência de diferentes padrões utilizados em diferentes campos de conhecimento ou até em um mesmo campo; a necessidade fragmentada, decorrente de um pluralismo social, onde os indivíduos se movimentam em grupos sociais distintos demandando conhecimentos diversos, gerados em diferentes campos; e a representação fragmentada, possibilitada pela diversidade de sistemas de representação do conhecimento e de mídias. Essa tripla fragmentação gera dificuldades no processo de busca da informação.

O quarto traço identificado por Wersig é a racionalização do conhecimento associada, pelo autor, à tecnologia da informação. O aumento do conhecimento acerca do mundo e o predomínio do conhecimento científico na sociedade levam à “racionalização da ação”, uma ação baseada em cálculos viabilizados por modelos padronizados, que deveriam estar disponíveis para todos. Essa tendência, ampliada pela tecnologia da informação, é criticada por Wersig quando este afirma que a redução do comportamento racional ao comportamento de cálculo resulta em dificuldades, uma vez que nem todo conhecimento é passível de cálculo.

Portanto, para Wersig, a Ciência da Informação deve centrar esforços em estratégias de ação capazes de auxiliar as pessoas no uso do conhecimento, numa sociedade que tende a ficar cada vez mais confusa. Uma sociedade confusa diante do conhecimento apresenta demandas que justificam a existência de uma ciência dedicada à solução dos problemas informacionais por ela enfrentados.

A posição de Wersig pode ser enriquecida com a análise crítica da sociedade construída pelo sociólogo Zygmunt Bauman⁹, a partir da percepção das características do que ele define como “vida líquida” e “modernidade líquida”. Essas características são o efêmero, a fluidez e a velocidade¹⁰.

⁹ Sociólogo polonês radicado na Grã-Bretanha, professor da Universidade de Leeds, e estudioso dos problemas da pós-modernidade.

¹⁰ Algumas características apontadas por Bauman são, também, objeto das reflexões de outros autores estudiosos da pós-modernidade. Paul Virilio, filósofo francês, aborda a questão da velocidade em suas obras *Vitesse et*

A ‘vida líquida’ é uma forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna. ‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente (BAUMAN, 2005, p.7).

Numa sociedade com essas características, as experiências passadas e a tradição acabam se tornando irrelevantes. A rápida incorporação de novos padrões, novas metas, novos valores, enfim, a adesão à modernidade, mais do que desejável, é a única forma de garantir a sobrevivência.

[...] aprender com a experiência a fim de se basear em estratégias e movimentos táticos empregados com sucesso no passado é pouco recomendável: testes anteriores não podem dar conta das rápidas e quase sempre imprevisíveis mudanças de circunstâncias. Prever tendências futuras a partir de eventos passados torna-se cada dia mais arriscado e, frequentemente, enganoso (BAUMAN, 2005, p.7-8).

Bauman ressalta, também, as implicações da regra universal do descarte. Na sociedade líquido-moderna, nada pode reivindicar a condição de perenidade, tudo é descartável e rapidamente substituído: objetos, objetivos, relações, identidade.

“Destrução criativa” é a forma como caminha a vida líquida, mas o que esse termo atenua e, silenciosamente, ignora é que aquilo que essa criação destrói são outros modos de vida e, portanto, de forma indireta, os seres humanos que os praticam. A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciososa da dança das cadeiras, jogada para valer. [...] As chances mais amplas de vitória pertencem às pessoas que circulam perto do topo da pirâmide do poder global, para as quais o espaço pouco significa e a distância não é problema (BAUMAN, 2005, p.9).

Diante desse quadro, a função social da memória na construção e transmissão do conhecimento, parece extemporânea. O mesmo poderia ser dito de arquivos, bibliotecas e museus, as chamadas instituições de memória, socialmente legitimadas e compreendidas como espaços dedicados ao passado.

Cabe, aqui, uma reflexão. Se, como propunha Wersig, a CI deve centrar esforços para responder às demandas da sociedade, pode-se questionar: como a Ciência da Informação vem lidando com as necessidades informacionais dessa sociedade, em constante movimento de renovação? Nesse contexto, cabe a preocupação com o tema memória no escopo da CI? Ao falar de memória, do que fala o cientista da informação? Da preservação dos registros

informativos? Da influência dos processos cognitivos na representação e recuperação da informação? Da utilização das tecnologias de informação?

Obviamente, a consolidação dos padrões dessa vida líquida descrita por Bauman não se dá sem antagonismos e resistências. A sociedade do efêmero, na qual se defrontam questões de ordem ideológica, ética, econômica e tecnológica, parece reforçar a necessidade de tornar explícitas as concepções de memória que permeiam o conhecimento produzido pela Ciência da Informação. Isto talvez ajude a entender o papel que a área pretende, ou deveria pretender, desempenhar no processo social de construção da memória.

Como referencial teórico, adotamos a proposta de Wersig sobre a construção do conhecimento na CI. Para o autor, além de construir estratégias para lidar com os problemas informativos, a CI deve, também, construir uma estrutura teórica que, devido às características da disciplina, não pode ser desenvolvida da maneira clássica. A necessidade básica seria obter um panorama geral da área, considerando o conhecimento produzido em outras áreas, que chega à CI de forma fragmentada. Com esse objetivo, Wersig elaborou um modelo desenvolvido em três estágios (WERSIG, 1992).

O primeiro consiste na redefinição de modelos/conceitos científicos genéricos a partir dos propósitos da CI, desde que relevantes para a área:

The first step in theory-building would be to take such – relevant – existing, broad concepts/models, confront them with processes of reality, ask for their potential purpose in information science and then re-formulate them or go on to newly created models (WERSIG, 1992, p. 213)¹¹.

O segundo consiste na reformulação científica de interconceitos, que seriam conceitos autoevidentes. Alguns conceitos com os quais precisamos lidar, observa Wersig, não são tratados cientificamente por parecerem pertencer ao senso comum, e, apesar de não possuírem domicílio científico específico, quando apropriados pelas disciplinas tradicionais, não recebem uma abordagem transdisciplinar, sendo tratados sob um ponto de vista restrito. Conhecimento, arte, fotografia, e cultura são alguns exemplos de interconceitos citados por Wersig. A reformulação científica consistiria em tomá-los, buscando suas personificações, suas origens na evolução humana e suas apropriações nas disciplinas específicas, promovendo sua ressignificação no âmbito da CI (WERSIG, 1992).

¹¹ “O primeiro passo na construção da teoria seria tomar os conceitos/modelos gerais que fossem relevantes, confrontá-los com os processos da realidade, questionar seu potencial para a Ciência da Informação e, então, reformulá-los ou partir para modelos recém-criados” (WERSIG, 1992, p. 213, tradução nossa).

Finalmente, Wersig apresenta um terceiro estágio no qual modelos científicos e interconceitos, tratados independentemente uns dos outros, seriam entrelaçados por indivíduos ou equipes, resultando numa rede de conceitos. Os interconceitos funcionariam como “atratores” de materiais de diversas disciplinas específicas para a estrutura científica da informação, onde seriam reestruturados. O trabalho teórico da CI deve ser interconceitual, de caráter evolucionista, sinóptico e transdisciplinar (WERSIG, 1992).

Na perspectiva de Wersig, a Ciência da Informação seria, portanto:

[...] a framework of broad scientific concepts or models and reformulated common concepts which are interwoven under two aspects: how they have developed and now they can be put together from the viewpoint of the problem of knowledge usage under postmodern conditions of informatization. Since everything is connected with everything somehow information science would have to develop some kind of conceptual navigation system (which perhaps develops into the postmodern form of theory)¹² (WERSIG, 1993, p. 238- 239).

Adotando o modelo proposto por Wersig procuramos identificar os atratores do conceito de memória na Ciência da Informação e compreender suas reformulações na “estrutura científica da informação” (WERSIG, 1992).

Considerando a variedade de definições adotadas para alguns termos no âmbito da CI, a começar pelo termo informação, por si só polissêmico e objeto de tantas reflexões e debates inconclusos, consideramos necessário explicitar o entendimento aqui adotado acerca de alguns deles. Cabe ressaltar que as definições utilizadas nesta tese foram estabelecidas a partir do olhar da autora e, portanto, limitadas à sua compreensão da CI e de seu objeto, com o objetivo específico de nortear este trabalho investigativo.

No âmbito desta pesquisa, partimos da expressão de Kuhlen (1990), referendada por Wersig:

Information is knowledge in action (Kuhlen, 1990). That means: Rational behavior, in all senses of “rational”, needs knowledge. This knowledge has to

¹² “[...] um arcabouço de conceitos científicos genéricos ou modelos de conceitos comuns reformulados entrelaçados sob dois aspectos: como eles foram desenvolvidos e como eles podem ser unidos através do ponto de vista do problema do uso do conhecimento sob as condições pós-modernas da informatização. Desde que tudo está interligado com tudo, de alguma forma a ciência da informação teria que desenvolver algum tipo de sistema de navegação conceitual (desenvolvido talvez numa forma pós-moderna de teoria)” (WERSIG, 1993, p. 238 e 239, tradução nossa).

*be transformed into something that supports a specific action within a specific situation*¹³ (WERSIG, 1993, p.2229).

Para melhor entendimento da idéia de Kuhlen, recorremos à distinção entre informação e conhecimento feita por Fogl (1979) e citada por Zandonade (2003):

O resultado da cognição é o conhecimento. [...] À forma material da existência do conhecimento chamamos de informação. Em outras palavras, a informação é um elemento definido do conhecimento, expresso por meio da linguagem natural ou de outros sistemas de signos, apreendidos pelos órgãos dos sentidos. (FOGL, apud ZANDONADE, 2003, p. 34).

Capurro (2007) ao analisar a expressão de Kuhlen, afirma:

[...] o trabalho informativo é um trabalho de contextualizar ou recontextualizar praticamente o conhecimento. O valor da informação, sua mais-valia com respeito ao mero conhecimento, consiste precisamente da possibilidade prática de aplicar um conhecimento a uma demanda concreta. Assim considerado, o conhecimento é informação potencial (CAPURRO, 2007, p. 9-10).

Portanto, o conhecimento não é considerado aqui como um componente da cadeia: dado → informação → conhecimento, mas como aquilo que sabemos e que dá suporte à ação ao ser externalizado, materializando-se como informação.

Silva e Ribeiro (2002) apresentam uma definição de informação que julgamos importante referenciar. Sua amplitude descarta recortes verificados em outras concepções que limitam o campo da CI à informação científica ou à informação registrada:

Conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registradas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidirecionada (SILVA e RIBEIRO, 2002, p. 37).

Essa definição também explicita dois aspectos relevantes na construção e na transmissão da memória: a informação como fenômeno social e a possibilidade de comunicação assíncrona e multidirecionada, proporcionada pelo seu registro.

Com relação ao termo documento, também objeto de concepções distintas, parte-se de uma concepção de documento como suporte de informação, adotando-se a definição constante do Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005): “unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato”. Cabe ressaltar que as possíveis distinções entre documentos de arquivo e de biblioteca, documentos científicos e

¹³ “Informação é conhecimento em ação. Isso significa: o comportamento racional, em todos os sentidos de “racional”, precisa de conhecimento. Esse conhecimento tem que ser transformado em algo que dê suporte a uma ação específica, em uma situação específica” (WERSIG, 1993, p.229, tradução nossa).

administrativos ou entre documentos analógicos e digitais, pressupõem essa definição geral como ponto de partida.

Assim, este trabalho constitui-se em uma pesquisa descritiva e explicativa sobre a apropriação do conceito de memória na literatura especializada em Ciência da Informação no Brasil. Adota a pesquisa documental e bibliográfica (GIL, 1999) como procedimento e, como método, a análise de conteúdo (BARDIN, 2004). Na análise dos dados, utilizamos, também, a definição de conceito de Dahlberg: “unidade de conhecimento que surge pela síntese dos predicados necessários relacionados com determinado objeto” (DAHLBERG, 1978).

A coleta dos dados e sua análise quantitativa foram viabilizadas pelo Corpógrafo¹⁴, plataforma de análise sobre *corpora*, desenvolvida para produção de recursos lingüísticos, como dicionários e tesouros, em suporte informático, que disponibiliza um conjunto de ferramentas voltadas para a pesquisa terminológica na língua portuguesa. O Corpógrafo permite, aos seus usuários, a criação de seu *corpus* pessoal e a organização dos conteúdos dos arquivos em diversos *corpora*.

Além disso, esta ferramenta possibilita a pesquisa de expressões regulares, para a obtenção de concordâncias, e de estudos de *N*-gramas,¹⁵ para a verificação de ocorrência de termos e de candidatos a termos nos *corpora*.

Foram utilizados dois tipos de pesquisa de concordâncias: a concordância por frase, na qual o termo é apresentado no contexto da frase em que ocorre, e a concordância por janela, onde o termo é apresentado em uma janela, acompanhado de outras janelas com os átomos que o antecedem e precedem, em número que pode variar de 0 a 15. Na pesquisa por janela, a expressão `\w+` permite pesquisar, simultaneamente, todas as palavras com o mesmo prefixo ou sufixo. Sempre que possível esse recurso foi utilizado nesta investigação. A pesquisa com a expressão `memó\w+` foi feita com quatro janelas anteriores e quatro posteriores ao termo.

¹⁴ Sobre o Corpógrafo, ver: Belinda et al. Introduzindo o Corpógrafo: um conjunto de ferramentas para criar corpora especializados e comparáveis e bases de dados terminológicas. *Terminómetro - Número especial nº 7 - A terminologia em Portugal e nos países de língua portuguesa em África* (2005), pp. 61-62.

¹⁵ Um *N*-grama é uma sequência de *n* elementos extraída de uma sequência maior. Estudo tradicional no âmbito da lingüística computacional, a pesquisa por *N*-grama permite saber com que frequência ocorrem as palavras nos *corpora*. Fonte: PINTO, Ana S. *Introdução à utilização do Corpógrafo: um pequeno tutorial*. Disponível em: <<http://193.137.34.101/corpografo/docs/tutorial.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2010.

Para a identificação dos conceitos atratores e das apropriações e reformulações do conceito de memória na literatura analisada, optamos por pesquisar os termos mais frequentes nos *corpora* e as seguintes associações do termo memória a outros termos:

1. Associações diretas, utilizando as expressões memória e e e memória.
2. Adjetivações, acrescentando-se um átomo ao termo memória.
3. Extensões, utilizando as expressões memória de e de memória.

As categorias adotadas para a classificação dos documentos constitutivos dos *corpora* foram pré-estabelecidas a partir de três possibilidades de abordagens identificadas nos estudos de Paul Otlet e Vannevar Bush, como veremos adiante, e atendem aos seguintes critérios:

- Categoria 1 - Memória humana: artigos que, ao abordar o tema memória, dirigem seu foco para a faculdade humana de conservar, recordar e transmitir informações, sentimentos e experiências, bem como sua relação com os processos cognitivos.
- Categoria 2 - Memória artificial: artigos que tem como foco a memória exteriorizada como extensão da memória humana, uma memória adicional possibilitada por recursos tecnológicos, ou um procedimento técnico que permite sua fixação e facilita sua recuperação, seja uma técnica mnemônica, um registro escrito ou um disco rígido.
- Categoria 3 - Memória social: artigos cujo foco recai sobre os registros da informação como memória socialmente construída, representada e compartilhada por um grupo, estejam eles institucionalizados (compondo os acervos de arquivos, bibliotecas e museus) ou não.

A “leitura flutuante”, primeira etapa da pré-análise, conforme Bardin, permitiu delimitar o universo a ser analisado. Com os objetivos previamente determinados, foi escolhido o conjunto de documentos que compõem o *corpus* da pesquisa, “susceptíveis de fornecer informações sobre o problema levantado” (BARDIN, 2004, p.90).

Para melhor compreensão do tratamento dado ao conceito de memória no âmbito da CI e seus reflexos no conhecimento produzido pelos cientistas da informação no Brasil, foram consideradas, como universo, as seguintes fontes de informação:

1. Base Library and Information Science Abstracts (LISA).
2. Artigos dos periódicos nacionais especializados em Ciência da Informação.
3. Anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB).
4. Teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) existentes no Brasil.

A base LISA foi escolhida após tentativas insatisfatórias de definição de um universo representativo da produção especializada em Ciência da Informação.

Com relação aos periódicos nacionais, foram considerados aqueles referenciados pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) como especializados em Ciência da Informação, em sua página na Internet. Além disso, foi incluído o periódico *Informare*, publicado pela UFRJ e o IBICT de 1995 a 2000, por ser um produto do programa de pós-graduação em CI mantido através de convênio entre essas instituições. Pela mesma razão foram incluídos os periódicos: *Revista de Biblioteconomia de Brasília* - fruto de parceria entre a Associação de Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF) e o então Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília - e *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, antecessora do periódico *Perspectivas em Ciência da Informação*.

Conforme se observa no Quadro 1, alguns desses periódicos ainda não existiam no recorte cronológico contemplado pela pesquisa (1972/2005), motivo pelo qual não foram analisados.

Cabe ressaltar, que o periódico *Informare* foi o único que dedicou um número específico ao tema memória, sob o título *Informação, Memória e Sociedade* (n. 2, v. 4, jul-dez 1998), nos marcos temporais pesquisados.

Periódicos	Ano de início da publicação
Brazilian Journal of Information Science	2006
Ciência da Informação	1972
DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação	1999
Encontros Bibli	1996
Informação & Informação	1996
Informação e Sociedade: Estudos	1991
Informare	1995
Liinc em Revista	2005
Perspectivas em Ciência da Informação	1996
Ponto de Acesso	2007
Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG	1972
Revista de Biblioteconomia de Brasília	1973
Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	2003

Revista Ibero-americana de Ciência da Informação	2008
Transinformação	1989
Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	2008

Quadro 1: Periódicos nacionais em Ciência da Informação

Fonte: elaboração própria, a partir das informações disponíveis em <http://www.ancib.org.br/periodicos-em-ci>. Acesso em agosto de 2009.

A pesquisa nos periódicos nacionais foi feita nas páginas dos periódicos disponíveis na Internet e na base de dados ABCDM desenvolvida pelo Prof. Jayme Leiro, da Universidade de Brasília. A ABCDM indexa os periódicos nacionais das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Documentação e Museologia.

A pesquisa referente às teses e dissertações foi feita nas páginas dos programas de pós-graduação em CI disponíveis na Internet, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), e na base de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), durante o ano de 2008.

As informações referentes às dissertações da Universidade Federal da Paraíba (UFPb) foram obtidas em pesquisa realizada no acervo da Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade e em dois documentos fornecidos pela secretaria do Programa: o *Catálogo de dissertações: 1980-1998*, editado pelo Curso de Mestrado em Ciências da Informação, em 1999, e uma relação não publicada das dissertações e seus respectivos autores defendidas nos Cursos de Mestrado em Biblioteconomia e Ciências da Informação, de 1980 a 2004.

Com relação aos cursos de pós-graduação, cabe uma ressalva. Apesar da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) incluir os programas de pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em sua lista de programas de pós-graduação na área, nesta pesquisa adotou-se o entendimento da CAPES, que não inclui os programas citados. Além disso, observou-se que a inclusão do programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, em função de sua especificidade, provocaria um viés significativo nos resultados da pesquisa.

Universidades
1. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)
2. Universidade Federal Fluminense (UFF) / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)
3. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
4. Universidade de Brasília (UnB)
5. Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCamp)
6. Universidade Federal da Bahia (UFBa)
7. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
8. Universidade Federal da Paraíba (UFPb)
9. Universidade Estadual Paulista (UNESP)
10. Universidade de São Paulo (USP)

Quadro 2: Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil

Fonte: elaboração própria a partir dos dados disponíveis em <http://conteudoweb.capes.gov.br/>. Acesso em dezembro de 2008.

Num primeiro momento, foram definidos dois conjuntos documentais, ou dois *corpora* distintos: o primeiro é composto pelos artigos referentes ao tema memória identificados na Base LISA; o segundo é composto pelas demais fontes de informação selecionadas: artigos de periódicos, comunicações dos ENANCIBs e teses e dissertações. Ambos foram analisados com o objetivo de verificar as hipóteses desta tese.

A composição dos *corpora* foi feita em duas etapas. Em cada uma delas, foram estabelecidos recortes específicos:

. 1ª etapa

Nesta etapa, os recortes estabelecidos foram o marco temporal, de 1972 a 2005, e a ocorrência dos descritores: *memo*, *mnemo*, *memória* e *memory*, no caso da base LISA.

Observado o recorte de tempo, a ocorrência única de qualquer um desses descritores (unidade de registro) nos campos título, palavras-chave e/ou assunto dos documentos (unidade de contexto) foi o indicador utilizado para sua seleção.

No caso dos documentos que não dispunham nem de palavras-chave e nem de assunto, o resumo foi incluído como elemento de análise. Isso foi necessário para os primeiros números dos periódicos *Datagramazero*, *Revista de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais* e *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. O mesmo procedimento foi adotado para a seleção de documentos nos anais dos primeiros ENANCIBs - I ao IV, que registram apenas título e resumo das comunicações.

Feitos os recortes, iniciou-se uma segunda etapa na qual cada *corpus* foi submetido a procedimentos distintos de análise.

. 2ª etapa

Corpus Base LISA: a partir da leitura dos resumos, os documentos foram analisados quantitativamente e, em seguida, classificados nas três categorias de estudos de memória definidas a partir dos textos de Otlet e Bush.

Corpus Amostra 1: denominou-se Amostra 1 o conjunto de documentos representativos da produção brasileira resultante dos recortes efetuados na 1ª etapa. Sobre essa amostra, foi efetuado um novo recorte, utilizando-se como parâmetro a existência de vínculo institucional dos autores com os cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação, quando da realização e divulgação dos trabalhos. O conjunto resultante deste novo recorte foi denominado de Amostra 2.

Foram considerados trabalhos de professores, estudantes e egressos dos cursos. No caso dos egressos, foram desconsiderados os documentos produzidos no espaço de outros programas de pós-graduação, aos quais os autores, mestres ou doutores em CI, se vincularam posteriormente. Exemplo dessa situação são os trabalhos de Icléia Thiesen e Vera Dodebei: aqueles produzidos durante a permanência do vínculo com o PPGCI da UFRJ/IBICT, ou em decorrência dos estudos nele realizados, foram considerados. Por outro lado, artigos e comunicações decorrentes de atividades profissionais desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, contabilizados no *corpus* Amostra 1, não fazem parte do *corpus* Amostra 2.

Alguns egressos dos cursos de pós-graduação em CI não estabeleceram vínculos acadêmicos posteriores com outras universidades ou outros programas de pós-graduação. Neste caso, os trabalhos por eles produzidos foram considerados como produto dos programas de pós-graduação que cursaram.

Na Amostra 2, foram analisadas duas variáveis referentes às condições de produção das mensagens: 1. A formação superior em nível de graduação dos autores dos trabalhos (emissor); 2. A área de concentração dos programas à qual os trabalhos estão vinculados (contexto). Na verificação desta segunda variável incluímos uma análise superficial dos grupos de pesquisa em Ciência da Informação atualmente registrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Após a análise dos dados da Amostra 2, consideramos necessário verticalizar a análise qualitativa nas teses e dissertações, de forma a obter maior clareza sobre as apropriações e

reformulações do conceito de memória na Ciência da Informação. Para isso, ampliamos a unidade de contexto, incluindo introdução, referenciais teóricos e conclusões dos documentos analisados.

Assim, o relato desta investigação está estruturado da seguinte forma:

Esta introdução, onde foram explicitados os aspectos motivadores desta tese; seus objetivos, problemas e hipóteses, bem como os referenciais teóricos e os procedimentos metodológicos adotados na sua execução.

A seção 2, onde são recuperados estudos sobre memória, cuja leitura permitiu observar abordagens distintas do tema. Nessa seção, também é ressaltado o papel da memória na aquisição, conservação e transmissão do conhecimento, bem como as transformações nesse papel em função das possibilidades de construção de uma memória exteriorizada, a partir do uso das tecnologias disponíveis. Aborda, ainda, a questão da memória sob uma ótica especificamente arquivística, procurando explicitar o papel dos arquivos na preservação de uma parcela da memória social e a avaliação de documentos como o procedimento arquivístico diretamente relacionado à esse papel.

A seção 3, na qual se procurou observar como o tema memória foi tratado no momento da institucionalização da Ciência da Informação, através de textos considerados fundadores da área. A não explicitação do tema nesses estudos nos levou a retroceder no tempo e buscar nas origens da CI, mais especificamente nos estudos de Paul Otlet e Vannevar Bush, possibilidades de abordagem do tema memória, tendo em vista o objeto informação.

A seção 4, onde são apresentados os dados da pesquisa, acompanhados de análises parciais que buscam contemplar tanto o aspecto quantitativo quanto o aspecto qualitativo. Essas análises atenderam a níveis diferenciados de profundidade, estabelecidos em função dos objetivos a serem atingidos e das respostas devidas aos problemas formulados.

Finalmente, a seção 5, com as considerações finais desse trabalho investigativo, onde procuramos relacionar os resultados obtidos ao problema de pesquisa e confirmar as hipóteses aqui formuladas.

Complementam este documento, os apêndice e os anexos. No apêndice, constam as informações sobre os documentos componentes do *corpus* da pesquisa e as tabelas geradas pelo Corpógrafo, que subsidiaram as análises aqui realizadas. Nos anexos, encontram-se informações referentes aos documentos componentes dos *corpora* analisados, aos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil e às linhas de pesquisa em CI cadastradas

no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A memória, a informação e seus registros

2.1.1 Os estudos sobre memória

A diversidade de abordagens através das quais o tema memória pode ser abordado, não faz da escolha dos autores a serem referenciados uma tarefa muito fácil. Assim sendo, estabelecemos como critério nesta pesquisa, adotar aqueles que poderiam contribuir para nossa visão geral sobre o tema, bem como aqueles cujos estudos estabelecem relações mais evidentes entre a memória e os registros de informação.

De forma genérica, pode-se definir memória como a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado, evocá-los e retransmiti-los às novas gerações, graças a um conjunto de funções psíquicas.

Desde o tempo em que a memória era considerada um dom divino, na Grécia Arcaica, passando pelo processo de laicização, a partir do qual foram desenvolvidas as técnicas mnemônicas, pela retórica, pela ética, até o período no qual passou a ser estudada na perspectiva científica, muitos foram os pensadores e cientistas que contribuíram para melhor compreensão de seu conceito e dos fenômenos a ela relacionados.

Por muito tempo, durante a Antiguidade, a memória foi considerada algo sublime, religioso, que elevava os mortais ao mundo das divindades. Os gregos da época arcaica consideravam a memória uma entidade divina: a deusa Mnemosine, que conferia seu dom a determinados homens, como os poetas, por exemplo. A memória tinha, portanto, um sentido místico, supra-individual (BARRENECHEA, 2005), já que as divindades se expressavam através de seus intérpretes: os homens que lembravam.

Na trajetória de suas práticas e conceitos, a memória passa por um processo de laicização e, como parte da retórica, desempenha um papel de fundamental importância no desenvolvimento das idéias na Europa, conforme mostra Frances Yates em sua obra *The Art of Memory* (1966).

Observa Le Goff (2003) que a laicização da memória, combinada com a invenção da escrita, permitiu à Grécia o desenvolvimento da mnemotécnica, que Yates prefere chamar de arte da memória. Essa arte propõe um conjunto de regras que permite a reprodução de discursos através da construção de lugares na memória, nos quais são dispostas,

ordenadamente, imagens representativas das palavras e idéias que precisam ser lembradas. Ao utilizar as técnicas mnemônicas, os oradores da Antiguidade proferiam seus discursos percorrendo um lugar imaginário, onde estavam depositadas as imagens construídas.

Yates (2007) recorre ao *De oratore*, de Cícero, para relatar a história da invenção da arte da memória pelo poeta Simônides de Ceos (c. 556-468 a.C.). Durante um banquete oferecido por um nobre da Tessália de nome Scopas, o poeta teria declamado um poema em louvor ao anfitrião, no qual incluiu uma passagem em louvor aos deuses Castor e Pólux. Scopas, então, decide pagar apenas metade do combinado a Simônides e lhe diz que vá cobrar a outra parte dos deuses a quem ele havia louvado. Dentro de algum tempo, Simônides foi chamado para atender a dois jovens que o esperavam do lado de fora, mas não encontrou ninguém. Antes de Simônides retornar ao salão, o teto desaba, matando Scopas e todos os convidados. Castor e Pólux teriam, então, retribuído a homenagem de Simônides poupando-lhe a vida. Devido à deformação dos corpos, o único que conseguiu identificar os cadáveres foi o poeta, que, por lembrar do lugar ocupado pelos convidados à mesa, pode indicar, aos familiares, quais eram seus mortos.

Ao notar que fora devido a sua memória dos lugares onde os convidados se haviam sentado que pudera identificar os corpos, ele compreendeu que a disposição ordenada é essencial a uma boa memória (YATES, 2007, p.18).

Pressupõe-se que, a partir desse acontecimento, Simônides de Ceos tenha estabelecido os elementos básicos da arte clássica da memória: os lugares, que corresponderiam aos suportes onde se fariam os registros, e as imagens neles depositadas, que corresponderiam ao que se quer lembrar. Os lugares permitem preservar a ordem seqüencial; as imagens a eles associadas permitem a lembrança do tema do discurso e da linguagem a ser utilizada na exposição do tema. A partir dessa combinação desenvolveram-se os métodos mnemônicos, especialmente no âmbito da retórica.

A possibilidade de objetivar o discurso através da escrita acarretou profundas modificações no que diz respeito ao papel da memória na transmissão do conhecimento. No *Fedro*, de Platão, o mito de Thoth e Thamus explicita o impasse, quando o deus egípcio Thoth, inventor das letras, apresenta sua invenção a Thamus, rei que deveria aprová-la ou não, de acordo com sua utilidade e benefício:

Este conocimiento, oh rey, hará más sabios a los egipcios y más memoriosos, pues se há inventado como um fármaco {phármakon} de la memoria y de la sabiduría.” Pero él [Thamus] le dijo: “Oh artificiosísimo Theuth! A unos les es dado crear arte, a otros juzgar qué de daño o provecho aporta para los que pretenden hacer uso de él. Y ahora tú, precisamente, padre que eres de las letras, por apego a

ellas, les atribuyes poderes contrarios a los que tienen. Porque es olvido lo que producirán en las almas de quienes las aprendan, al descuidar la memoria, ya que, fiándose de lo escrito, llegarán al recuerdo desde fuera, a través de caracteres ajenos, no desde dentro, desde ellos mismos y por sí mismos. No es, pues, un fármaco {phármakon} de la memoria lo que has hallado, sino un simple recordatorio. Aparencia de sabiduría es lo que proporcionas a tus alumnos, que no verdad. Porque habiendo oído muchas cosas sin aprenderlas, parecerá que tienen muchos conocimientos, siendo, al contrario, en la mayoría de los casos, totalmente ignorantes y difíciles, además, de tratar porque han acabado por convertirse en sabios aparentes en lugar de sabios de verdad. (FEDRO, 274d)

Thamus teria avaliado como um problema justamente a virtude atribuída por Theut à sua invenção: o registro externo da informação tornaria os homens menos sábios, já que a memória interna seria enfraquecida¹⁶.

O fato é que com o desenvolvimento da sociedade da escrita, conforme observa Barthes (BARTHES, apud LE GOFF, p. 437), a retórica passou a se relacionar, quase exclusivamente, com discursos escritos, o que sacrificou suas duas últimas operações, *actio* e *memoria*¹⁷.

Tal como Platão, que se refere à memória como o bloco de cera que trazemos na alma para gravar impressões, Aristóteles considera a memória um componente da alma humana. Em seu estudo *De memória et reminiscencia*, Aristóteles estabelece uma distinção entre ambas - memória e lembrança, ou reminiscência. A primeira seria a simples capacidade da alma em conservar o passado, a segunda é o trabalho no sentido da recuperação do que se deseja lembrar. Nesse esforço, Aristóteles sugere que se parta de algo semelhante, oposto ou interligado àquilo que se busca, através de um trabalho de associação. Aristóteles incluiu a memória como uma das funções cognitivas ou intelectivas, na sua teoria do conhecimento.

As imagens também desempenham papel fundamental nos estudos sobre memória desenvolvidos por Aristóteles, para quem até mesmo “pensar é impossível sem uma imagem

¹⁶ Silveira ressalta que essa crítica à escrita deve ser relacionada aos objetivos da maiêutica de “auxiliar a alma a trazer à consciência o conhecimento. Com efeito, o diálogo requer a participação efetiva da alma na discussão” (SILVEIRA, 2001, p.141). O problema seria a possibilidade de um texto escrito circular indistintamente entre os homens, desconsiderando a particularidade da alma a quem o discurso se dirige. Apesar disso, Silveira não considera adequado atribuir a Platão a tese de que a oralidade seja superior à escrita. Na verdade, a escrita tende a ser menos eficiente aos propósitos da retórica filosófica, mas o que deve ser avaliado é o quanto um discurso, oral ou escrito, converte a alma “na direção do que lhe é superior” (SILVEIRA, 2001, p.148).

¹⁷ Sobre a retórica, esclarece Le Goff: “A memória é a quinta operação da retórica; depois da *inventio* (encontrar o que dizer), a *dispositio* (colocar em ordem o que encontrou), a *elocutio* (acrescentar o ornamento das palavras e das figuras), a *actio* (recitar o discurso como um ator, por gestos e pela dicção) e, enfim, a *memoria* (*memoriae mandare*, “recorrer à memória)” (LE GOFF, 2003, p.437).

mental”. A memória seria um estado induzido por imagens mentais formadas a partir de coisas passadas. A parte da alma responsável pela produção de imagens seria também a responsável pela memória (ARISTÓTELES, tradução de HETT, 2000, p.291).

Yates observa que os estudos sobre a mnemônica na Antiguidade devem basear-se em três fontes latinas que sobreviveram ao tempo e chegaram até nós: o *Ad Herennium* (c. 86-82 a.C.), de um professor de retórica desconhecido, o *De oratore*, de Cícero (106-43 a.C.) e o *Institutio oratória* (c. 95 d.C.), de Quintiliano. Após analisar as três obras, a autora ressalta que a tradição da memória ocidental estabeleceu suas bases, não a partir das formulações de Cícero ou Quintiliano, mas, sim, a partir dos preceitos explicitados no *Ad Herennium*, única obra realmente completa sobre a arte clássica da memória. “Seu papel na transmissão dessa arte para a Idade Média e o Renascimento é de suma importância” (YATES, 2007, p. 22).

Yates identifica a presença do treinamento característico da mnemônica clássica nos escritos de Agostinho¹⁸, onde se encontram referências a imagens vindas de impressões sensoriais e a lugares (palácios, armazéns, grutas, câmaras) onde essas imagens estão guardadas. Ainda sobre Agostinho, acrescenta Le Goff:

Agostinho deixará em herança ao cristianismo medieval um aprofundamento e uma adaptação cristã da teoria da retórica antiga sobre a memória. Nas suas *Confissões*, parte da concepção antiga dos *lugares* e das *imagens* da memória. [...] Com Agostinho, a memória penetra profundamente no homem interior, no seio da dialética cristã do interior e do exterior, de onde saíram o exame da consciência, a introspecção, e também a psicanálise (LE GOFF, 2003, p.440-441).

Na Idade Média, a arte da memória desempenhou um papel central na vida escolar, literária e artística, mas passa por transformações decorrentes da difusão do cristianismo e do domínio da Igreja no campo intelectual, como observa Le Goff:

Cristianização da memória e da mnemotécnica, repartição da memória coletiva entre uma memória litúrgica girando em torno de si mesma e uma memória laica de fraca penetração cronológica, desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos santos, papel da memória no ensino que articula o oral e o escrito, aparecimento, enfim, de tratados de memória (*artes memoriae*), tais são os traços mais característicos das metamorfoses da memória na Idade Média” (LE GOFF, 2003, p. 438).

O judaísmo e o cristianismo podem ser descritos como “religiões da recordação” em função de vários aspectos, inclusive com relação ao livro sagrado e à tradição histórica que “insistem, em alguns aspectos essenciais, na necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental” (LE GOFF, 2003, p.438).

¹⁸ Santo Agostinho (354-430).

Le Goff destaca, no século XII, o aumento da difusão da escrita entre clérigos e literatos. As cartas que apóiam os direitos dos senhores feudais constituem, no domínio da terra, a memória feudal:

O exórdio da carta concedida em 1174 por Guy, conde de Nevers, aos habitantes de Tonnerre, declara: “O uso das letras foi descoberto e inventado para conservar a memória das coisas. Aquilo que queremos reter e aprender de cor fazemos redigir por escrito, a fim de que o que se possa reter perpetuamente na sua memória frágil e falível seja conservado por escrito e por meio de letras que duram sempre” (LE GOFF, 2003, p.445).

Apesar desses fatos e do aumento de manuscritos escolásticos, o recurso à memória continua, durante toda a Idade Média, a fundar-se mais na oralidade que na escrita (LE GOFF, 2003).

Observa Yates que, apesar da crescente demanda por ferramentas de auxílio à memória, é no humanismo renascentista que a arte da memória baseada na clássica associação de lugares e imagens passa a ser questionada. Alguns estudiosos, como Erasmo, defendem que o importante para a memória são três elementos: estudo, ordem e cuidado. Contudo, Yates identifica sua permanência durante o Renascimento através do neoplatonismo, principal movimento filosófico desse período, no qual a arte da memória é transformada em uma arte hermética¹⁹(YATES, 2007).

A autora ressalta também que, no século XVII, a memória sobrevive como um fator do desenvolvimento do método científico, sendo conhecida e estudada por Francis Bacon, Descartes e Leibniz:

Naquele século, a tradição da memória passou ainda por outra transformação: de método para memorizar a enciclopédia do conhecimento e refletir o mundo na memória a ferramenta de auxílio que permite investigar a enciclopédia e o mundo, com o objetivo de descobrir um novo conhecimento (YATES, 2007, p.458).

O conceito de memória e seu funcionamento começam a ser estudados, de forma sistemática, por várias áreas do conhecimento, a partir do século XIX.

A contribuição de Henri Bergson, considerado um dos filósofos mais importantes do século XX, foi um marco para os estudos da memória, ao abordá-la como algo que estava além da atividade física. Em sua obra *Matéria e Memória*, de 1896, Bergson procura superar a visão dualista que contrapunha espírito e matéria, ao estabelecer uma relação entre ambos a partir da memória.

¹⁹ Nesse período, Yates (2007) destaca a importância dos estudos de Giordano Bruno (1548 – 1600), para quem as “rodas da memória” funcionavam por magia.

O autor distingue dois tipos de memória: a memória hábito e a memória pura. A primeira, fixada no organismo, é a memória que adquirimos automaticamente através da repetição contínua de alguma coisa, seria “antes hábito que memória” (BERGSON, 1999, p.176)²⁰; a segunda seria a memória propriamente dita que independe da repetição para gravarmos, pois se refere ao ato de recordar imagens do passado.

Apesar de distinguir claramente a memória hábito da memória pura, longe de estabelecer uma relação de exclusão entre ambas, Bergson as vincula ao estabelecer uma relação de apoio mútuo.

[...] A memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é portanto uma memória quase instantânea para a qual a verdadeira memória do passado serve de base. [...] Para que uma lembrança apareça na consciência é efetivamente preciso que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso em que se realiza a ação (BERGSON, 2006, p.92).

Ao desenvolver uma abordagem psicológica, Bergson limita sua análise ao aspecto individual da memória, o que não diminui a importância de seu trabalho para o entendimento do tema. No entanto, além de fenômeno individual e psicológico, a memória também pode ser analisada enquanto fenômeno social, produto das relações sociais estabelecidas pelos homens. Esse enfoque passou a ser objeto de análise especialmente da Sociologia e da Psicologia no início do século XX, conforme indica Santos (2003):

Dois intelectuais, o sociólogo Maurice Halbwachs e o psicólogo Frederic Charles Bartlett, estabeleceram, nas primeiras décadas do século XX, as bases teóricas que nos permitem rejeitar com maestria a separação rígida entre memória e sociedade e definir a memória como sendo uma construção social. A contribuição desses autores (...) foi mostrar que a memória fazia parte de um processo social, em que indivíduos não são vistos como seres humanos isolados, mas interagindo uns com os outros, ao longo de suas vidas e a partir de estruturas sociais determinadas (SANTOS, 2003, p.33).

Barrenechea (2005) localiza o início dos estudos do aspecto social da memória a partir do século XIX, ressaltando a importância do pensamento de Nietzsche, expresso, especialmente, em sua obra *Genealogia da moral*. Nietzsche, afastando-se das concepções da metafísica e das religiões, entende a memória como algo criado, gerado e imposto socialmente. A memória surge quando são deturpadas as condições de espontaneidade do

²⁰ Neste trabalho, foi utilizada a tradução de Paulo Neves: NEVES, Paulo. *Matéria e memória*. 2. ed.: São Paulo: Martins Fontes, 1999. Publicação original: BERGSON, Henri. *Matière et mémoire*. 7. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1939. Em alguns momentos, recorreremos, também, à coletânea de textos: *Memória e vida* / Henri Bergson; textos escolhidos por Gilles Deleuze; tradução de Claudia Berliner; revisão técnica de tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006. – (Tópicos)

homem primitivo. Em sua origem, o homem é um bicho que esquece permanentemente. Apenas o instinto era necessário para a satisfação de suas necessidades. A inexistência da consciência e da memória possibilitava ao homem estar em contato permanente com as forças da natureza e digerir completamente suas experiências, da mesma forma que digeriria fisicamente os nutrientes. A memória teria surgido a partir da necessidade de fazer frente a grandes ameaças para a sobrevivência dos grupos, ou seja, ela surge a partir de determinadas condições sociais, razão pela qual não existe individualmente (BARRENECHEA, 2005).

Entre os estudiosos do tema, no entanto, existe um relativo consenso, em identificar o trabalho de Maurice Halbwachs como marco inaugural de um novo campo discursivo. Aluno de Bergson durante alguns anos, Halbwachs distancia-se do antigo mestre ao desenvolver estudos nos quais considerou a memória como fenômeno social, cabendo a ele a criação do termo memória coletiva. Apesar de reconhecer a existência de uma memória dita individual, Halbwachs (2004) sustentava que a memória deve ser entendida, sobretudo, como um fenômeno coletivo ou social. A memória individual contém, também, aspectos da memória do grupo social ao qual o indivíduo pertence e interage constantemente com a sociedade:

[...] podemos perfeitamente dizer que o indivíduo recorda quando assume o ponto de vista do grupo e que a memória do grupo se manifesta e se realiza nas memórias individuais (HALBWACHS, 2004a, p.11, tradução nossa).

Pertencente à segunda geração da chamada Escola Sociológica Francesa, Halbwachs inaugura uma corrente de pensamento que identifica na memória a função de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela “adesão afetiva”, ao proporcionar ao indivíduo o sentimento de pertencimento a um determinado grupo que compartilha memórias, a “comunidade afetiva” (HALBWACHS, 2004b, p.38, tradução nossa). Essa coesão é obtida através do que ele denominou de “quadros sociais da memória”, mecanismo estruturante através do qual os valores são compartilhados pelos diversos grupos sociais. Recordar, para o indivíduo, é, portanto, reconstruir o passado a partir dos quadros sociais presentes em seu grupo. Família, religião e classe social são elementos analisados por Halbwachs nas construções e no compartilhamento dos quadros sociais.

Os quadros sociais não são estruturas estanques e se modificam na dinâmica das interações sociais realizadas pelos indivíduos. Halbwachs identifica duas causas para essa modificação: a transformação da densidade das relações sociais e o nascimento de uma hierarquia de papéis dos indivíduos no grupo, resultante do fato de que cada indivíduo participa de diversos grupos.

O desenvolvimento social, no entanto, traz alguns complicadores para a memória coletiva. Nas sociedades tradicionais, a memória estava incorporada ao cotidiano através da tradição e dos costumes. No mundo moderno, ela precisa ser incorporada a lugares socialmente instituídos para ser produzida e reproduzida. Nesse sentido, Pierre Nora (1993) apresenta o conceito de “lugares da memória” como uma estratégia, inventada pelas sociedades contemporâneas, para o problema da perda de identidade dos grupos sociais e da ausência de rituais mnemônicos. “Há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA, 1993, p.7).

Arquivos, bibliotecas e museus são lugares de memória socialmente instituídos e legitimados para a preservação dos materiais da memória nacional, “chaves” da memória coletiva dos povos. Contudo, esses espaços são vulneráveis a aspectos econômicos, à racionalidade administrativa, à inovação tecnológica e à disputa ideológica que muitas vezes colocam em risco sua própria existência. Não é difícil identificar casos onde os argumentos utilizados na política de gestão da informação são destituídos de qualquer reflexão sobre a questão da memória.

A esses aspectos pontuais, já preocupantes, impõe-se o atual desenvolvimento da sociedade capitalista e das concepções e valores que a sustentam, mostrando a necessidade de acrescentar, à análise de base funcionalista de Halbwachs, a identificação da memória como objeto de manipulação e disputa de poder pelas forças sociais, abordagem posteriormente desenvolvida em outras áreas do conhecimento, especialmente na História e na Sociologia.

Huyssen, em seu livro “Seduzidos pela Memória” (2000), analisa aspectos relacionados ao que considera um dos fenômenos sociais mais surpreendentes dos anos recentes: a emergência da memória como uma das preocupações centrais das sociedades ocidentais. O autor identifica a disseminação geográfica de uma cultura da memória, chegando a afirmar que “a memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta” (HUYSSSEN, 2000, p.16). O crescimento dos discursos de memória na Europa e nos Estados Unidos no começo da década de 1980, especialmente aqueles relativos ao Holocausto, são acompanhados de um *boom* da moda “retrô” e do incremento do entretenimento memorialístico.

No entanto, ao mesmo tempo em que reconhece os discursos de memória como um fenômeno global alimentado pela mídia comercial, Huyssen levanta a hipótese de que as culturas de memória contemporâneas seriam formas de reação à globalização da economia,

uma vez que “o lugar político das práticas de memória é ainda nacional e não pós-nacional ou global” (HUYSSSEN, 2000, p.17).

Huyssen também ressalta a influência do aspecto tecnológico no desejo de privilegiar o passado e observa que há

[...] uma lenta, mas palpável transformação da temporalidade nas nossas vidas, provocada pela complexa interseção de mudança tecnológica, mídia de massa e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global (HUYSSSEN, 2000, p.25).

As culturas de memória seriam, também, uma reação à crescente compressão do espaço-tempo resultante da velocidade na qual ocorrem as inovações tecnológicas, uma tentativa de “garantir alguma continuidade dentro do tempo, para propiciar alguma extensão do espaço vivido dentro do qual possamos respirar e nos mover” (HUYSSSEN, 2000, p.30).

Enfim, Huyssen afirma que uma nova configuração de tempo e espaço emergirá da negociação entre “as práticas de memória nacionais e locais e os mitos do cibercapitalismo e da globalização, com sua negação de tempo, espaço e lugar” (HUYSSSEN, 2000, p.36). Apesar da constatação de que essas memórias serão modeladas pelas tecnologias digitais, Huyssen compreende que elas não serão redutíveis a essas tecnologias.

2.1.2 A informação e seus registros

Muito antes da escrita, o homem já registrava sua presença no mundo através de desenhos e sinais fixados em pedras. Sinais geométricos, desenhos de animais e figuras humanas encontrados em cavernas, entre elas as de Lascaux, na França e Altamira, na Espanha (c. 20000 a.C. – 15000 a.C), atestam essa presença. É possível afirmar que essas pictografias – figuras que representam coisas - e possíveis ideografias - símbolos que representam idéias - formaram a base da escrita posteriormente desenvolvida (MEGGS e PURVIS, 2009, p.19-20).

Como observa Georges Jean,

[...] a escrita propriamente dita só passou a existir a partir do momento em que foi elaborado um conjunto organizado de signos ou símbolos, por meio dos quais seus usuários puderam materializar e fixar claramente tudo o que pensavam, sentiam ou sabiam explicar (JEAN, 2008, p. 12).

Lévy ressalta que “nas sociedades sem escrita, a produção de espaço-tempo está quase totalmente baseada na memória humana associada ao manejo da linguagem” (LÉVY, 1993,

p.78). Sem dispor de meios de armazenamento, essas sociedades codificaram seus conhecimentos através de representações. Dramatização, personalização e artifícios narrativos são condições de perenidade nas culturas orais. Além das narrativas, as rimas dos poemas e dos cantos, as danças e os rituais cumprem uma função mnemotécnica (LÉVY, 1993).

No entanto, o aparecimento da escrita afeta profundamente a forma de transmissão da memória, propiciando à humanidade uma forma de armazenar e recuperar informações que transcende tempo e espaço.

A escrita teria nascido de uma razão bastante prosaica: a necessidade de registrar operações de compra e venda. As “placas de Uruk” (c. 4000 a.C.), primeiras placas de barro descobertas na região da Suméria, nada mais são que listas de sacos de grãos e de cabeças de gado. Sua evolução é lenta, complexa e, ainda hoje, não totalmente explicada. Nesse percurso, Jean (2008) destaca a importância do fonetismo²¹, idealizado por sumérios e egípcios, que consistia em fazer com que os símbolos correspondessem aos sons das palavras da língua falada e não apenas a coisas ou seres.

[...] o fonetismo, desenvolvendo-se por longos períodos, se elaborou de forma muito complexa, a ponto de os escribas sumérios terem de usar símbolos “classificadores” que permitissem saber se o signo evocava um objeto ou um som, e assim tornar mais fáceis a escrita e a leitura (JEAN, 2008, p 17).

A partir de então, as possibilidades de uso da escrita se multiplicaram permitindo a elaboração de códigos jurídicos, obras literárias e tratados científicos, tornando-se, além de uma forma de guardar vestígios da língua falada, uma forma de expressão.

A invenção do alfabeto simplificou os sistemas de linguagem visual. As centenas de signos e de caracteres das escritas cuneiforme e hieroglífica foram substituídas por pouco mais de vinte signos elementares, mais fáceis de serem aprendidos. A escrita alfabética, de origem ainda hipotética, foi, lentamente, transformando a sociedade ocidental e aglutinando “comunidades inteiras contra as limitações impostas pela memória, pelo tempo e pelo lugar” (MEGGS e PURVIS, 2009, p.34).

Se nas culturas baseadas na oralidade, a memória humana era a principal responsável pela transmissão e preservação das informações, com o advento da escrita, as memórias externas, ou os registros de informação, passam a assumir esse papel.

²¹ Princípio formador das escritas fonéticas, também chamado de foneticismo. HOLANDA, Sérgio B. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1990.

A prensa móvel surge como fator decisivo nesse processo²². Algumas resistências iniciais ao livro impresso, previsíveis numa sociedade adaptada ao registro manual da escrita, acabaram vencidas pela redução significativa de custo e de tempo de confecção. A disponibilidade do papel e a demanda crescente por livros, conjugadas à evolução da técnica de impressão tipográfica, ao mesmo tempo em que disseminavam a palavra escrita, foram, lentamente, substituindo a produção de manuscritos (JEAN, 2008).

A partir de meados do século XIX, a adoção da rotativa em substituição à prensa manual e, posteriormente, o aparecimento da linotipo reduzem significativamente o tempo necessário para a impressão, favorecendo a produção não só de livros, mas também de revistas e jornais. A possibilidade de impressão em larga escala afetará de forma definitiva a produção do conhecimento científico, resultando, inclusive, na formulação da Documentação, conforme será abordado no decorrer desta pesquisa.

Afirma Lévy (1993), que a impressão permitiu a instauração de um ambiente cognitivo. Ao invés de cópias raras que acumulavam erros e imagens distorcidas, as edições impressas eram periodicamente melhoradas e permitiam fixar e difundir o conhecimento, com maior rapidez e em grande escala.

Como destaca Draaisma (2005), durante o século XIX, à evolução das técnicas de impressão, somaram-se outras possibilidades de registro. A fotografia permitiu o registro direto de imagens, a cinematografia permitiu captar imagens em movimento e o fonógrafo permitiu a preservação do som.

A evolução dessas tecnologias continua no século XX, que testemunha o surgimento de uma tecnologia revolucionária - a informática, possibilitando a criação de um novo ambiente para o registro da informação – o ambiente digital, que passa a compartilhar com o ambiente analógico a função de memória exteriorizada, como observa Pinto (2007):

A materialização [das idéias e sentimentos], que como dissemos é necessária à comunicação assíncrona e multidireccionada da informação em tempo e espaços diferentes, é agora feita neste e através deste ambiente digital, já não sob a forma de registro escrito, manuscrito ou impresso, mas recorrendo a dispositivos/plataformas que constituem o(s) sistema(s) tecnológico(s) de informação (S.T.I.) – ambiente ou meio físico e lógico – que suportam actualmente as atividades cotidianas de indivíduos, comunidades e Estados (PINTO, 2007, p.103).

²² Apesar de pesquisadores atribuírem à China a confecção do primeiro livro impresso em caracteres metálicos móveis, em 1390, é a partir da criação da máquina de imprimir de Gutemberg, por volta de 1450, que o livro impresso começa a ser produzido no mundo ocidental (JEAN, 2008).

Tal como ocorreu com a imprensa no século XV, a informática possibilita capacidades até então desconhecidas no que se refere à codificação e à disseminação do conhecimento. Robredo (2003) ressalta a relação entre esses aspectos e os recursos tecnológicos:

A amplitude com que ocorre a codificação do conhecimento está intimamente ligada à tecnologia disponível. Das tabuletas de argila aos rolos de papiro, como suporte da escrita, ou do livro impresso à Internet como meio de publicação e difusão de materiais textuais e gráficos em geral, cada avanço tecnológico tem aumentado a facilidade com que o conhecimento pode ser codificado e difundido. O computador é a mais recente ferramenta para a codificação, reduzindo o conhecimento a uma série de dígitos binários (ROBREDO, 2003, p. 24 e 25).

Lévy ressalta a coexistência das diversas formas de registro, observando que a maioria dos conhecimentos dos quais nos valem na nossa vida diária nos foram transmitidos oralmente:

A persistência da oralidade primária nas sociedades modernas não se deve tanto ao fato de que ainda falemos (o que está relacionado com a oralidade secundária), mas à forma pela qual as representações e as maneiras de ser continuam a transmitir-se independentemente dos circuitos da escrita e dos meios de comunicação eletrônicos [...] Rumores, tradições e conhecimentos empíricos em grande parte ainda passam por outros canais que não o impresso ou os meios de comunicação audiovisuais (LÉVY, 1993, p.84).

Avançando nessa questão, Lévy apresenta o que denomina os três pólos do espírito: o pólo da oralidade primária, o pólo da escrita e o pólo da informática, esclarecendo que os pólos não correspondem a eras ou a épocas determinadas; estão sempre presentes a cada instante e a cada lugar em proporções variadas. Portanto, a memória interna, encarnada em pessoas ou grupos, convive socialmente com a memória objetivada na escrita ou nos dispositivos técnicos.

Portanto, os problemas com os quais a CI se defronta encontram-se neste universo multifacetado, gerador de uma variedade significativa de processos informacionais. Dentre eles, destacamos, no próximo item, os processos que envolvem a informação arquivística, tendo em vista sua especificidade no que se relaciona à memória.

2.1.3 A memória na Arquivologia

A relação entre arquivo e memória remonta à Idade Média e foi reforçada no decorrer do tempo, especialmente quando a Arquivologia aparece como ciência auxiliar da História.

Observa Lodolini (1993), que, na história da humanidade, o registro e a transmissão da memória foram inicialmente feitos de forma oral e somente num segundo momento predominou a forma escrita. Nessa evolução, o autor destaca a representação gráfica através de símbolos correspondentes a sílabas ou a letras.

Com a transformação do signo gráfico de imagem estilizada do objeto representado em um mero símbolo convencional, teve início a grande produção de documentos, escritos sobre as mais diversas matérias: folhas, madeira, metais, argila, pele, papiro, pergaminho, papel (LODOLINI, 1993, p.23, tradução nossa).

Discorrendo sobre a passagem da memória oral para a memória escrita, Le Goff ressalta a instituição do *mnemon*, pessoa que guardava a lembrança do passado em vista de uma decisão de justiça. O aparecimento desse “agente social” da memória vincula-se ao processo de urbanização das sociedades.

Os mneones são utilizados pelas cidades como magistrados encarregados de conservar na memória o que é útil em matéria religiosa e jurídica. Com o desenvolvimento da escrita, estas memórias vivas transformam-se em arquivistas (LE GOFF, 2003, p.433).

Na literatura arquivística, a questão da memória parece estar sempre subentendida, implícita na própria razão de ser dos arquivos e, por que não, dos próprios arquivistas, o que confere às práticas arquivísticas uma falsa aura de neutralidade e imparcialidade.

Schwartz e Cook (2002) apontam o perigo dessa visão, alimentada, durante décadas, pela sociedade e pelos próprios arquivistas.

When power is denied, overlooked, or unchallenged, it is misleading at best and dangerous at worst. Power recognized becomes power that can be questioned, made accountable, and opened to transparent dialogue and enriched understanding (SCHWARTZ; COOK, 2002, p.181)²³.

Ainda sobre esse aspecto, ressalta Terry Cook:

O controle do passado, e o controle sobre a criação e preservação do passado pelos arquivos, refletem as lutas de poder do presente e, na verdade, sempre as

²³ “Quando o poder é negado, passa despercebido ou não é desafiado ele é, na melhor das hipóteses, enganoso e perigoso, na pior delas. O poder reconhecido transforma-se em um poder que pode ser questionado, que presta contas e aberto a um diálogo transparente e a um maior entendimento” (Schwartz e Cook, 2002, p.2, tradução nossa).

refletiram. Isso tem implicações relevantes para os arquivistas, tanto de arquivos pessoais quanto de arquivos institucionais, e para a profissão arquivística (COOK, 1998, p. 143)²⁴.

Ketelaar (2005), no entanto, observa que, desde os anos 1990, a Arquivologia tem sido instada a uma melhor compreensão tanto do significado da memória em diferentes contextos sociais, quanto da distinção entre memória individual e memória social. O autor acompanha a concepção de memória coletiva de Halbwachs conforme a qual toda memória, inclusive a memória individual, é socialmente construída. Entende os documentos de arquivo como parte integrante de um fluxo onde as memórias do indivíduo, da família, da organização e da comunidade estão em constante interação. Assim sendo, “a memória de um grupo não é meramente a soma da memória de seus membros, nem a memória de uma organização é meramente a soma da memória de suas unidades” (KETELAAR, 2005, p.47, tradução nossa).

No que se refere às funções arquivísticas, a questão da preservação da memória social relaciona-se diretamente à avaliação documental. Com o desenvolvimento social e o conseqüente crescimento da produção documental nas sociedades, a Arquivologia chamou para si a tarefa de garantir a organização e o acesso aos registros informacionais que crescem exponencialmente.

Os procedimentos metodológicos para a avaliação pressupõem conhecimento prévio do contexto de produção do acervo, através do estudo evolutivo de suas funções e atividades, e o conhecimento da produção documental da organização. Uma vez estabelecidas as relações entre as atividades e os conjuntos documentais por elas gerados, inicia-se o estudo dos valores. Em geral, esse estudo é atribuição de um coletivo denominado comissão de avaliação, formado por trabalhadores da organização produtora do acervo a ser avaliado, com a participação de um arquivista e/ou de um pesquisador da área à qual o acervo se refere. A conclusão desse processo resulta no descarte de parte do conjunto documental e na preservação de outra, que constituirá a memória arquivística da organização.

No conhecimento arquivístico registrado, é possível identificar posições divergentes sobre a avaliação de documentos. A extensão dessa divergência pode ser avaliada por seus extremos: de um lado, Jenkinson²⁵ (1965), que não reconhece a avaliação como tarefa arquivística; do outro, Rousseau e Couture, que são taxativos quando explicitam o papel do

²⁴ Versão revista de uma palestra proferida duas vezes durante o Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais, realizado no Rio de Janeiro (17-18 de novembro de 1997) e em São Paulo (20-21 de novembro de 1997), sob o patrocínio do CPDOC-FGV e do IEB-USP.

²⁵ O manual elaborado por Hilary Jenkinson teve sua primeira edição em 1922. Neste texto, foi utilizada a terceira edição, de 1965.

arquivista na preservação da memória, afirmando que, a ele, cabe o mandato de definir o que vai constituir a memória de uma organização” (ROUSSEAU e COUTURE, 1994, p.37).

Terry Eastwood (2003) identifica três correntes de pensamento sobre avaliação documental. A primeira delas, dominante entre os autores da área, entende que a avaliação deve ser feita em função das necessidades de preservação das fontes documentais para a pesquisa. Ou seja, o objetivo da conservação de documentos é fomentar a memória e o entendimento do passado. O autor ressalta que esse aspecto está presente na própria definição de Schellenberg para o termo arquivos, quando este afirma que eles são constituídos pelos documentos que merecem “conservação permanente para fins de referência e de pesquisa.” (SCHELLENBERG, 1974, p.19).

Uma segunda corrente considera a avaliação um risco para a integridade dos arquivos. Hilary Jenkinson, arquivista inglês crítico da avaliação, foi um representante dessa linha de pensamento e defendia, inclusive, que os arquivistas não deveriam participar desse processo, deixando essa tarefa a cargo dos próprios produtores dos documentos, mesmo admitindo que essa alternativa pudesse implicar em riscos para o acervo (JENKINSON, 1965, p.151). Jenkinson ressaltava, ainda, que os arquivos não resultam do ato de colecionar e, portanto, deveriam ser conservados em sua totalidade. Os documentos de arquivo apresentam uma inter-relação natural das partes que são essenciais ao seu valor e que lhe conferem identidade. É importante contextualizar as propostas de Jenkinson: autor do segundo manual de Arquivologia publicado no mundo ocidental em 1937²⁶, seu foco eram documentos medievais de fundos fechados, cujos produtores haviam desaparecido há muito tempo, o que explica, ao menos em parte, sua posição que, posteriormente, soube flexibilizar.

Para Lodolini (1993), identificado por Eastwood como outro representante dessa segunda corrente, a avaliação decorre da impossibilidade de se guardar tudo que é produzido, sob risco de inviabilizar o acesso e a conservação de conjuntos documentais extremamente volumosos. O autor, no entanto, mesmo reconhecendo necessidades de ordem prática na adoção da avaliação, não deixa de considerá-la reprovável na perspectiva dos princípios arquivísticos. É consenso entre os autores dessa corrente a obrigação do arquivista em não acrescentar ou eliminar nada que ponha em risco a integridade dos arquivos. Nessa corrente estão os autores que questionam a introdução de critérios históricos no processo de avaliação.

²⁶ O primeiro manual de Arquivística, publicado em 1898, foi o *Handleiding voor het ordenee en beschrijven van archieven*, elaborado pelos arquivistas holandeses Muller, Feith e Fruin e publicado, no Brasil, pelo Arquivo Nacional, com o título *Manual de arranjo e descrição de arquivos*, na década de 1960.

Para eles, devem ser preservados os documentos que atestam o processo decisório nas organizações.

A terceira linha identificada por Eastwood segue o que o autor chama de retórica pós-moderna. Nessa perspectiva, não é possível isolar o processo de avaliação dos juízos de valor humanos. Ao avaliar, os arquivistas incorporam os valores da sociedade. Terry Cook (1997) adverte que a memória arquivística não se formou ao acaso, nem apresenta resultados neutros, livres de polêmica. É necessário, portanto, analisar os processos nos quais se define o que se quer recordar.

Sem entrar no mérito da classificação proposta por Eastwood, importa destacar que, nas correntes por ele identificadas, são considerados diferentes critérios na definição do que deve ser selecionado para guarda permanente. Isso significa que, subjacentes aos critérios utilizados no processo de avaliação, existem concepções de memória diferenciadas que nem sempre são explicitadas.

No caso de avaliação de documentos públicos, o processo resulta na formação de parcela da memória nacional, mais precisamente, a memória oficial. Nesse sentido, a avaliação de documentos pode ser considerada uma ação de “enquadramento da memória” (POLLAK, 1992) realizada por agentes do próprio Estado, inclusive, por um agente profissionalizado: o arquivista. Embora o conceito de “enquadramento” da memória tenha sido formulado por Pollak para caracterizar o trabalho dos historiadores - por exemplo, na constituição de uma memória política que pode ser motivo de disputa entre diferentes organizações – entendemos que ele se aplica, também, às práticas arquivísticas.

O fato é que cada arquivo, ou cada fundo arquivístico, é único, o que torna a tarefa de definir a preservação ou a eliminação de conjuntos documentais bastante controversas. O processo de avaliação documental constitui-se, portanto, num processo de construção de memória social, que envolve, necessariamente, o esquecimento.

François Dosse reafirma o que é consenso entre os autores:

A memória é inseparável do trabalho de esquecimento. Os dois termos que formam um contraste são o apagamento (o esquecimento) e a conservação; a memória é, sempre e necessariamente, uma interação dos dois (DOSSE, 2004, p.182).

No processo de decisão sobre o que será “apagado” poderão ser confrontados interesses diversos, se não antagônicos, estabelecendo uma disputa sobre a decisão do que conservar. Gondar (2005), ao tratar dos aspectos éticos e políticos da memória social, observa que os documentos resultam de uma montagem não só de quem os produziu, mas também de

quem os preservou até chegarem a nós. Trata-se, então, de pesquisar as condições que garantiram sua permanência, pois, como afirma a autora, “há sempre uma concepção de memória social implicada na escolha do que conservar e do que interrogar” (GONDAR, 2005, p.17).

Essa perspectiva aponta para a possibilidade de o conjunto arquivístico preservado após a conclusão do processo de avaliação - apesar de reforçar a coesão social, conforme afirmava Halbwachs - não ser, necessariamente, o resultado de um processo consensual. O processo decisório pode ser permeado por uma disputa entre diferentes concepções da memória que se pretende construir ou preservar, nem sempre explicitada ou perceptível nos documentos produzidos durante o processo de avaliação, tais como atas, editais e termos de eliminação.

Aspectos relativos à racionalidade administrativa e à inovação tecnológica também perpassam as considerações e os argumentos utilizados no processo de avaliação documental, que, em algumas situações, ocorre ao largo de qualquer reflexão sobre o problema da memória. Muitas vezes se utiliza a substituição de suporte dos documentos, de meio analógico para meio digital, eliminando-se os originais, sem observar se o caráter probatório, testemunhal do documento de arquivo foi mantido ao digitalizá-lo. Por outro lado, o desenvolvimento tecnológico ainda não garante a permanência do material utilizado para registro de documentos eletrônicos ou digitalizados, por largos períodos de tempo²⁷. Essa questão reveste-se de especial importância, na realidade brasileira, considerando-se a forma acrítica com que as novas tecnologias costumam ser absorvidas nas organizações.

Cabe ressaltar que a preservação de uma memória arquivística é apenas um aspecto da função dos arquivos nas organizações. Todos os processos de gestão, no ambiente organizacional, são permeados e sustentados por informações de arquivo. No entanto, parece não haver, ainda, a devida consciência sobre seu papel no processo de tomada de decisão. Mesmo nas organizações onde o discurso da sociedade da informação, da inteligência organizacional e da gestão do conhecimento encontra eco, os arquivos, em geral, não são percebidos como elemento estratégico.

²⁷ A preservação de documentos eletrônicos é objeto da *Charter on the Preservation of the Archival Digital Heritage*, adotada pela Unesco, em 2003. No Brasil, a carta da Unesco serviu como base para a elaboração da Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital, aprovada pelo Conselho Nacional de Arquivos (Conarq), em 2004.

2.2 A memória na Ciência da Informação

Esta pesquisa utiliza-se de trabalhos já desenvolvidos por pesquisadores da área, no sentido de compreender o contexto no qual a Ciência da Informação inicia seu caminho de institucionalização como nova área de conhecimento. Não é nosso objetivo a análise exaustiva do surgimento da CI, das suas relações com outras ciências, ou do seu caráter científico, a despeito da relevância destas questões. Trata-se, aqui, de identificar como o conceito de memória foi adotado na nova área em formação, bem como contextos e atores que possam ter exercido algum tipo de influência na sua utilização.

Para isso, foram de especial relevância os trabalhos de Pinheiro (1997), Ribeiro e Silva (2002), Robredo (2003) e Zandonade (2003). As análises desenvolvidas por esses autores referenciam fatos, documentos e movimentos de aproximação e distanciamento entre disciplinas, que, ao mesmo tempo em que evidenciaram a diversidade dos fatores atuantes na dinâmica dessa institucionalização, nortearam a busca do que seria mais significativo no âmbito deste estudo.

2.2.1 A institucionalização da Ciência da Informação

O ponto de partida para a identificação do tema memória nos primórdios da institucionalização da Ciência da Informação foi o documento *Publications on theoretical foundations of information science: abstracts of selected publications (FID 513)* publicado pela *International Federation for Documentation* (FID), em 1974. Esse documento é uma compilação de 311 *papers* publicados no período de 1960 a 1974, em mais de quinze idiomas, que versam sobre os fundamentos teóricos da CI, seus objetivos, sua terminologia e seus objetos de pesquisa. As referências bibliográficas apresentadas são acompanhadas, quase que em sua totalidade, de seus respectivos resumos, em inglês. Na leitura, não foi verificada a ocorrência dos descritores *memo*, *mnemo* ou *memory*, utilizados para a identificação do tema.

Optamos, então, pela leitura de alguns autores de reconhecida importância na CI, considerando o momento de sua institucionalização, no início da década de 1960, período caracterizado por dois fatores propulsores deste movimento: a explosão documental e o desenvolvimento científico-tecnológico. Adotando os recortes cronológicos estabelecidos por

Pinheiro (1997), essa fase inicial corresponderia ao período de 1961 a 1969, no qual são priorizados os debates sobre conceitos e definições da nova área.

Nos textos dessa fase, Shera e Cleveland (1977) destacam a preocupação com o acesso aos grandes estoques informacionais, o uso das novas tecnologias – especialmente o microfilme - suas implicações nas práticas profissionais, e a identidade da nova disciplina.

Borko (1968), em seu texto *Information Science: what is it?*, observa a inadequação de instituições, procedimentos e recursos, então disponíveis, no atendimento às novas demandas sociais de informação. O autor relaciona alguns fatores que concorreram para essa inadequação: 1. o crescimento exponencial da ciência e tecnologia; 2. a rápida obsolescência do conhecimento tecnológico e a conseqüente necessidade de atualização dos profissionais; 3. a grande quantidade de cientistas em atividade e de periódicos especializados; 4. o aumento da especialização, dificultando a comunicação e o intercâmbio entre as disciplinas; 5. a urgência em disponibilizar a informação gerada nas pesquisas para sua aplicação. Borko identificava, na Ciência da Informação, a possibilidade de encontrar as respostas adequadas aos novos desafios decorrentes do desenvolvimento social, especialmente, do desenvolvimento científico e tecnológico.²⁸ Observa-se, em seu texto, a preocupação primordial com a armazenagem, a recuperação e a disseminação da informação.

Observa Pinheiro (1997) que Mikhailov, Chernyi e Gilyarevsky (1969), em texto clássico sobre o escopo da Ciência da Informação, por eles denominada Informática, também se referem ao registro, processamento, armazenamento, recuperação e disseminação da informação.

Silva e Ribeiro apresentam duas opiniões distintas sobre a primeira ocorrência do termo Ciência da Informação:

Hans Wellisch afirma que a expressão *information science* foi usada pela primeira vez em 1959 como designação do estudo do conhecimento registrado e sua transferência. [...] Anthony Debons [...] indica ter sido em 1962, no Second International Congress on Information System Sciences realizado em Hot Springs (Virginia), que a mesma expressão surgiu no título de uma reunião internacional (SILVA; RIBEIRO, 2002, p. 52).

Independentemente da concordância a respeito da primeira ocorrência do termo, a bibliografia indica certo consenso quanto ao marco temporal de sua explicitação nos eventos e

²⁸ Conforme Zandonade, o texto *Information Science: what is it?* teria sido preparado por Borko para explicar a mudança de nome do Instituto Americano de Documentação (*American Documentation Institute – ADI*) para Sociedade Americana para a Ciência da Informação (*American Society for Information Science – ASIS*) (ZANDONADE, 2003).

nas publicações especializadas, entre as décadas de 1950 e 1960, o que podemos considerar como indicativo da conformação de uma nova área de conhecimento.

Nesse processo, cabe destacar a importância da Documentação, tendo em vista as mudanças ocorridas na forma de organização desta área específica. Apenas dois fatos constantemente citados na literatura já exemplificam essa influência: a transformação do American Documentation Institute (ADI) em American Society for Information Science (ASIS), em 1968, e de seu periódico *American Documentation*, que passou a denominar-se *Journal of American Society for Information Science* (JASIS).

Outro aspecto digno de nota é a variedade das formações dos profissionais envolvidos com documentação, conforme expõe Robredo:

Em 1937, influenciado pela multiplicidade e a variedade de profissionais envolvidos com a documentação, como pôde observar no 3º Congresso Internacional de Documentação, realizado em Copenhague sob os auspícios do Instituto Internacional de Documentação, Watson Davis fundou o *American Documentation Institute* (ADI) (ROBREDO, 2003, p, 92).

Em sua análise sobre o surgimento da CI, Silva e Ribeiro (2002) também observam que, na década de 1950, o fenômeno da documentação caracterizava uma vasta área na qual atuavam profissionais de diferentes perfis “que lidavam com a informação, nos mais diversos suportes, marcada, nesta época, pela progressiva associação da tecnologia à sua produção, tratamento e difusão” (SILVA e RIBEIRO, p. 50, 2002). Essa diversidade, já presente na Documentação, repercutiu na dinâmica de construção da CI, conforme observou Saracevic (1996), citado no item anterior, e continua presente ainda hoje.

Apesar dessa variedade de influências e da forte presença dos documentalistas nesse processo, os estudos referentes à esse período inicial da CI convergem para o estabelecimento de uma definição para a Ciência da Informação, seu escopo e fundamentos. Aqueles que tratam dos conceitos básicos se referem, essencialmente, ao conceito de informação, cabendo destacar também o conceito de relevância, sem referências explícitas ao conceito de memória. (SARACEVIC, 1970; MIKHAILOV, 1969; WERSIG e NEVELING, 1975).

Em seguida, consultamos o *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST), cujo índice cumulativo de palavras-chave não registra os descritores adotados. A pesquisa por assunto na base de dados dessa publicação também não recuperou nenhum registro. Optamos, então, por analisar três artigos de revisão sobre a história e os

fundamentos da CI publicados nessa fonte de informação²⁹, na tentativa de identificar alguma referência ao tema, sem obter nenhum resultado positivo.

Na base LISA, identificamos trabalhos que abordam o tema memória, a partir de 1975, referindo-se, especialmente, a recursos tecnológicos aplicados aos processos informacionais. Esse material, no entanto, é parte do universo desta pesquisa e, por esse motivo, será analisado na próxima seção.

Na literatura nacional, identificamos abordagens mais próximas da perspectiva que adotamos nesta tese. Icléia Thiesen (1997) trabalha na definição de um conceito de memória institucional. Vera Dodebei (1997), ao reformular o conceito de documento, define e diferencia memória social de memória cultural. Posteriormente, a autora desenvolve estudos sobre a memória na web, identificando especificidades que a distinguem da memória baseada na escrita, aproximando-a da tradição oral (2000; 2008). Silvana Drumond (2005, 2006, 2008) em seus estudos sobre memória virtual no ciberespaço, analisa a pertinência de algumas categorias nesse contexto, tais como preservação, representação e esquecimento.

Outras contribuições, também relacionadas à memória virtual, foram feitas por Paternostro (1996) e Amaral Jr (2005).

A partir desse quadro, optamos por trilhar o caminho visualizado por Smit e Tálamo (2006) em texto sobre sistemas de recuperação de informação, onde as autoras aplicam as noções de memória identificadas nas propostas de Paul Otlet e Vannevar Bush. Considerando ser, este, um ponto de partida promissor para a compreensão do tratamento dado ao tema no âmbito da Ciência da Informação, daremos destaque ao pensamento desses dois autores.

2.2.2 Paul Otlet e a Documentação

Voltamos, portanto, ao contexto social característico do final do século XIX e início do século XX, no qual diferentes profissionais trabalhavam com a organização, o tratamento, a conservação e a recuperação dos documentos e exerciam suas atividades, geralmente, em instituições ou unidades organizacionais criadas para atender a estas expectativas: arquivos, bibliotecas e museus.

²⁹ Os artigos consultados foram: **1.** SHERA, Jesse H.; CLEVELAND, Donald B. History and foundations of Information Science. *Annual Review of Information Science and Technology – ARIST*, v.12, p. 249-275, 1977; **2.** ZUNDE, Pranas; GEHL, John. Empirical foundations of Information Science. *Annual Review of Information Science and Technology – ARIST*, v. 14, p. 67-92, 1979; **3.** BOYCE, Bert R.; KRAFT, Donald H. Principles and theories in information science. *Annual Review of Information Science and Technology – ARIST*, v. 20, p. 153-178, 1985.

Nesse cenário, ganha corpo uma proposta diferenciada, fruto do trabalho de dois advogados belgas, Paul Otlet e Henri La Fontaine, consubstanciada em várias iniciativas - da produção intelectual à criação de espaços de trabalho – que terão como consequência o surgimento de uma nova disciplina, a Documentação.

O desenvolvimento dessa disciplina foi acompanhado por um processo de diferenciação da Biblioteconomia, cujos reflexos serão especialmente significativos nos Estados Unidos e nos países europeus, como mostram Silva e Ribeiro (2002) em estudo sobre as origens e a evolução da CI. Os autores destacam um consenso sobre a existência de uma linha de continuidade entre Documentação e Ciência da Informação. O movimento da Documentação no sentido de afastamento da Biblioteconomia e de identificação com a CI indica mudanças que merecem reflexão no contexto desta pesquisa.

No trabalho de Otlet, destacam-se, dentre outras realizações, a concepção de um sistema de classificação universal e a fundação do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), posteriormente transformado em Instituto Internacional de Documentação. A partir do IIB, fundado em 1895, Otlet e seus colaboradores iniciam a elaboração de um catálogo universal que permitiria o acesso à informação registrada a todos os interessados, especialmente o pesquisador (ROBREDO, 2003). Esse trabalho resulta na criação de um centro bibliográfico localizado em Bruxelas e patrocinado pelo governo belga denominado *Mundaneum*. O sistema de informação proposto e aplicado no IIB difere da biblioteca tradicional, caracterizada pela reunião física de documentos, configurando-se como “centro difusor de informação, em que os aspectos do acesso e da divulgação eram absolutamente predominantes” (SILVA; RIBEIRO, p. 46).

As idéias norteadoras desse novo modelo foram sistematizadas por Otlet no *Traité de Documentation. Le livre sur le livre. Théorie et pratique*, de 1934, considerado a base da Documentação (LÓPES YEPES, 1995).

É evidente, na leitura da obra, a preocupação predominante com a recuperação da informação:

Pour rendre accessible la quantité d'informations et d'articles donnés chaque jour dans la presse quotidienne, dans les revues, pour conserver les brochures, comptes rendus, prospectus, les documents officiels, pour retrouver les matières éparses dans les livres, pour faire un tout homogène de ces masses incohérentes, Il faut des procédés nouveaux, très distincts de ceux de

l'ancienne bibliothéconomie, tels qu'ils sont appliqués. (OTLET, 1934, p. 6)³⁰.

O autor propõe como partes constituintes da documentação os seguintes elementos: os documentos particulares, a biblioteca, a bibliografia, os arquivos documentais, os arquivos administrativos, os arquivos antigos, os documentos de diferentes gêneros que não sejam bibliográficos e gráficos, as coleções museográficas, a enciclopédia (OTLET, 1934).

Ao argumentar sobre a necessidade de uma nova ciência, Otlet ressalta seu caráter de ciência geral, tal qual a Biologia, que aproximou várias ciências particulares com o mesmo objeto: a vida e os seres vivos (botânica, zoologia, fisiologia, anatomia). Seria ela, o ponto de convergência de disciplinas específicas que se ocupam dos documentos: biblioteconomia, bibliografia, imprensa e retórica foram as disciplinas citadas pelo autor. A Bibliologia ou Documentologia, nomes propostos no *Traité*, consolidou-se com o nome Documentação (OTLET, 1934).

Aspecto digno de nota é sua preocupação na construção de uma ciência capaz de refletir mais profundamente e de forma mais fundamentada sobre seu objeto de trabalho:

Des efforts doivent donc être faits pour constituer en science autonome toutes les connaissances théoriques et pratiques relatives au Livre, la Bibliologie. Cette science est appelée à faire sortir de l'empirisme les applications et les réalisations (OTLET, 1934, p.9)³¹.

Apesar de não ser explícita a menção ao termo memória, a idéia de formação e conservação de uma memória do conhecimento, e, especialmente, o acesso a ela, perpassa a obra do autor. Sua especificidade, conforme observa Pinheiro, é que nessa obra surge “a idéia de bibliografia sob o aspecto de registro, memória do conhecimento científico, desvinculada dos organismos, entre os quais arquivos e bibliotecas, e não relacionada a acervos e coleções” (PINHEIRO, 2002).

Ao focar sua proposta na recuperação dos conteúdos e na elaboração de instrumentos que a facilitem, Otlet propõe um novo olhar sobre o universo documental que, impulsionado por uma significativa repercussão internacional, influenciou os rumos da Biblioteconomia e da Bibliografia e provocou mudanças paradigmáticas decisivas para o surgimento da Ciência

³⁰ “Para tornar acessível a quantidade de informação e artigos impressos diariamente, para conservar os folhetos, informes, prospectos, documentos oficiais, para encontrar os assuntos dispersos nos livros, para fazer um todo homogêneo destas massas incoerentes, são necessários novos procedimentos, muito distintos daqueles da antiga Biblioteconomia, tal qual são aplicados” (OTLET, 1934, p. 6, tradução nossa).

³¹ “Devem ser feitos esforços para constituir em ciência autônoma todos os conhecimentos teóricos e práticos relativos ao livro, à bibliologia. Esta ciência está convocada a tirar do empirismo as aplicações e as realizações” (OTLET, 1934, p.9, tradução nossa).

da Informação e sua conformação (PINHEIRO, 2002; ZANDONADE, 2003; ROBREDO, 2003).

A mesma preocupação com a organização e a recuperação da informação em grandes volumes documentais, norteadora do trabalho de Otlet, foi objeto das reflexões de Vannevar Bush no período imediatamente posterior à Segunda Grande Guerra, como veremos a seguir.

2.2.3 Vannevar Bush e o Memex

Vannevar Bush era engenheiro e ocupou cargos de grande relevância em instituições públicas americanas voltadas para o desenvolvimento tecnológico, especialmente durante a década de 1940. Como diretor do *Office of Scientific Research and Development*, coordenou as atividades de cerca de seis mil cientistas na aplicação da ciência no esforço de guerra promovido pelo governo americano.

Especialmente preocupado com a divulgação da pesquisa científica, registra no clássico texto *As we may think*, de 1945, uma proposta de solução para facilitar a recuperação de informações no mar de documentos produzidos e acumulados pelo ser humano. Essa proposta consubstancia-se na concepção de um mecanismo artificial de expansão da memória humana, ao qual Bush atribui o nome MEMEX.

Bush expõe sua preocupação com a incapacidade dos cientistas em acompanhar os avanços da ciência, tendo em vista o rápido crescimento do número de publicações, que não se faz acompanhar da capacidade humana de acessá-las. No entanto, aponta como principal causa da dificuldade em localizar informações, a artificialidade dos sistemas de indexação utilizados, geralmente baseados no ordenamento numérico ou alfabético. Como a mente humana opera por associação de idéias, o autor propõe um sistema de busca baseado no mesmo princípio, um processo mais próximo das redes de trilhas elaboradas pelo cérebro quando realiza buscas.

A possibilidade de recuperar conteúdos a partir de associações, idéia já presente no pensamento aristotélico, é uma das características do MEMEX (*Memory Extension*), mecanismo para uso individual concebido por Bush, com capacidade ilimitada de armazenagem. Todo item inserido no mecanismo - livros, fotos, jornais, anotações pessoais, etc. - poderia ser ligado aos demais por muitas vias, a critério do indivíduo. As trilhas resultantes das associações seriam registradas no MEMEX, podendo ser recuperadas quando necessário o que, futuramente, agilizaria o acesso a informações já consultadas.

Bush considera que a complexidade da civilização construída pelo ser humano torna indispensável a mecanização dos registros informacionais para que o sucesso dos experimentos não seja comprometido pela limitação da memória humana.

He has built a civilization so complex that he needs to mechanize his records more fully if he is to push his experiment to its logical conclusion and not merely become bogged down part way there by overtaxing his limited memory (BUSH, 1945, p. 108)³².

O autor conclui seu texto projetando um mundo onde as trilhas construídas nos vários dispositivos individuais seriam reproduzidas e compartilhadas entre amigos, colegas de profissão e cientistas. Desta forma, todos seriam beneficiados, não somente com o resultado das pesquisas realizadas, mas também com as informações referentes ao caminho percorrido para alcançá-lo.

Portanto, a partir do reconhecimento da limitação da memória humana em assimilar e reter um grande volume de informações de forma satisfatória, o autor concebe um mecanismo de memória auxiliar visando melhorar a recuperação da informação e, conseqüentemente, tornar mais ágil a produção do conhecimento.

É interessante notar que tanto Otlet quanto Bush estão preocupados em tornar mais eficaz a recuperação da informação. No entanto, enquanto Otlet propõe a universalização dos procedimentos de organização, concretizada na elaboração da Classificação Decimal Universal, Bush propõe a individualização, dando ao indivíduo a opção de construir, de forma autônoma, sua estratégia de busca.

Bush trabalha com a noção de memória enquanto capacidade humana de reter as informações e recuperá-las quando necessário. O princípio associativo em substituição aos métodos tradicionais de indexação facilitaria o acesso à informação por ser um processo mais próximo daquele que ocorre no cérebro humano.

Como observa Saracevic (1996), a repercussão do texto de Bush na comunidade científica, nos governos e nas agências de financiamento de países importantes, deu origem a uma atividade organizada em torno da busca de soluções mais adequadas ao problema da explosão informacional, a recuperação da informação (*information retrieval*)³³.

³² “O homem construiu uma civilização tão complexa que hoje ele precisa mecanizar o registro de suas idéias e suas experiências para poder levar o seu experimento às suas conclusões lógicas e não ficar preso no meio do caminho por sua memória limitada” (BUSH, 1945, p. 108, tradução nossa).

³³ O termo *information retrieval* foi cunhado por Calvin Mooers e compreende “os aspectos intelectuais da descrição de informações e suas especificidades para a busca, além de quaisquer sistemas, técnicas ou

Abordando as contribuições de Otlet e Bush, pretendemos destacar duas vertentes significativas na gênese da CI e na sua posterior institucionalização: a Documentação e a Recuperação da Informação.

Cabe ressaltar, que não desconhecemos outras influências também relevantes na dinâmica de construção da CI enquanto nova área de conhecimento. Saracevic observa essa diversidade de pontos de vista, na própria formação daqueles que se ocupavam dos problemas informacionais, dentre outros, engenheiros, bibliotecários, matemáticos, psicólogos e cientistas da computação. Apesar disso, entendemos que a adoção desses dois textos como ponto de partida, possibilita traçar um caminho de pesquisa adequado para a consecução dos objetivos aqui estabelecidos.

Nos dois estudos aqui abordados, o *Traité de Documentation* e o artigo *As we may think*, foram identificadas três possibilidades de abordagem para o tema memória no campo da Ciência da Informação: a primeira, a memória como capacidade humana, relacionada ao processo cognitivo na recuperação da informação através de associações mentais; a segunda, associada ao uso de tecnologias que viabilizam a criação de memórias auxiliares à memória humana; e a terceira, a memória social, relacionada à uma memória compartilhada, através da tradição e da preservação dos registros da informação.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Esta análise está dividida em dois tópicos principais. O primeiro refere-se à literatura internacional representada pela base LISA, onde apresentamos os resultados obtidos a partir da análise de conteúdo dos documentos componentes do *corpus*. Esses documentos foram classificados nas categorias previamente estabelecidas, às quais foram associados os termos e expressões vinculados, pelos autores, ao termo *memory*. O segundo tópico é relativo à produção nacional, cuja análise incluiu o uso do Corpógrafo, possibilitando a obtenção de dados quantitativos sobre a ocorrência de termos e de associações ao termo memória. O *corpus* representante da produção nacional foi sendo desmembrado e reagrupado, no decorrer da análise, a partir dos objetivos desta pesquisa.

3.1 A memória na literatura internacional

Tendo em vista a representatividade da Base LISA no que tange ao conhecimento produzido em CI, definimos esta base como *corpus* para identificação do tema memória na literatura internacional.

Dos descritores adotados na pesquisa, *mnemo*, *memo* e *memory*, apenas o descritor *memory* apresentou resultado positivo, com 242 referências. Aplicado o recorte temporal, 1972-2005, obteve-se um total de 203 referências, que constituíram o *corpus* analisado para verificação da primeira hipótese desta tese, conforme a qual a produção científica em CI no Brasil, acompanha a tendência registrada na literatura internacional da área.

A primeira constatação foi a dispersão acentuada dos artigos nos periódicos indexados pela LISA³⁴. As 203 referências selecionadas estão dispersas por 114 títulos diferentes, o que resulta na média de 1,8 artigo/periódico.

Não temos dados sobre a quantidade total de registros efetuados na LISA até agosto de 2009, quando foi realizada a pesquisa para esta tese. No entanto, considerando o total de registros de junho de 2010, cerca de 330.000, e o total de 242 registros obtidos com o descritor *memory*, em agosto de 2009, chegamos a uma proporção correspondente a 0,07%

³⁴ Ver Apêndice A - Quantidade de artigos por periódico indexado na Base LISA com ocorrência do termo *memory*

dos registros indexados. Utilizando o total de registros efetuados até dezembro de 1999, cerca de 250.000³⁵, e o total de registros obtidos com o descritor *memory* no mesmo período, chegamos a um resultado ainda menor: 0,05%. Considerando que a LISA indexa 440 periódicos produzidos em mais de 60 países e os percentuais aqui obtidos, temos, ao menos, uma idéia do caráter periférico do tema na Ciência da Informação.

Feita essa constatação, iniciamos a análise do *corpus*. Títulos, descritores e resumos das referências selecionadas compõem a unidade de contexto aqui considerada. A partir das abordagens identificadas nos trabalhos de Otlet e Bush, adotados como textos-base nesta pesquisa, os documentos foram classificados nas categorias Memória Humana, Memória Artificial e Memória Social.

Para a sistematização dos dados registrados na Tabela 1, o período de 1975 (ano da primeira referência identificada na Base LISA) a 2005 foi dividido em seis quinquênios aleatórios, sendo que o último período soma seis anos. Essa divisão permitiu observar melhor a distribuição de trabalhos no recorte temporal da pesquisa.

Das duzentas e três (203) referências, noventa e seis (96) abordam o tema memória numa perspectiva social, o que representa 47,3% do total do *corpus*. A abordagem do tema sob a perspectiva da memória artificial corresponde a 43,8%, enquanto a perspectiva da memória como capacidade humana é tratada em, apenas, 8,9% dos artigos.

Cabe ressaltar que, apesar da abordagem social ser majoritária, a primeira referência na qual é possível identificá-la só aparece no ano de 1990, no periódico *American Archivist*, sob o título *To remember and forget: archives, memory and culture*. Até então, os artigos referiam-se à memória apenas nas perspectivas biológica (memória humana) ou tecnológica (memória artificial).

Períodos Categorias	1975 - 1979	1980 - 1984	1985 - 1989	1990 - 1994	1995 - 1999	2000 - 2005	Total de artigos
Categoria 1 Memória humana	1	4	1	2	3	7	18

³⁵ Fonte: ALVARES, Lillian M. A. R. Aplicação de data mining na base de dados LISA para obtenção de informações sobre inteligência competitiva.

<http://www.alvarestech.com/lillian/Apresentacoes/DataMiningNaBaseLisa.pdf>. Acesso em 05/junho/2010.

Categoria 2 Memória artificial	2	5	8	21	27	26	89
Categoria 3 Memória social	0	0	0	22	35	39	96
Total	3	9	9	45	65	72	203

Tabela 1: Artigos sobre memória na base LISA (1975 – 2005)

Nos três primeiros períodos, de 1975 a 1989, foram identificadas 21 referências, distribuídas entre as categorias humana e artificial, com predomínio da segunda.

No período de 1990-1994, as alterações quantitativas são evidentes. O número de trabalhos sobre memória (45) soma mais que o dobro dos três períodos anteriores (21). O número de trabalhos relativos à memória artificial (21) é quase três vezes maior do que o total de oito (8) registrado no período de 1985-1989. Aparecem os primeiros artigos com foco na abordagem social da memória, cujo total (22) já supera o total de trabalhos das outras duas categorias. A partir de então, essa abordagem permanece majoritária, até o final do período analisado.

A análise desses dados numéricos, no entanto, está comprometida, por não ter sido possível isolar outras variáveis relacionadas à base LISA e aos periódicos por ela indexados. Desta forma, não há como deduzir se a diferença significativa no número de artigos dos três períodos iniciais (1975 a 1989) para os três últimos (1990 a 2005), reflete um aumento do interesse dos pesquisadores pelo tema, um aumento no número de periódicos da área, ou, ainda, a ampliação do número de periódicos indexados pela base.

Apesar disso, a adoção da LISA para a formação do primeiro *corpus*, permitiu identificar, nos artigos selecionados, as possibilidades visualizadas em Otlet e Bush, evidenciando, também, estudos na Ciência da Informação, passíveis de replicação nas pesquisas desenvolvidas no Brasil, objeto desta tese.

A análise qualitativa dos textos permitiu classificá-los e identificar os assuntos aos quais o conceito de memória é vinculado em cada categoria, conforme exposto a seguir:

Categoria 1 - memória humana

Os trabalhos referentes à memória como capacidade biológica, estão associados aos processos cognitivos. Os mecanismos de organização, armazenagem, representação e recuperação da informação possibilitados pelo cérebro humano são tomados como modelos

para a concepção de sistemas de informação mais eficazes. Além disso, é possível identificar estudos que analisam o uso da capacidade mnemônica do bibliotecário de referência. No último período analisado, 2000-2005, observa-se a presença de artigos relativos à interface homem-computador, com foco na usabilidade, especialmente no ambiente educacional e na comunicação de massa. Identificamos, portanto, duas preocupações relativas ao processo informacional que atraem o conceito memória nessa categoria: a recuperação da informação e o uso da tecnologia de informação.

Categoria 2 – memória artificial

Os artigos dos três primeiros períodos, de 1975 a 1989, que abordam a memória artificial denotam a preocupação da área com o uso das novas mídias de então, tais como: microfilme, cartões de memória, disco ótico, CD-Rom, e com a concepção e uso de sistemas computadorizados para armazenamento e recuperação da informação. Nos períodos finais, somam-se à essas preocupações, análises sobre bases de dados e memória virtual. Nessa categoria, a preocupação mais evidente é com a capacidade de armazenagem possibilitada pelo uso das memórias artificiais eletrônicas.

Categoria 3 – memória social

Nos documentos classificados na Categoria 3, predomina a concepção da memória registrada como parte integrante da memória coletiva ou memória social. A preocupação com a preservação e o acesso aos acervos custodiados por arquivos, bibliotecas ou museus resulta em programas nacionais, regionais ou locais promovidos por essas instituições e relatados nos periódicos da área. Cabe destacar aqueles decorrentes das ações do Programa Memória do Mundo da Unesco³⁶, que representam 14,3% (29 artigos) do total de artigos do *corpus*. A partir de 1994, esses textos começam a ser registrados na LISA e representam pouco mais de 30% dos trabalhos classificados nessa Categoria.

³⁶ O Programa Memória do Mundo foi instituído pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1992, em função do lamentável estado de preservação e das dificuldades de acesso ao patrimônio documental em várias partes do mundo. Seu objetivo é promover a preservação do patrimônio documental e seu acesso universal, bem como a ampliação da consciência mundial sobre a existência e o significado desse patrimônio. Desde então, várias ações têm sido desenvolvidas, em vários países, na busca desses objetivos. Informações sobre o Programa estão disponíveis em <http://portal.unesco.org/ci/en/ev>.

A leitura e análise dos textos permitiu identificar associações, adjetivações e categorizações aplicadas, pelos autores, à unidade de registro *memory*. Os termos foram traduzidos livremente e classificados conforme exposto na Tabela 2.

Ocorrências Categorias	Associações	Adjetivações	Extensões
1. Memória humana	memória e aprendizado	associativa, humana, natural, primária, secundária, terciária, quaternária, semântica, episódica, esquemática, visual, individual, espacial, associativa, genética, imediata	memória de longo prazo, memória de curto prazo, memória de trabalho, mecanismos de memória, desordens da memória, habilidades da memória, estratégias da memória individual, perda de memória, organização do conhecimento na memória, sistemas de memória associativa
2. Memória artificial	memória e armazenagem, memória e mídia, memória e sentidos	corporativa, computacional, expandida, estendida, magnética, linear, RAM, principal, eletrônica, associativa, virtual, expansível, exteriorizada, compartilhada	Memória do computador, unidades de memória, cartões de memória, CD-ROM, gerenciamento da memória, sistemas óticos de memória, memória de arquivos eletrônicos, escassez de memória, técnicas econômicas de memória, byte de memória, volume de memória, memória convencional, tecnologia de memória, módulos de memória, arte da memória, controle da memória, sistemas virtuais de memória
3. Memória social	memória e economia, memória e arquivos, memória e bibliotecas, memória e museus, memória e música, memória e técnica, memória e eliminação, memória e informação	coletiva, Americana, pública, institucional, científica, nacional, cultural, popular, institucional, moderna, arquivística, política, organizacional, disputada	memória do mundo, memória da humanidade, centro de memória, instituições de memória, contextos de memória, gestão da memória organizacional, agente mnemônico

Tabela 2: Ocorrência dos termos nas categorias - Base LISA (1975-2005)

Fonte: construção própria a partir dos dados da Base LISA.

Na análise do *corpus* referente à produção científica em CI no Brasil, foram utilizadas as mesmas categorias estabelecidas na análise do *corpus* Base LISA. Os resultados dessa análise são apresentados a seguir.

3.2 A memória na literatura nacional

A análise dos dados referentes à produção científica da Ciência da Informação no Brasil, relativa ao tema memória, foi realizada em diferentes níveis. Inicialmente, selecionamos os documentos componentes do *corpus*, a partir de pesquisa nos periódicos nacionais, nos anais dos ENANCIBs e em bases de dados de teses e dissertações.

- **Artigos de periódicos**

A Tabela 3 relaciona os periódicos efetivamente pesquisados. A seleção dos textos limitou-se àqueles publicados na sessão “Artigos” de cada um deles. O total corresponde a pouco mais de um por cento (1,17%) dos artigos publicados no período, evidenciando a baixa ocorrência do tema.

Periódico	Instituição	Total de artigos (1972 - 2005)	Artigos sobre memória
Ciência da Informação	IBICT	447	1
Datagramazero	IASI	164	6
Encontros Bibli	UFSC	83	0
Informação e Sociedade: estudos	UFPb	190	2
Informare (1995 a 2000)	UFRJ/IBICT	72	4
Liinc em revista	UFRJ	10	1
Perspectivas em CI	UFMG	178	2
Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG	UFMG	336	5
Revista de Biblioteconomia de Brasília	AAB e UnB	545	3
Transinformação	PUCCamp	277	3
Total		2302	27

Tabela 3: Artigos sobre memória de autores vinculados aos programas de pós-graduação em CI nos periódicos de Ciência da Informação.

Fontes: elaboração própria a partir dos dados da base ABCDM e das páginas dos periódicos na Internet, acessadas durante o ano de 2008.

- **Comunicações do ENANCIB**

Nos dados referentes às comunicações apresentadas nos ENANCIBs, foram identificadas trinta (30) comunicações com a temática da memória, o que equivale a 4,38% do total de comunicações apresentadas no período de 1994, ano do primeiro encontro, a 2005.

Os números também indicam outros ambientes produtores de conhecimento, além dos programas de pós-graduação em CI. A Tabela 4 mostra que 46,6% das comunicações sobre o tema não são produto dos PPGCIs.

Cabe destacar as autorias originadas no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, responsável por 57% dos trabalhos incluídos na categoria outros, ou seja, oito (8) do total de quatorze (14) comunicações. Tendo em vista sua especialidade, os trabalhos apresentados por esse Programa superam o número obtido pelos programas de pós-graduação em CI individualmente.

Ano Instituição	1994	1995	1997	2000	2003	2005	Total	% sobre o total de comunicações sobre memória
UFRJ/ IBICT	0	1	2	2	1	0	6	20
UFMG	0	0	0	2	0	1	3	10
UnB	0	0	0	1	1	0	2	6,6
PUCCamp	0	0	1	0	0	0	1	3,3
UFBA	0	0	1	0	0	0	1	3,3
UFPB	0	1	0	1	0	0	2	6,6
USP	0	0	1	0	0	0	1	3,3
Outros	0	1	1	4	3	5	14	46,6
Total de comunicações sobre memória nos ENANCIBs/ano	0	3	6	10	5	6	30	
Total de comunicações nos ENANCIBs (1994-2005)	23	56	134	208	139	125	685	4,38% do total de 685 comunicações referem-se à memória

Tabela 4: ENANCIB – Comunicações sobre memória x instituição

Fonte: elaboração própria, a partir dos dados dos Anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação.

- **Teses e dissertações**

De acordo com as fontes consultadas, apenas quatro dos nove programas de pós-graduação em CI registram teses ou dissertações que abordam o tema memória: UFRJ/IBICT, UFMG, USP e PUCCamp. O total de dezenove (19) pesquisas representa 1,48% do total de defesas do período aqui analisado. Desse total, treze (13) são dissertações de mestrado e seis (6) teses de doutorado. As seis teses estão distribuídas entre a UFRJ/IBICT com quatro (4) e a USP, com duas (2).

Universidade	Teses (T) e Dissertações (D)	T e D sobre memória	% de T e D sobre memória
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)	417 (1972 a 2005)	10	2,4
Universidade Federal Fluminense (UFF) / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)	Informação não obtida	0	0
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	301 (1978 a 2005)	3	0,99
Universidade de Brasília (UnB)	206 (1980 a 2005)	0	0
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCamp)	44 (2003 a 2005)	1	2,27
Universidade Federal da Bahia (UFBa)	18 (2001 a 2005)	0	0
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	9 (2005)	0	0
Universidade Federal da Paraíba (UFPb)	69 (1980 a 2005)	0	0
Universidade Estadual Paulista (UNESP)	59 (2001 a 2005)	0	0
Universidade de São Paulo (USP)	164 (1983 a 2005)	5	3,05
Total	1.287	19	1,48

Tabela 5: Teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciência da Informação no Brasil (1972-2005).

Fontes: elaboração própria a partir das bases disponíveis nas páginas dos programas na Internet e em visita à UFPB, durante o período de janeiro a junho de 2008.

A Tabela 6 sintetiza os resultados quantitativos das fontes de informação adotadas e indica os setenta e seis (76) documentos constituintes do próximo *corpus* a ser analisado.

Fonte documental	Total	Sobre memória	% sobre o total
Artigos de periódico	2.302	27	1,17
Comunicações do ENANCIB	685	30	4,38
Teses e dissertações	1.287	19	1,48
Total de documentos	4.274	76	1,78

Tabela 6: Trabalhos sobre memória na produção científica da área de CI no Brasil (1972/2005).

Fonte: elaboração própria.

Em que pese a pouca expressão do tema explicitada pelos resultados, foi possível observar uma tendência de crescimento na literatura nacional, conforme registra a Figura 1.

Para a elaboração do gráfico, foi estabelecido um recorte no ano de 1991, ano de ocorrência do primeiro trabalho sobre o tema num programa de pós-graduação em Ciência da Informação, considerando-se os descritores utilizados na pesquisa: mnemo, memo, memória e os campos pesquisados: título e assunto ou palavras-chave.

As linhas pontilhadas são o registro numérico das ocorrências. As linhas contínuas representam melhor a tendência de crescimento, especialmente no caso do ENANCIB, cuja variação acentuada corresponde aos anos de realização ou não do encontro.

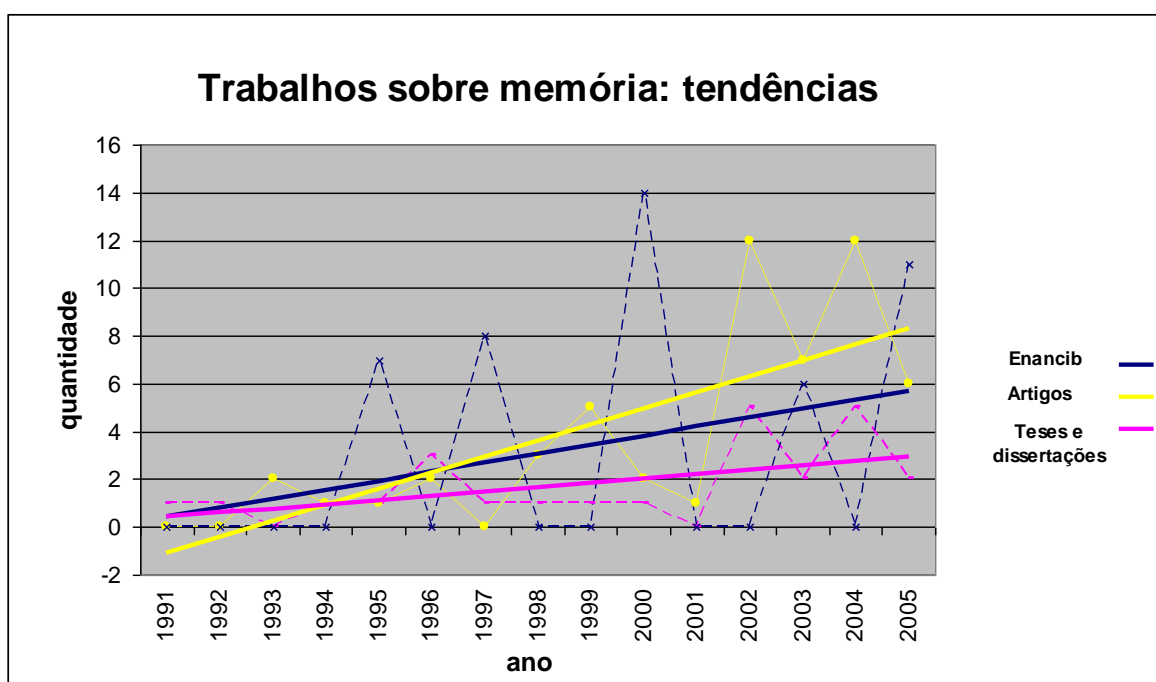


Figura 1: Trabalhos sobre memória: tendências.

Fonte: elaboração própria.

Como produto da primeira etapa da coleta de dados, definimos o *corpus* composto dos setenta e seis (76) documentos selecionados, que denominamos de Amostra 1³⁷. Esse conjunto representa, aqui, a produção científica da área de Ciência da Informação no Brasil, sobre o tema memória, no período de 1972 a 2005.

- **Análise da Amostra 1**

Na Figura 2, os trabalhos que compõem a Amostra 1 estão associados às instituições nas quais foram produzidos. Foi considerado o vínculo que os autores mantinham à época da produção do trabalho, motivo pelo qual alguns autores apresentam mais de um vínculo, em diferentes períodos, como, por exemplo, José Maria Jardim e Icléia Thiesen. Quando não informado no próprio documento, esse vínculo foi pesquisado no Currículo Lattes dos autores.

O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFRJ/IBICT é o espaço de produção de 30% dos trabalhos do *corpus*. Em seguida, estão o PPGCI da UFMG, com 15,8% e o Programa de Memória Social da UNIRIO, com 14,5%. Com números mais modestos, seguem-se USP e UnB, com seis (7,9%) e cinco (6,6%) trabalhos, respectivamente. Os demais trabalhos estão dispersos em várias instituições, sendo que nenhuma delas chega a atingir 5% do total de documentos do *corpus*.

³⁷ Ver Apêndice B – Documentos associados ao *corpus* Amostra 1.

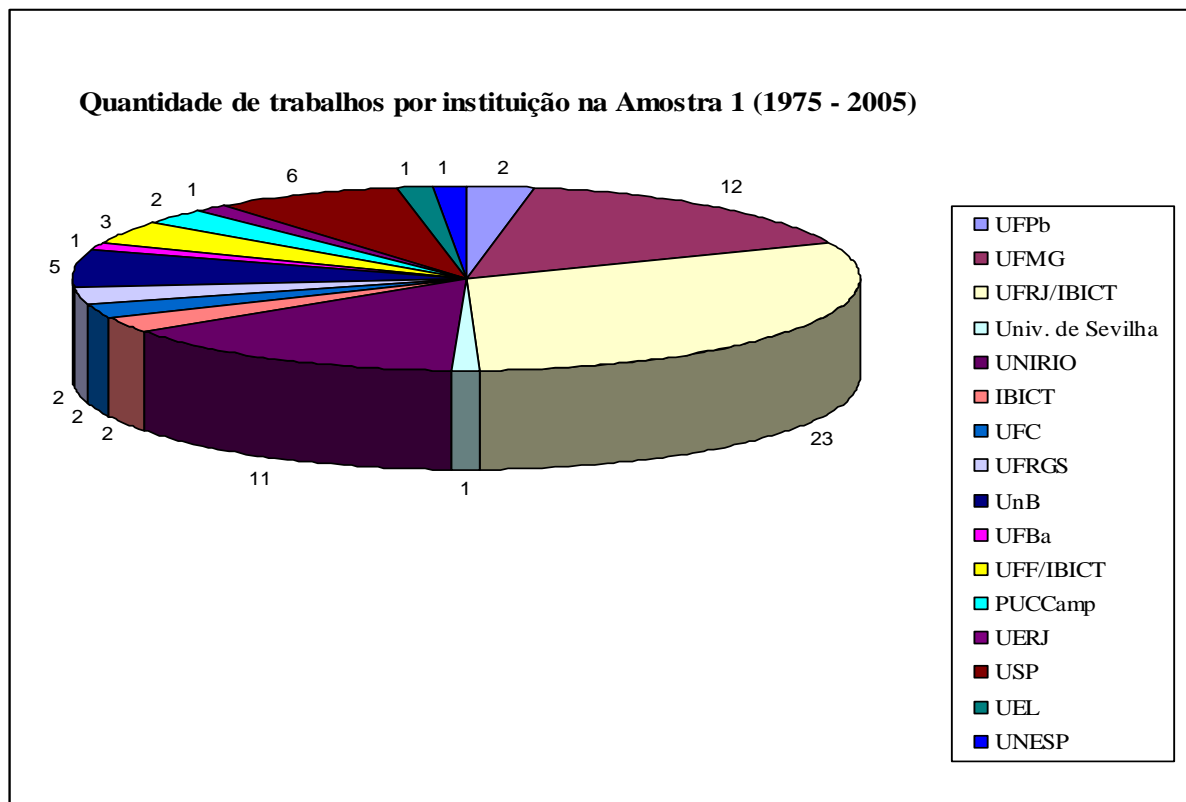


Figura 2: Quantidade de trabalhos por instituição na Amostra 1 (1975-2005)

Fonte: elaboração própria.

Os dados da Figura 2 foram sistematizados a partir da tabela do Apêndice C, onde estão registrados, além do vínculo institucional, o nome e a quantidade de trabalhos produzidos por cada autor. Nessa tabela, observa-se que a dispersão dos trabalhos entre vários contextos de produção, visualizada na Figura 2, também ocorre em relação aos autores: entre sessenta e sete autores (67), cinquenta e oito (58), mais de 87%, participam do *corpus* com, apenas, uma autoria. Isso pode indicar que a presença de alguns deles na amostra não está relacionada a uma prática sistemática de estudos sobre o tema. No entanto, a confirmação desse pressuposto exige que os dados aqui obtidos sejam cotejados com outras variáveis não contempladas nesta pesquisa, como, por exemplo, publicações em outros veículos de divulgação científica.

Entre os autores com mais de uma autoria, destaca-se Icléia Thiesen, autora com maior quantidade de trabalhos sobre o tema: oito (8) trabalhos, pouco mais de 10% do total do *corpus*, incluindo suas pesquisas de mestrado e doutorado. Destacam-se, ainda, as pesquisadoras Ana Lúcia Siaines de Castro, com quatro (4) autorias, e Vera Lúcia Doyle Dodebei, com três (3), ambas com tese de doutorado sobre o tema.

Feitas essas observações iniciais sobre as condições de produção das mensagens, procedemos à análise de conteúdo. Cabe ressaltar que, ao criarmos a Amostra 1, os documentos que a compõem foram “desconstruídos”, passando a constituir um único *corpus*, ou um único conteúdo, a ser analisado³⁸ pelo Corpógrafo. Como já indicado na introdução deste relato, os recursos disponibilizados por essa plataforma foram utilizados para identificar termos mais frequentes e associações do termo memória a outros termos:

1. Associações diretas, utilizando as expressões memória e e memória.
2. Adjetivações, acrescentando-se um átomo ao termo memória.
3. Extensões, utilizando as expressões memória de e de memória.

A pesquisa por *N*-gramas, identificou os termos mais frequentes no *corpus* Amostra 1: informação, com duzentas e noventa (290) ocorrências, e memória, com duzentas e quarenta e duas (242)³⁹. Alguns termos, apesar de pouco frequentes, também foram destacados, uma vez que essa baixa ocorrência pode ser significativa, no âmbito desta pesquisa. Exemplo disso, são os termos lembrar, esquecer e conservar, constantemente citados em estudos sobre memória desenvolvidos em outras áreas do conhecimento.

Apesar da possibilidade de tratar os termos individualmente, optamos por agrupar palavras da mesma família léxica⁴⁰, tendo em vista que um dos objetivos da pesquisa é a identificação dos “atratores” do conceito memória. Essa opção permitiu avaliar a relevância dos termos de forma mais adequada, uma vez que o Corpógrafo soma individualmente cada palavra, inclusive, singular e plural.

A Tabela 7 permite visualizar as co-ocorrências mais frequentes na Amostra 1. Para maior precisão dos totais, foi necessário proceder à análise semântica dos termos, tendo em vista a polissemia de alguns deles.

Famílias léxicas	Total de frases com co-ocorrência
informação	106
instituição	96
arquivo	47
social	46

³⁸ O Corpógrafo permite que os documentos nele depositados sejam trabalhados em vários *corpora*, simultaneamente, sem perder sua ‘identidade’.

³⁹ Ver APÊNDICE D - Ocorrência das famílias léxicas no *corpus* Amostra 1.

⁴⁰ Família de palavras ou família léxica: conjunto de palavras que partilham o mesmo radical. Fonte: *Dicionário de Termos Lingüísticos*. Associação de Informação Terminológica. Disponível em http://www.ait.pt/recursos/dic_term_ling/. Acesso em 28/5/2010.

história	41
cultura	39
documento	32
biblioteca	28
ciência	27
construção	27
preservação	25
conceito	24
nacional	27
museu	20
identidade	19

Tabela 7: Co-ocorrências mais freqüentes à família léxica de memória na Amostra 1.
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo Corpógrafo.

Consideramos a frase como unidade de contexto para observar a co-ocorrência de termos da família léxica memória (unidade de registro) com as demais famílias ou termos. Bardin (1977) apresenta o procedimento adotado por Osgood⁴¹ na escolha das unidades de contexto, que consiste em delimitar um recorte de cento e vinte a duzentas e dez palavras, para que as co-ocorrências tenham sentido. Aqui, no entanto, consideramos o fraseamento automático realizado pelo Corpógrafo, como unidade de contexto adequada, independente de sua extensão. É importante ressaltar que na análise das co-ocorrências, ao nos referirmos a um termo, estaremos nos referindo também à ocorrência dos demais termos da mesma família léxica, representados pelo termo mais citado em cada uma delas.

O dado mais significativo dessa análise é que, ao estabelecermos a frase como unidade de contexto, a predominância de ocorrências da família léxica do termo informação não é tão acentuada quanto aquela observada na ocorrência do termo individualmente (290). Constatase, inclusive, que a co-ocorrência dos termos memória e instituição, identificada em 96 frases, é numericamente bastante próxima, à co-ocorrência dos termos memória e informação, identificada em 106 frases.

Observa-se, ainda, que alguns dos termos mais citados também estão entre as co-ocorrências mais frequentes, tais como documento, social, cultura, história e biblioteca. Outros, no entanto, não apresentam co-ocorrência com o termo memória tão significativa quanto aquela verificada na freqüência individual, como, por exemplo: processo, nacional,

⁴¹ Bardin se refere ao texto *The representational Model and Relevant research Methods*. In I. de Sola Pool (org.), *Trends in content analysis*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1959.

conhecimento, comunicação, política, sistema, oral, organização, espaço, representação e produção, que variam entre 10 e 18 co-ocorrências.

Por outro lado, termos de baixa frequência apresentam, proporcionalmente, co-ocorrência mais expressiva com memória. Isso ocorre, por exemplo, com os termos conservação, lembrar, esquecimento, passado e presente, que ocorrem na mesma frase de memória em quase 100% das respectivas citações. Considerando a constante associação desses termos em estudos sobre memória desenvolvidos em outras áreas, essa inversão verificada na Amostra 1 pode indicar tanto um tratamento secundário dado ao tema memória, como um olhar diferenciado da Ciência da Informação, resultante da busca de soluções para problemas específicos do processo informacional.

O que os dados da Tabela 7 permitem observar com maior clareza, é a predominância de co-ocorrências de famílias léxicas relacionadas a uma abordagem social da memória.

A partir das co-ocorrências, procedemos a outras formas de pesquisa possibilitadas pelo Corpógrafo, com o objetivo de identificar as relações estabelecidas entre os termos nas frases.

Foi feita, então, a pesquisa por janela⁴², que permite uma observação mais detalhada das ocorrências do termo memória, e de suas associações, adjetivações e extensões, cujos resultados foram sistematizados nas Tabelas 8, 9 e 10.

A pesquisa com as expressões memó\w+ e / e memó\w+, cujo resultado está indicado na Tabela 8, foram somadas e registradas na tabela, indistintamente, como memória e.

Família léxica	Termo associado	Frequência
memória e	identidade	6
memória e	informação	5
memória e	história	4
memória e	cultura	3
memória e	espaço prisional	3
memória e	fotografia	3
memória e	biblioteca	2
memória e	documento	2
memória e	poder	2

⁴² O resultado completo da pesquisa por janela encontra-se no Apêndice E – Concordâncias com o termo memória na Amostra 1.

memória e	preservação	2
memória e	representação da informação	2
memória e	espaço urbano	1
memória e	direito à informação	1
memória e	arquivo	1
memória e	autenticidade	1
memória e	texto fílmico	1
memória e	contradições da subjetividade	1
memória e	controle documental	1
memória e	escritura	1
memória e	instituição	1
memória e	experiência	1
memória e	relatos	1
memória e	patrimônio	1
memória e	esquecimento	1
memória e	estoques de informação	1
memória e	educação	1
memória e	mediações tecnológicas	1
memória e	tempo	1

Tabela 8: Associações diretas com o termo memória no *corpus* Amostra 1 (17095 átomos)
 Fonte: elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo Corpógrafo.

Ainda na pesquisa por janela, associando-se mais um *N*-grama ao termo memória, foi possível identificar que em 98 ocorrências o termo aparece adjetivado, pouco mais de 40% do total de ocorrências do *corpus*. Nos documentos analisados, constam trinta e duas (32) adjetivações diferentes, com predominância dos adjetivos institucional e social, conforme evidencia a Tabela 9. Apesar da variedade de adjetivações, a tendência a uma noção de memória voltada para seu aspecto social pode ser percebida nos adjetivos utilizados pelos autores.

Família léxica	Adjetivo	Frequência
1. memória	institucional	21
2. memória	social	18
3. memória	científica	10

4. memórias	clandestinas	6
5. memória	nacional	5
6. memória	oficial	3
7. memória(s)	coletiva(s)	3
8. memória	cultural	3
9. memória	local	3
10. memória	discursiva	3
11. memória(s)	documentária(s)	2
12. memória	literária	2
13. memória	operária	2
14. memória	política	2
15. memória	digital	2
16. memória	governamental	2
17. memória	histórica	1
18. memória	histórico-cultural	1
19. memória	técnica	1
20. memória	tecnológica	1
21. memória	profissional	1
22. memória	polêmica	1
23. memória	arquivística	1
24. memória	virtual	1
25. memória	discursiva	1
26. memória	administrativa	1
27. memória	organizacional	1
28. memória	agrícola	1
29. memória	expansível	1
30. memória	viva	1
31. memória	exteriorizada	1
32. memória	subterrânea	1

Tabela 9: Adjetivações do termo memória no *corpus* Amostra 1
 Fonte: elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo Corpógrafo.

O termo recebe, também, diversas extensões, como se observa na Tabela 10. A maioria delas é aplicada ao objeto de estudo de que trata um documento específico e ocorre uma única vez, outras aparecem de forma mais significativa em vários textos. Aparentemente, as extensões mais usadas também estão associadas a uma perspectiva social.

Extensões		Frequência
construção, criação, reconstrução	da memória	10
preservação	da memória	6
conceito/noção	de memória	6
arquivo(s)	de memória	3
instituições	de memória	3
entidade	de memória	2
institucionalização	das memórias	2
exclusão	da memória	2
formação	das memórias	2
resgate	da memória	2
projeto(s)	de memória	2
oficialização	da memória	1
universo	da memória	1
manutenção	da memória	1
centros	de memória	1
escaninhos	da memória	1
profissionais	de memória	1
cultura	de memória	1
liberdade	da memória	1
interação	da memória	1
unidades hipotéticas	da memória	1
recuperação	da memória	1
papel	da memória	1
campo	de memória	1
registros	da memória	1
conservação	da memória	1

livro como testemunho	de memória	1
bytes	de memória	1
sistema de recuperação	da memória	1
lugares	de memória	1
teoria	da memória	1
trabalho	de memória	1
dinâmica	de memória	1
artes	da memória	1
capacidade	de memória	1
incorporação	da memória	1
fenômeno	da memória	1
destruição	da memória	1
memória dos	computadores	1
memória de	longo prazo	1
memória de	Vera Janacópulos	1
memória da	"Nova Argentina"	1
memória da	Geografia institucionalizada no IBGE	1
memória da	Faculdade de Educação da UFMG	1
memória da	Escola de Biblioteconomia da UFMG	1
memória do	CPG/EB	1
memória de	leituras	1
memória da	comunidade	1
memória da	identidade	1
memória de	curto e longo prazos	1
memória da	produção intelectual	1
memória dos	idosos	1

Tabela 10: Extensões do termo memória no *corpus* Amostra 1

Expressão de pesquisa: d\w+ memóri\w+ / memóri\w+ d\w+

Fonte: elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo Corpógrafo.

A Tabela 11 apresenta, de forma sintética, os termos considerados mais significativos na Amostra 1, a partir da análise realizada com o Corpógrafo. Os termos foram classificados nas mesmas categorias utilizadas para o *corpus* Base LISA.

Ocorrências Categorias	Associações	Adjetivações	Extensões
1. Memória humana	memória e contradições da subjetividade	profissional, viva	memória de longo prazo, memória de curto prazo, memória dos idosos
2. Memória artificial	memória e armazenagem, memória e mídia, memória e informação, memória e ficção científica, memória e tecnologia, memória e experiência, memória e texto fílmico	exteriorizada, virtual, expansível, digital	memória dos computadores, mnemotécnica, unidades hipotéticas da memória, bytes de memória
3. Memória social	memória e identidade, memória e informação, memória e história, memória e cultura, memória e espaço prisional, memória e fotografia, memória e biblioteca, memória e poder, memória e documento, memória e representação da informação, memória e controle documental, memória e educação, memória e esquecimento, memória e estoques de informação, memória e preservação, memória e arquivo, memória e documento, memória e mediações tecnológicas	institucional, técnica, agrícola, arquivística, clandestinas, nacional, oficial, coletiva, local, cultural, operária, política, cultural, governamental, científica, histórica, histórico-cultural, polêmica, nacional, tecnológica, subterrânea, administrativa	(re)construção da memória, preservação da memória, criação da memória, instituições de memória, arquivos de memória, memória de leituras, memória na escola, centro de memória, instituições de memória, registros da memória social, entidade de memória, livro como testemunho de memória, lugares de memória, memória da comunidade

Tabela 11: Ocorrência dos termos nas categorias – Amostra 1 (1975-2005)

Fonte: elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo Corpógrafo.

Utilizando-nos de um recurso do Corpógrafo, que, ao indicar a frase de ocorrência do termo, remete ao texto de origem, procedemos à classificação dos documentos da Amostra 1 (Apêndice B), utilizando as mesmas categorias e os mesmos períodos de tempo estabelecidos para a análise da literatura internacional.

Tal como verificado na literatura internacional, na literatura nacional, a categoria dominante é, também, a Categoria 3. No entanto, enquanto no *corpus* referente à Base LISA

existe um equilíbrio entre os percentuais das Categorias 2 e 3, na Amostra 1 a Categoria 3 reúne 81,6% dos trabalhos do *corpus* e a Categoria 2 contabiliza, apenas, 11,8%.

Períodos Categorias	1975 - 1979	1980 - 1984	1985 - 1989	1990 - 1994	1995 - 1999	2000 - 2005	Total de artigos
Categoria 1 Memória humana	0	0	0	0	2	3	5
Categoria 2 Memória artificial	0	0	1	0	2	6	9
Categoria 3 Memória social	0	2	1	6	16	37	62
Total	0	2	2	6	20	46	76

Tabela 12: Trabalhos sobre memória no *corpus* Amostra 1 x categoria (1975 – 2005)

Fonte: elaboração própria.

O aumento no número de trabalhos referentes à memória, observado na literatura internacional a partir de 1990, acontece, na literatura nacional, a partir de 1995. Enquanto o quinquênio 1990-1994 registra seis (6) trabalhos sobre o tema, o período seguinte, 1995-1999, registra vinte (20) documentos, uma produção duas vezes maior. Também são registradas, nesse período, as primeiras comunicações sobre memória no ENANCIB, em número de sete.

Foi possível identificar, em cada categoria, os assuntos aos quais o termo memória aparece associado:

Categoria 1 - memória humana

Apenas cinco trabalhos da Amostra 1 foram classificados nessa categoria. A memória como capacidade biológica aparece associada ao processo de aprendizagem, ao uso de tecnologias de informação associado à leitura, à memória de idosos e ao trabalho do bibliotecário nas práticas de indexação e catalogação. Ao contrário da literatura internacional, não foram identificados estudos sobre a memória humana como modelo para a melhoria de sistemas de recuperação da informação.

Categoria 2 – memória artificial

Nos trabalhos classificados nesta categoria, a memória aparece associada à tecnologia da informação e da comunicação, ao mundo virtual, à memória dos computadores, ao uso de

bases de dados e de repositórios em sistemas de informações estratégicas. Alguns trabalhos tratam, também, dos suportes utilizados para o registro das memórias exteriorizadas.

Categoria 3 – memória social

Entre as referências que caracterizam-se pelo uso do conceito de memória numa perspectiva social, predomina a vinculação do conceito à informação registrada, bem como à sua organização e preservação. Esses trabalhos destacam a importância dos registros informacionais na preservação e transmissão da memória das organizações e na construção da identidade de grupos sociais em diversos níveis: local, regional e nacional.

A referência a arquivos, bibliotecas e museus como instituições de memória é uma constante. De forma mais pontual, vincula-se a memória à construção do imaginário através dos meios de comunicação; à documentação fotográfica como elemento de reconstrução da memória das instituições e dos espaços públicos; à representação da informação; à oralidade; aos discursos; à leitura e ao papel dos gestores da informação na construção de uma memória registrada.

Com o objetivo de aprofundar a análise possibilitada pelos dados da Amostra 1, foi efetuado o segundo recorte relacionado ao contexto de produção, conforme previsto nos procedimentos metodológicos, que consistiu em selecionar nesse *corpus*, os textos produzidos nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. Esse segundo recorte teve por objetivo identificar similitudes ou especificidades entre os dois *corpus*: o primeiro referente à produção de conhecimento no âmbito da CI no país (Amostra 1) e o segundo referente ao conhecimento produzido, especificamente, nos programas de pós-graduação em CI (Amostra 2), considerados, por excelência, locais de produção de conhecimento.

3.2.1 A memória na produção científica dos programas brasileiros de pós-graduação em CI.

A Amostra 2, constituída por cinquenta e quatro (54) documentos⁴³, é o *corpus* sobre o qual serão verificadas as variáveis da pesquisa, representando, aqui, a produção científica dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação referente à memória.

O mesmo procedimento utilizado com o *corpus* Amostra 1 foi aplicado ao *corpus* Amostra 2: títulos, palavras-chave e resumos foram analisados com o Corpógrafo. Foram

⁴³ Ver Apêndice F - Relação dos documentos componentes do *corpus* Amostra 2.

identificados os termos de maior ocorrência, a co-ocorrência do termo memória com outros termos e suas associações. Termos considerados relevantes para o tema também foram incluídos na tabela, independentemente do número de citações. Os termos resultantes da pesquisa no Corpógrafo foram reunidos de acordo com as respectivas famílias léxicas, procedimento adotado na análise da Amostra 1.

A Amostra 2 não registra diferenças significativas da Amostra 1, no que se refere aos termos mais citados. Informação e memória continuam à frente, seguidos por documento, instituição, biblioteca, e social.

Após a reunião dos termos mais citados em suas famílias léxicas⁴⁴, procedemos à análise quantitativa das co-ocorrências, onde também não foram identificadas diferenças relevantes entre os *corpus* Amostra 1 e Amostra 2.

Famílias léxicas	Total de frases com co-ocorrência
informação	76
instituição	54
social	26
cultura	26
documento	25
biblioteca	22
ciência	22
história	21
preservação	19
arquivo	18
conceito	16
museu	13
construção	12
nacional	11

Tabela 13: Co-ocorrências mais frequentes à família léxica de memória no *corpus* Amostra 2.
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo Corpógrafo.

A análise comparativa entre a Tabela 7 - co-ocorrências mais frequentes à família léxica memória na Amostra 1 - e a Tabela 13 mostra que a hegemonia da Categoria 3 (memória social) verificada nos trabalhos da área de CI no Brasil se repete na produção científica dos programas de pós-graduação.

⁴⁴ Ver APÊNDICE H – Ocorrência das famílias léxicas no *corpus* Amostra 2.

As co-ocorrências mais frequentes nas Amostras 1 e 2 apresentam variações quantitativas pouco expressivas, resultando numa pequena alternância entre as posições ocupadas entre uma e outra família léxica. A alteração mais significativa diz respeito à co-ocorrência com a família léxica arquivo, que de terceira co-ocorrência mais frequente na Amostra 1, passa à décima posição na Amostra 2. Isso indica a existência de uma produção científica na qual se associa arquivos à discussão sobre memória, que, apesar de comunicada nos espaços de divulgação específicos da CI, não é produzida nos programas de pós-graduação da área. Entre outros, são exemplos dessa situação os trabalhos de Dodebei e Grau sobre o acervo musical de Vera Janacópulos e de Abrantes sobre o acervo fotográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Foi possível observar que alguns termos com número de citações elevado⁴⁵ apresentam menos de 10 co-ocorrências com memória, como, por exemplo: leitura (9), política (9), organização (8), uso (7), processo (7), Estado (7), pesquisa (6), oral (5), conhecimento (4), eletrônico (3) e estratégico (2).

As associações diretas identificadas na Amostra 2, menos variadas que na Amostra 1, indicam, de forma mais consistente, uma predominância da Categoria 3, conforme registrado na Tabela 14. Apenas as associações memória e as contradições da subjetividade e memória e relatos relacionam-se à memória como capacidade humana. As co-ocorrências memória e informação que poderiam estar relacionadas a qualquer uma das categorias, referem-se todas à memória social, de forma que não foram identificadas associações diretas passíveis de classificação na Categoria 2.

Família léxica	Termo associado	Frequência
memória e	informação	4
memória e	identidade	4
memória e	fotografia	3
memória e	história	2
memória e	biblioteca	2
memória e	direito à informação	1
memória e	as contradições da subjetividade	1
memória e	controle documental	1

⁴⁵ Ver APÊNDICE H – Ocorrência das famílias léxicas no *corpus* Amostra 2.

memória e	documento	1
memória e	poder	1
memória e	espaço urbano	1
memória e	instituição	1
memória e	relatos	1

Tabela 14: Associações diretas com o termo memória na Amostra 2

Expressões de pesquisa: memó\w+ e; e memó\w+.

Fonte: elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo Corpógrafo.

Nas extensões do termo memória identificadas na Amostra 2 e relacionadas na Tabela 15, é possível identificar concordâncias relacionadas às três categorias. Memória de leituras, memória de longo prazo e memória de curto prazo relacionam-se à Categoria 1. Bytes de memória e memória dos computadores referem-se à memória artificial. As demais extensões relacionam-se à memória social, onde se observa a associação da memória a espaços físicos, no uso dos termos instituições, arquivo, centros, entidade e lugares.

Extensões	Frequência
preservação da memória	4
instituições de memória	3
conceito de memória	3
conceito/noção de memória	2
arquivo de memória	2
entidade de memória	2
projeto(s) de memória	2
construindo de memória	1
centros de memória	1
profissionais de memória	1
testemunho de memória	1
bytes de memória	1
lugares de memória	1
trabalho de memória	1
dinâmica de memória	1
capacidade de memória	1

memória de	leituras	1
memória de	longo prazo	1
memória de	curto prazo	1
memória dos	computadores	1

Tabela 15: Extensões do termo memória na Amostra 2

Expressões de pesquisa: memó\w+ d\w+ ; e d\w+ memó\w+.

Fonte: elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo Corpógrafo.

Na Amostra 2, foram identificadas 27 adjetivações. Tal como observado na Tabela 9, observa-se, na Tabela 16, que a adjetivação institucional continua sendo a mais frequente, da mesma forma que as adjetivações científica, social e clandestinas continuam entre as mais utilizadas. No entanto, as adjetivações literária, digital, discursiva e organizacional, presentes na Amostra 1, não foram registradas.

Família léxica	Adjetivações	Frequência
1. memória	institucional	18
2. memória	científica	9
3. memória	social	8
4. memórias	clandestina(s)	6
5. memória	oficial	3
6. memórias	coletivas	3
7. memória	local	3
8. memória(s)	documentária(s)	2
9. memória	operária	2
10. memória	política	2
11. memória	cultural	2
12. memória	governamental	2
13. memória	histórica	1
14. memória	histórico-cultural	1
15. memória	técnica	1
16. memória	profissional	1
17. memória	tecnológica	1
18. memória	polêmica	1

19. memória	arquivística	1
20. memória	virtual	1
21. memória	administrativa	1
22. memória	agrícola	1
23. memória	expansível	1
24. memória	viva	1
25. memória	nacional	1
26. memória	exteriorizada	1
27. memória	subterrânea	1

Tabela 16: Adjetivações do termo memória no *corpus* Amostra 2

Expressão de pesquisa: memó\w+

Fonte: elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo Corpógrafo.

Apesar da diversidade de adjetivos usados, é possível perceber que a grande maioria, vinte e duas (22) em um total de vinte e sete (27) adjetivações, está associada a uma concepção social da memória. Essa concepção parece relacionar-se a um segmento específico da memória social: a memória das instituições.

Os termos associados à memória institucional referem-se à construção, preservação e resgate dos documentos das instituições. Apesar de registrar o maior número de ocorrências, essa adjetivação está concentrada em dez documentos do *corpus*, sendo oito deles produzidos pelo Programa de Pós-Graduação em CI da UFRJ/IBICT e cinco de autoria de Icléia Thiesen. A dissertação de Verônica Brito, defendida no PPGCI da UFRJ/IBICT, associa à memória institucional a memória científica, característica da instituição analisada em sua pesquisa: a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). A tese de Ana Lúcia Castro, também defendida na UFRJ/IBICT e relatada no IV ENANCIB, trata da institucionalização de memórias clandestinas. Dois artigos relatam experiências de preservação da memória documental na UFMG, das quais participaram alunos e professoras da antiga Escola de Biblioteconomia, hoje, Escola de Ciência da Informação.

Os documentos que se utilizam das adjetivações mais frequentes – institucional, científica e social - foram reunidos em novos *corpus*, nos quais foram identificados os termos mais citados, conforme indicado nas Figuras 3, 4 e 5. Os números entre parênteses indicam o somatório de todos os termos de cada família léxica.

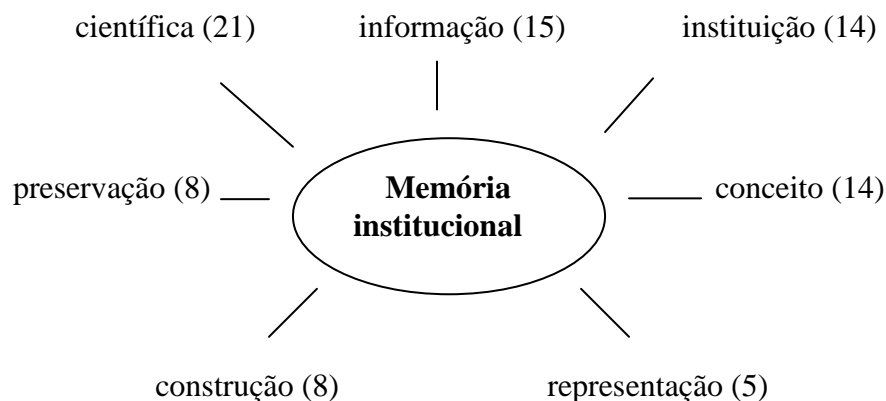


Figura 3: Termos mais frequentes no *corpus* Memória Institucional.
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados do Corpógrafo.

A segunda adjetivação mais freqüente, memória científica, ocorre, apenas, em dois documentos, que também utilizam a expressão memória institucional. São eles, a tese de Brito sobre a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e o artigo de Fiúza, Rabello e Gomes sobre a memória da Escola de Biblioteconomia da UFMG, ambas, instituições voltadas para a produção de conhecimento científico. Neste último, memória institucional aparece como um conceito mais genérico que engloba, além da memória científica, outras duas adjetivações: memória administrativa e memória técnica.

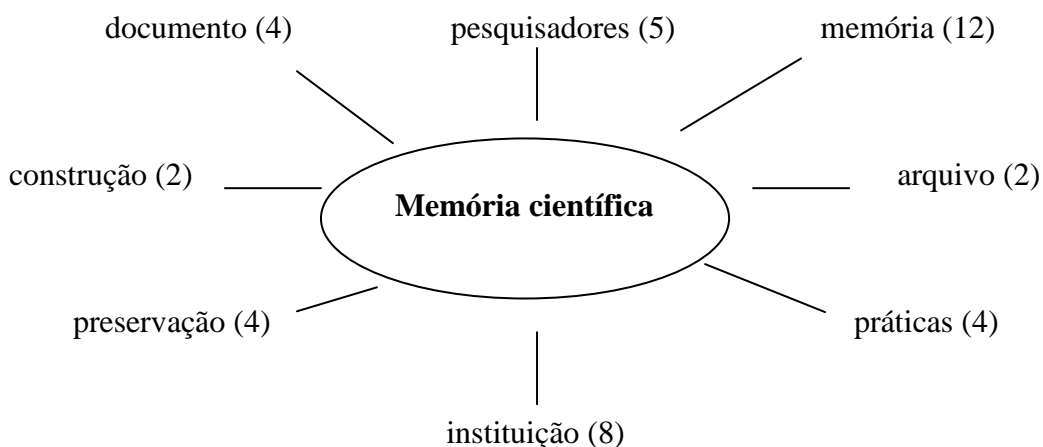


Figura 4: Termos mais frequentes no *corpus* Memória Científica.
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados do Corpógrafo.

A adjetivação memória social é utilizada em cinco documentos, sendo que alguns deles utilizam também outras adjetivações. Além daquelas utilizadas por Siaines de Castro, já indicadas anteriormente, foram identificadas as expressões memória cultural e memória documentária, utilizadas por Dodebei em sua tese e por Carvalhedeo e Rodrigues em comunicação apresentada no V ENANCIB, referindo-se ao documento como elemento de preservação da memória, como evidencia o termo.

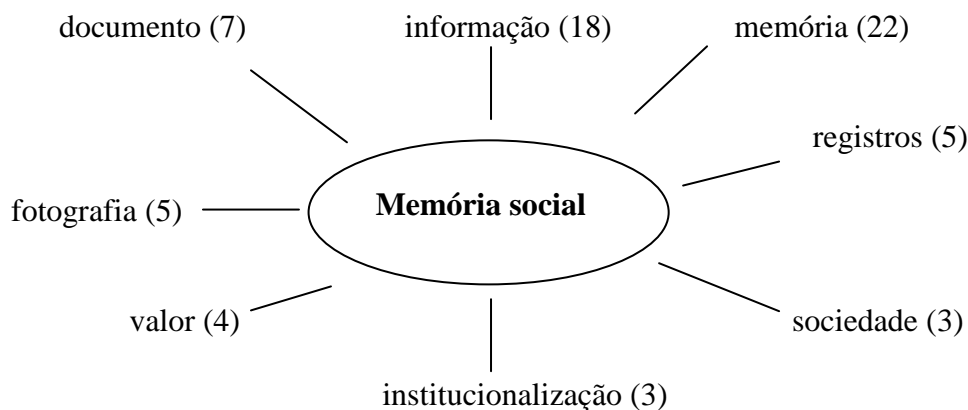


Figura 5: Termos mais frequentes no *corpus* Memória Social.
 Fonte: elaboração própria, a partir dos dados do Corpógrafo.

A ocorrência de várias adjetivações em um mesmo documento também é observada em relação à expressão memórias coletivas, adjetivação utilizada por Castro, como contraponto à expressão memória institucional. As expressões memória subterrânea e memórias clandestinas também são utilizadas pela autora, numa relação de oposição com a expressão memória oficial. Castro utiliza, ainda, as expressões memória social, memória controlada, e memória cultural.

Dessa forma, nos documentos que utilizam a expressão memória institucional, foi possível identificar, também, a ocorrência de outras oito adjetivações: memória científica, memória administrativa, memória técnica, memórias coletivas, memória oficial, memórias clandestinas, memória social e memória cultural.

Os termos memória profissional e memória viva referem-se à memória humana e são citados respectivamente por Gercina Lima, referindo-se à memória do catalogador em sua atividade profissional, e por Perrotti, Amaro e Vergueiro, numa comunicação do III ENANCIB sobre serviços de informação educativos, referindo-se a memória dos idosos. Também em comunicação do III ENANCIB e na perspectiva da memória humana, Henriette Gomes associa a capacidade da memória de longo prazo ao uso de tecnologias intelectuais no ensino universitário. Chagas, em comunicação do IV ENANCIB, avalia a capacidade da memória humana no processo de leitura em diferentes suportes, a saber: hipertexto eletrônico, hipertexto impresso e impresso tradicional.

Os termos memória exteriorizada, memória virtual e memória expansível referem-se à memória artificial. Em comunicação do ENANCIB, Mostafa cita o termo memória exteriorizada na perspectiva de Lyotard, que entende bibliotecas e bases de dados como formas de memória exteriorizada. Memória virtual é utilizado por Paternostro em artigo que

aborda questões relativas ao espaço de armazenamento de uma máquina. O termo memória expansível refere-se à memória de um microcomputador e é utilizado por Oberhofer, ao propor um sistema automatizado para aquisição de monografias, em artigo publicado na Revista de Biblioteconomia de Brasília.

Dos cinquenta e quatro documentos (54) do *corpus* da Amostra 2, cinco (5) foram classificados na Categoria 1, cinco (5) na Categoria 2 e quarenta e quatro (44) na Categoria 3, confirmando a tendência majoritária de estudos que adotam a perspectiva social de memória identificada na Amostra 1.

A Tabela 17 registra os termos e as expressões associados à família léxica memória na Amostra 2, em cada categoria. Não há diferenças significativas entre as Amostras 1 e 2.

Ocorrências Categorias	Associações	Adjetivações	Extensões
1. Memória humana	memória e contradições da subjetividade	profissional, viva	memória de longo prazo, memória de curto prazo, memória dos idosos
2. Memória artificial	memória e informação, memória e tecnologia	exteriorizada, virtual, expansível, digital	memória dos computadores
3. Memória social	memória e informação, memória e identidade, memória e fotografia, memória e história, memória e biblioteca, memória e documento, memória e cultura, memória e poder, memória e preservação, memória e mediações tecnológicas, memória e controle documental, memória e instituição, memória e espaço urbano, memória e relatos	polêmica, política, institucional, técnica, administrativa, cultural científica, histórica, governamental, arquivística, agrícola, clandestinas, nacional, oficial, coletiva, local, social, operária, documentária, controlada	preservação da memória, conceito de memória, profissionais de memória, memória de leituras, memória na escola, criação da memória, memória da comunidade, (re)construção da memória, instituições de memória, centro de memória, direito à memória, arquivos de memória, instituições de memória, registros da memória social, entidade de memória, livro como testemunho de memória, lugares de memória

Tabela 17: Ocorrência dos termos nas categorias – Amostra 2 (1975-2005)

Fonte: elaboração própria, a partir dos dados do Corpógrafo.

3.2.2 Análise das condições de produção: o emissor e o contexto

Na Amostra 2, foram identificados quarenta e seis (46) autores vinculados aos programas de pós-graduação em CI, em cinquenta e quatro (54) autorias com a temática da memória. As Figuras 6 e 7 apresentam, respectivamente, as relações desses autores com as variáveis da pesquisa: vínculo institucional (programas de pós-graduação em CI) e formação superior inicial (graduação)⁴⁶.

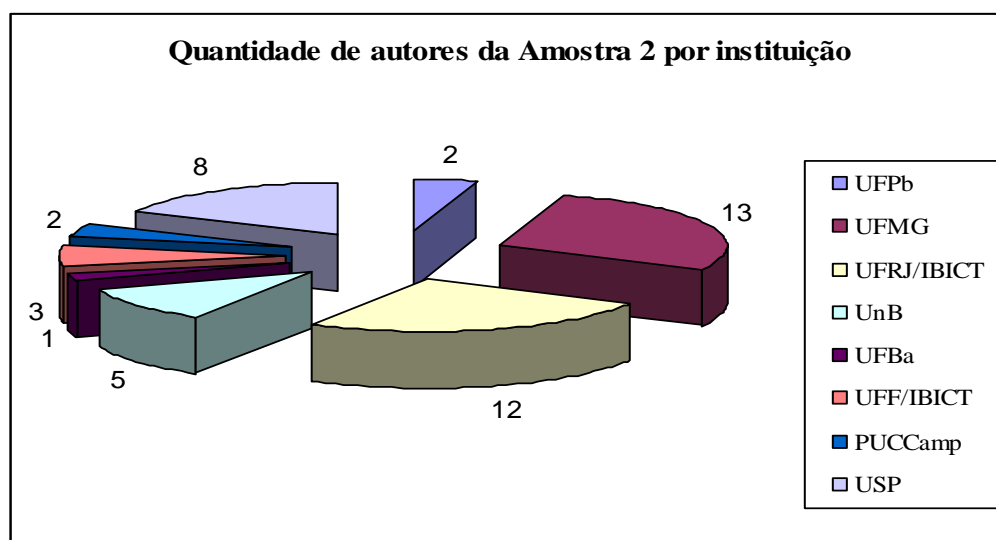


Figura 6: Quantidade de autores da Amostra 2, por instituição.
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados do Corpógrafo.

A Figura 6 destaca UFRJ/IBICT e UFMG como as instituições que concentram a maioria dos autores da Amostra 2, vinte e cinco (25) de quarenta e seis (46), o que representa 54,3% do total.

Na Figura 7, observa-se, entre os autores, o predomínio de bibliotecários e a dispersão dos demais entre as demais formações identificadas no *corpus*. Todas as graduações identificadas foram consideradas, de forma que a dupla formação de alguns autores resultou em um total diferente (51) daquele registrado na Figura 6 (46). Apenas a formação em Medicina de Evelyn Dill Orrico não foi considerada, por não apresentar relação com o tema do documento de sua autoria.

⁴⁶ Ver APÊNDICE F - Vínculo institucional e graduação dos autores da Amostra 2.

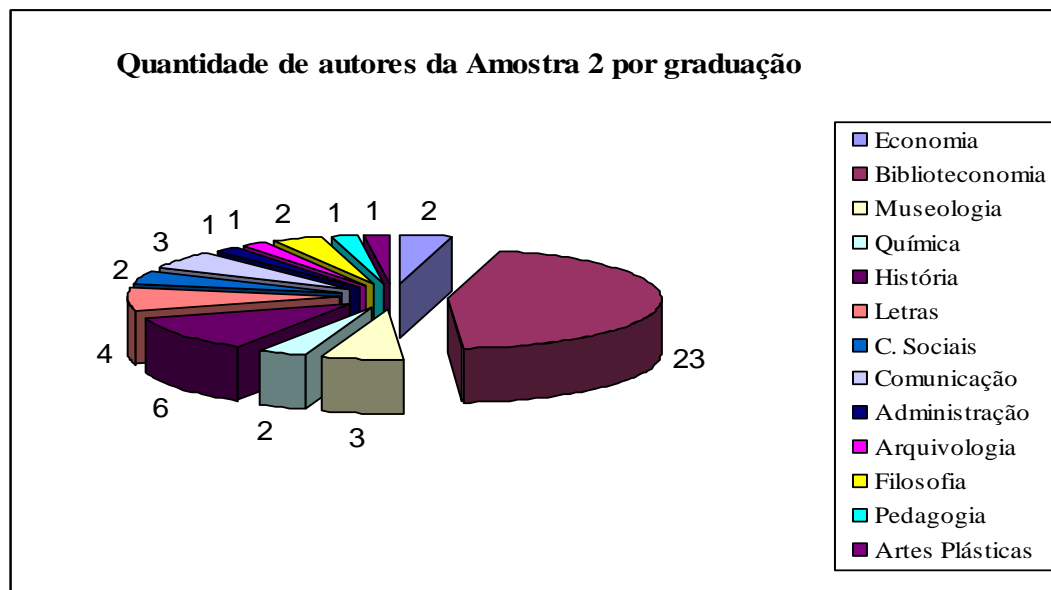


Figura 7: Quantidade de autores da Amostra 2, por graduação.
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados do Corpógrafo.

Com o objetivo de testar as variáveis da pesquisa, o *corpus* Amostra 2 foi reagrupado a partir da formação inicial dos autores e do contexto de produção dos trabalhos. Esse reagrupamento resultou em vinte e um (21) *corpora*, sendo treze (13) referentes às diferentes graduações dos autores e oito (8) referentes aos programas de pós-graduação em CI. Apenas o programa da UNESP não registra trabalho sobre o tema memória, conforme os critérios de recorte aqui estabelecidos. A seguir, são apresentados os dados referentes a esses *corpora*.

- **A memória e o emissor**

Neste tópico, apresentamos os resultados obtidos a partir da aplicação da variável “graduação dos autores” nos documentos componentes do *corpus* Amostra 2. A Tabela 18 apresenta os documentos distribuídos de acordo com esta variável e com a categoria na qual seus estudos foram classificados.

Área de formação dos autores	Número de documentos por categoria*			Número de autores
	Categoria 1 Humana	Categoria 2 Artificial	Categoria 3 Social	
Administração	-	-	1	1
Arquivologia	-	-	1	1
Artes Plásticas	-	-	1	1
Biblioteconomia	5	2	21	23

Ciências Sociais	-	-	2	2
Comunicação	1	3	1	3
Economia	-	-	2	2
Filosofia	-	-	2	2
História	-	-	7	6
Letras	1	1	3	4
Museologia	-	-	11	3
Pedagogia	-	-	1	1
Química	-	3	1	2

Tabela 18: Documentos distribuídos por área de formação dos autores x Categorias na Amostra 2

Fonte: elaboração própria. * Em virtude da dupla formação e da co-autoria, alguns trabalhos foram contabilizados mais de uma vez.

Foram identificadas treze (13) diferentes áreas de graduação na formação dos quarenta e seis (46) autores de trabalhos na Amostra 2. A Biblioteconomia é a área de graduação de vinte e três (23) deles, correspondendo a metade do total de autores do *corpus*.

Considerando a proporção de trabalhos por autor, o predomínio de Bibliotecários parece reproduzir a presença majoritária deste profissional na área de Ciência da Informação no Brasil, sem implicar em uma participação mais representativa dos bibliotecários na produção científica sobre o tema. O dado que merece destaque na Tabela 19 é que, enquanto as áreas mantêm a média de uma autoria por autor, exceção feita à Química que apresenta duas, a Museologia registra uma média de 3,6 autorias por autor. Do ponto de vista quantitativo, portanto, são os cientistas da informação graduados em Museologia que mais contribuem com estudos sobre memória, na área da CI, no Brasil.

A variedade de graduações identificada nos dados desse *corpus* parece não resultar em uma diversidade de olhares sobre o tema memória, como se poderia supor. Os estudos que adotam a perspectiva social da memória, por exemplo, são elaborados por todos os autores, independentemente de sua área de formação. No caso das Categorias 1 e 2, as autorias estão distribuídas entre os graduados em Biblioteconomia, Comunicação, Letras e Química. Com exceção da Química, todas as formações integram as ciências humanas e sociais, com presença determinante de graduações fortemente vinculadas ao documento como objeto de trabalho: as graduações em Biblioteconomia, História e Museologia correspondem à formação de quase 70% dos autores da Amostra 2.

A Tabela 19 registra termos e expressões identificados nos *corpora* referentes a cada área de graduação. Observa-se uma homogeneidade na terminologia adotada pelos autores,

com exceção dos textos representantes das áreas de Administração, Arquivologia e Comunicação que remetem a uma associação um pouco mais específica.

Graduação dos autores	Quantidade de trabalhos	Termos e expressões utilizados
ADMINISTRAÇÃO	2	Memória técnica, ações estratégicas, informações estratégicas
ARQUIVOLOGIA	1	Memória arquivística, arquivo, práticas informacionais, informações
ARTES PLÁSTICAS	1	Memória local, memória cultural, memória da comunidade, memória na escola, memória como experiência, construção da memória, memória e educação, escola, comunicação, identidade, conceitos, experiência.
BIBLIOTECONOMIA	27	Memória institucional, memória profissional, memória social, memória científica, informação, leitura, conhecimento, memória documentária, mapa conceitual, leitor, representação, memória viva, conceitos, documento, organização, memória exteriorizada, biblioteca/bibliotecários, Biblioteconomia, memória histórica
CIÊNCIAS SOCIAIS	2	Memória polêmica, memória cultural, informação, ciência, cultura, sociedade, desenvolvimento, inclusão digital, tecnologia
COMUNICAÇÃO	2	Memória e informação, memória e texto fílmico, informação, ficção, mnemotécnica
ECONOMIA	2	Memória e informação, tempo e memória, informação, estoques, distribuição, sociedade, verdade
FILOSOFIA	3	Memória institucional, memória social, memória computacional, memória científica, informação, ciência/científica, linguística, arquivo, documentação
HISTÓRIA	8	Memória governamental, memória arquivística, memória visual, memória histórico-cultural, memória e informação, informação, Estado, documento, pesquisa, conhecimento, acesso, acervos, conceito/noção de memória, preservação, História e memória.
LETRAS	5	Memória e museu, memória nacional, memória viva, informação, instituição, cultura, serviço, memória de idosos, arte, representação, ciência, memória e identidade, campo de memória.
MUSEOLOGIA	14	Memória institucional, memória social, memória clandestina, museu(s), memória coletiva, informação/informacional, construção da

		memória, instituição/institucional, conceito, história, identidade e memória social, representação, sociedade, poder e memória, direito à memória, instituições de memória, mecanismos da memória
PEDAGOGIA	1	Memória local, memória cultural, memória da comunidade, escola, conceitos, experiência, comunicação, memória na escola, identidade, memória como experiência, memória e educação, construção da memória
QUÍMICA	2	Memória e cultura, memória histórico-cultural, biblioteca, informação, documento, memória dos computadores, conhecimento, acesso, tecnologia da informação

Tabela 19: Termos e expressões utilizados x área de graduação na Amostra 2

Fonte: elaboração própria, a partir dos dados do Corpógrafo.

- **A memória e o contexto**

A Tabela 20 registra a distribuição dos trabalhos nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Na análise dessa variável, o aspecto numérico ganha outra dimensão, na medida em que a quantidade de trabalhos pode ser considerada um indicador da existência de linhas ou grupos de pesquisa sobre o tema.

Com relação às Categorias 1 e 2, a baixa ocorrência de documentos e sua dispersão em diversos programas não indicam a existência de tendências de pesquisa voltadas para as concepções de memória humana ou artificial.

Todos os programas registram produção científica na Categoria 3, excetuando-se a UFBA, que participa da Amostra 2 com, apenas, um trabalho, classificado na Categoria 1. No entanto, apenas UFMG e UFRJ/IBICT apresentam resultados mais expressivos, do ponto de vista quantitativo.

PPGCI	Número de documentos por categoria*			Total de trabalhos por programa
	Categoria 1 Humana	Categoria 2 Artificial	Categoria 3 Social	
PUCCamp	-	1	1	2
UFBA	1	-	-	1
UFF/IBICT	-	-	3	3
UFMG	2	-	10	12
UFPb	1	-	1	2
UFRJ/IBICT	-	2	21	23

UnB	-	1	4	5
USP	1	-	5	6
Total	5	4	45	54

Tabela 20: Documentos distribuídos pelos contextos de produção x Categorias na Amostra 2
 Fonte: elaboração própria, a partir dos dados do Corpógrafo.

As famílias léxicas mais citadas nos trabalhos produzidos nos PPGCIs estão registradas na Tabela 21, na qual é possível observar a permanência de informação e memória entre os termos mais citados em todos os *corpora*. No entanto, a análise individual de cada PPGCI mostra alguns termos que os superam quantitativamente, como, por exemplo: links no *corpus* PUCCAMP; histórico e documentação no *corpus* UFPB; cultura no *corpus* USP; escrita, educação, oralidade e tecnologias no *corpus* UFBA.

PPGCI	Termos e expressões utilizados
PUCCamp	Links, informação, biblioteconomia, documento, memória.
UFBa	Escrita, educação, oralidade, tecnologias, informação.
UFF/IBICT	Informação, arquivos, memória, sociedade.
UFMG	Informação, memória, documento, museu, ciência, institucional, eletrônico, cultura, social, identidade.
UFPb	Histórico, documentação, memória, resgate.
UFRJ/IBICT	Informação, memória, instituição, sociedade, documento, conceito, biblioteca, preservação, ciência, cultura, arquivo, fotografia.
UnB	Informação, ações estratégicas, sistema, arquivos, empresas, memória, documento.
USP	Cultura, informação, memória, escola, história, instituição.

Tabela 21: Termos e expressões utilizados x PPGCI na Amostra 2
 Fonte: elaboração própria, a partir dos dados do Corpógrafo.

Os dois trabalhos da Categoria 1 produzidos no PPGCI da UFMG tratam da memória do bibliotecário no trabalho de representação da informação e tem, como autoras, Maria Aparecida Moura e Gercina Lima. O trabalho da UFBa, de autoria de Henriette Gomes, associa a memória de longo prazo ao uso de tecnologias na educação universitária. O trabalho de Magda Chagas, da UFPb, associa memória à compreensão da leitura em diferentes suportes textuais. O trabalho da USP, de Perroti, Amaro e Vergueiro, aborda a incorporação da memória dos idosos à estrutura de um serviço de informação.

Os dois trabalhos da Categoria 2 produzidos no âmbito do PPGCI da UFRJ/IBICT são de autoria de Luis Carlos Paternostro e tratam do uso das tecnologias de informação e da

memória virtual. O trabalho produzido na âmbito da PUCCAMP, de autoria de Solange Mostafa, trata do uso da Internet no ensino de Biblioteconomia e associa o termo memória exteriorizada a bibliotecas e bases de dados. O trabalho produzido na UnB, de autoria de Jaime Robredo, associa a organização da informação ao uso da tecnologia e refere-se à memória dos computadores.

Os cursos com maior número de trabalhos, UFRJ/IBICT e UFMG, apresentam entre as adjetivações mais frequentes aquelas relacionadas ao aspecto social da memória: institucional, política, científica, social e governamental.

Na tentativa de ampliar a compreensão sobre os contextos de produção da Amostra 2, decidimos verificar a existência de grupos de pesquisa sobre o tema memória, na Ciência da Informação, registrados no Diretório dos Grupos de Pesquisas do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq).

A base corrente desse Diretório indica a existência de cento e quarenta e dois (142) grupos de pesquisa em CI, dentre os quais, trinta e três (33) registram o termo memória em seus nomes ou nos nomes das linhas de pesquisa a eles vinculadas. Desse total, dez (10) grupos estão vinculados a programas de pós-graduação em Ciência da Informação, o que representa pouco mais de 30% dos grupos que abordam o tema e 7% do total de grupos de pesquisa em CI.

Grande parte dos grupos não vinculados aos PPGCIs está vinculada a instituições de ensino superior que mantêm cursos de graduação em Biblioteconomia, Arquivologia e/ou Museologia - UFES e UEPb, por exemplo - ou linhas de pesquisa de outros programas de pós-graduação, com forte interface com a CI, tais como, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS e o Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO.

Entre os quarenta e seis (46) autores da Amostra 2, identificamos apenas cinco (5) atualmente registrados em grupos de pesquisa vinculados aos PPGCIs que, de alguma forma, abordam a temática da memória: Georgete Medleg Rodrigues e Shirley do Prado Carvalhêdo, da UnB, Márcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima e Lídia Silva de Freitas, da UFF/IBICT, e Maria Aparecida Moura, da UFMG. As pesquisadoras da UnB participam do mesmo grupo de pesquisa, ocorrendo o mesmo com as pesquisadoras da UFF/IBICT.

Outras três (3) autoras, apesar de egressas da pós-graduação em CI, participam de pesquisas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO: Icléia Thiesen Magalhães Costa, Leila Beatriz Ribeiro e Vera Lúcia Doyle Dodebei.

Como os dados do Diretório de Pesquisas referem-se ao ano corrente, não foi possível identificar se os trabalhos produzidos no período analisado nesta tese resultaram de grupos de pesquisa ou de estudos individuais dos autores. Observa-se, no entanto, que, hoje, seis programas de pós-graduação em CI mantêm grupos de pesquisa relacionados à temática da memória: UFPB e UnB, cada uma, com três grupos, e UFBA, UFF, UFMG e UFSC, cada uma, com um grupo.

Os resultados obtidos pela análise dos *corpora* referentes à formação dos emissores e aos contextos de produção indicaram a necessidade de verticalizar a análise dos documentos, levando-nos a optar pela análise das teses e dissertações, tendo em vista sua representatividade na produção científica dos PPGCIs e sua necessária vinculação às linhas de pesquisa dos programas.

- **Teses e dissertações**

Os documentos componentes do *corpus* Teses e Dissertações referem-se ao período de 1972 a 2005, razão pela qual as linhas de pesquisa nas quais foram produzidas nem sempre correspondem às atuais linhas de pesquisa dos PPGCIs.

Apenas os programas das universidades UFRJ/IBICT, UFMG, USP e PUCCAMP registram teses e dissertações no *corpus* analisado⁴⁷, conforme se observa na Figura 8. Não foram localizadas informações sobre as linhas de pesquisa correspondentes a quatro documentos produzidos no PPGCI da UFRJ/IBICT, são eles: as dissertações de Antônio C. Baptista e Sandra R. Gomes, e as teses de Icléia Thiesen e Vera Dodebei.

As linhas nas quais foi produzida a maioria das pesquisas aqui analisadas, apesar de não explicitarem o termo memória, têm em comum o termo cultura ou social em sua denominação ou em sua ementa, configurando-se em espaços adequados ao desenvolvimento de estudos sobre o tema, especialmente àqueles que utilizam o conceito na perspectiva social.

⁴⁷ Ver APÊNDICE L – Teses e dissertações sobre memória por linhas de pesquisa dos PPGCIs no Brasil.

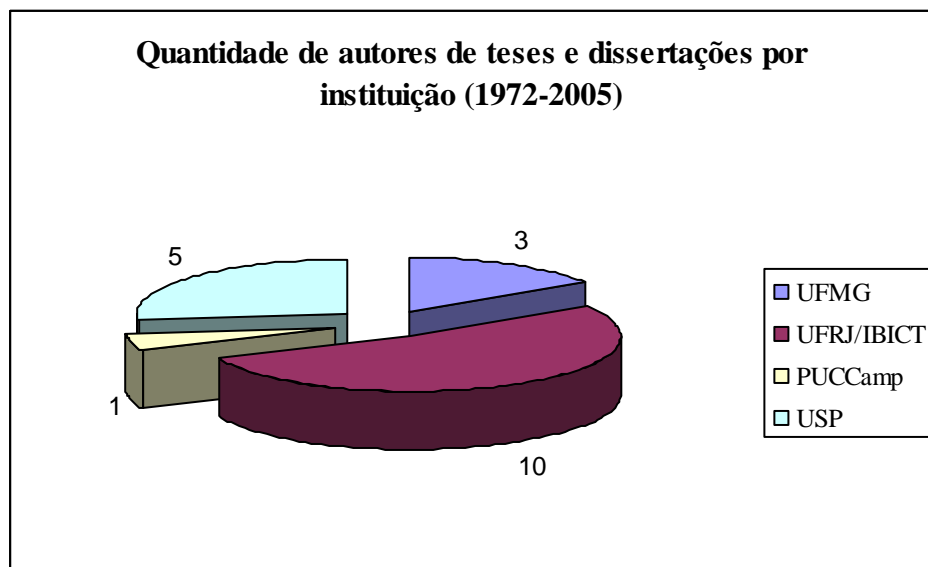


Figura 8: Quantidade de autores de teses e dissertações por instituição.
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados do Corpógrafo.

Dos quatro programas de pós-graduação com registro de teses e/ou dissertações que abordam o tema memória, o número mais expressivo – dez pesquisas - pertence ao PPGCI da UFRJ/IBICT, que não registra, atualmente, linha de pesquisa que explicita o tema em seu nome ou ementa, nem grupo de pesquisa sobre memória no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.

Entre os orientadores das pesquisas componentes do *corpus*⁴⁸, constam quatro autores de trabalhos publicados sobre o tema e participantes da Amostra 1 desta pesquisa: Edmir Perroti (USP), com três orientações, Regina Marteleto (UFMG e UFRJ/IBICT)⁴⁹, com duas; e Maria Aparecida Moura (UFMG) e Solange Mostafa (PUCAMP), com uma orientação, cada uma. Cabe ressaltar que o maior número de orientações (quatro pesquisas) é de Maria Nélida González de Gómez, professora do PPGCI da UFRJ/IBICT, que não é autora participante da Amostra 1.

Observando a Figura 9, identifica-se a predominância de autores com graduação em Ciências Sociais ou Humanas, como já observado na Amostra 2. Reproduz-se, também, a presença majoritária de graduações que têm o documento como objeto de trabalho: Biblioteconomia, História e Museologia correspondem à formação de mais de 68% dos autores das teses e dissertações que compõem esse *corpus*.

⁴⁸ Ver Anexo B - Teses e dissertações sobre memória defendidas nos programas de pós-graduação em CI no Brasil.

⁴⁹ Regina Marteleto orientou uma pesquisa na UFRJ/IBICT, em 2002, e outra na UFMG, em 2005.

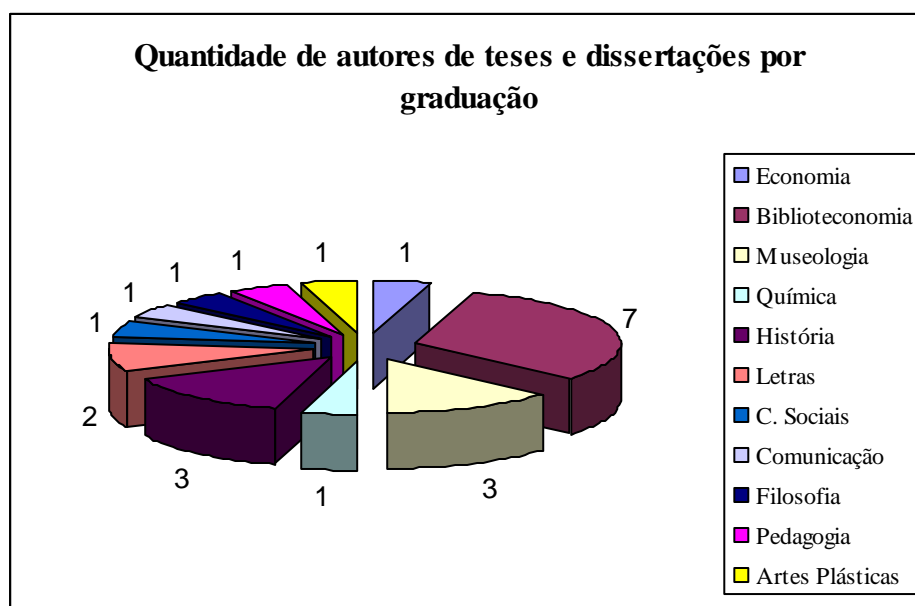


Figura 9: Quantidade de autores de teses e dissertações por graduação.
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados do Corpógrafo.

Consideramos relevante observar, também, se o período de produção das pesquisas era anterior à incorporação dos termos informação e/ou Ciência da Informação ao nome dos programas.

O programa da UFRJ/IBICT, que funcionou vinculado à Escola de Comunicação da UFRJ (ECO/UFRJ) até 2004, utiliza a denominação Ciência da Informação desde sua criação, em 1970. Os demais programas foram incorporando o termo informação a suas denominações durante seu desenvolvimento, especialmente durante a década de 1990, como observa Pinheiro (2000).

O programa da PUCCAMP foi criado em 1977 como Mestrado em Biblioteconomia, sendo que em 1997, ano de defesa de dissertação de Silva (Apêndice J), já havia alterado seu nome para Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Em 1992, o Mestrado em Administração de Bibliotecas, da Escola de Biblioteconomia da UFMG, alterou sua denominação para Mestrado em Ciência da Informação, denominação mantida até o presente momento, com área de concentração em Produção, Organização e Utilização da Informação.

O PPGCI da USP constituiu-se enquanto programa autônomo, a partir de 2006. Até então, funcionou como área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Comunicação mantido pela Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP) dessa Universidade. A partir de 1991, a área de concentração em Biblioteconomia, passou a denominar-se

Ciências da Informação e Documentação, até organizar-se como um programa específico. Os trabalhos aqui incluídos foram produzidos durante a vigência desta área de concentração.

Assim sendo, todas as teses e dissertações aqui analisadas foram produzidas após as reformulações que resultaram na incorporação da “Ciência da Informação” à denominação dos programas, ou área de concentração, no caso da USP.

Conforme procedimento adotado com os demais *corpus*, iniciamos a análise de conteúdo utilizando o Corpógrafo, na unidade de contexto constituída pelos títulos, resumos e palavras-chave.

Não foram identificadas diferenças significativas entre os termos mais citados nesse *corpus*⁵⁰ e naqueles anteriormente analisados. Persiste a presença de termos que remetem a uma perspectiva social da memória. No entanto, observa-se uma proximidade entre os dois termos mais citados - memória e informação – e os demais, ainda não verificada nas amostras já analisadas. Nas Amostras 1 e 2, a frequência de citações desses termos foi de duas a três vezes maior que o terceiro termo mais citado. Nas teses e dissertações, essa quantidade não chega ao dobro, considerando a terceira família léxica mais citada, documento, o que pode resultar da presença majoritária de bibliotecários, historiadores e museólogos como autores dos documentos do *corpus*.

O resultado das co-ocorrências com a família léxica memória assemelha-se àquele obtido na Amostra 2, com pequenas alterações numéricas, conforme se observa na Tabela 22. Persiste a vinculação mais frequente com informação, instituição, cultura, documento e social.

Famílias léxicas	Total de frases com co-ocorrência
informação	24
instituição	18
cultura	17
documento	14
social	13
ciência	11
história	10
preservação	10

⁵⁰ Ver APÊNDICE J - Ocorrência das famílias léxicas no *corpus* Teses e Dissertações

construção	7
produção	6
arquivo	5
biblioteca	5
conceito	5
fotografia	4
museu	4
valor	4
nacional	3

Tabela 22: Co-ocorrências mais frequentes à família léxica de memória no *corpus* Teses e Dissertações.
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo Corpógrafo.

Na Tabela 23, observa-se, uma redução significativa das adjetivações utilizadas: das vinte e sete (27) registradas na Amostra 2, apenas onze (11) são utilizadas nas teses e dissertações. As adjetivações mais frequentes, institucional e científica, concentram-se em apenas três documentos: a dissertação e a tese de Icléia Thiesen e a tese de Verônica de Brito, sendo também, esta última, a única a usar a adjetivação memória científica.

Família léxica	Adjetivações	Frequência
memória	institucional	6
memória	científica	6
memória	social	6
memória	local	3
memória	operária	2
memória	cultural	2
memórias	clandestinas	2
memória	governamental	2
memórias	coletivas	1
memória	oficial	1
memória	documentária	1

Tabela 23: Adjetivações do termo memória no *corpus* Teses e Dissertações.
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo Corpógrafo.

A adjetivação social é utilizada por Silva em sua dissertação sobre informação visual, por Irati, em sua dissertação sobre informação e música no Brasil, e por Dodebei, em sua tese sobre o sentido e o significado do documento para a memória social, na qual a autora utiliza, também, as adjetivações cultural e documentária.

Todas as ocorrências de memória local ocorrem no mesmo documento: a dissertação de mestrado de Zilda Kessel, que trata da construção da memória no contexto escolar, na qual a autora utiliza, ainda, a adjetivação memória cultural. Da mesma forma, as ocorrências de memória operária ocorrem apenas na dissertação de Márcia Cavalcanti, sobre a construção e o uso do Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro, enquanto as ocorrências de memória governamental, estão na tese de Emília Cruz sobre a utilização de documentos eletrônicos pela administração pública no Brasil. As demais adjetivações, clandestinas, coletivas e oficial, são utilizadas por Siaines de Castro, em sua tese sobre a institucionalização de memórias coletivas.

Observa-se que as adjetivações utilizadas parecem estar mais relacionadas à delimitação do campo empírico de cada pesquisa, do que a uma reformulação teórica do conceito de memória, propriamente dita.

As associações diretas são, também, menos variadas que nos demais *corpus*, concentrando-se em alguns termos que reforçam a associação da memória a aspectos sociais e aos registros de informação.

Família léxica	Termo associado	Frequência
memória e	informação	3
memória e	identidade	2
memória e	fotografia	2
memória e	documento	1
memória e	poder	1
memória e	biblioteca	1
memória e	história	1
memória e	arquivo	1

Tabela 24: Associações diretas com o termo memória no *corpus*: teses e dissertações
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo Corpógrafo.

Nas extensões relacionadas na Tabela 25, observa-se a presença de alguns termos que associam a memória à noção de processo, como, por exemplo: construção, recuperação,

exclusão, trabalho, dinâmica e formação. Outros, apontam relações entre os registros de memória e espaços físicos: arquivos, entidades, lugares, instituições.

Extensões		Frequência
construção	da memória	3
arquivo	de memória	2
preservação	da memória	2
projeto(s)	de memória	2
registros	da memória	1
testemunho	de memória	1
entidade	de memória	1
recuperação	da memória	1
institucionalização	das memórias	1
exclusão	da memória	1
formação	das memórias	1
lugares	de memória	1
teoria	da memória	1
instituições	de memória	1
trabalho	de memória	1
valorização	da memória	1
dinâmica	de memória	1
artes	da memória	1
memória de	leituras	1
memória da	comunidade	1
memória de	curto e longo prazo	1

Tabela 25: Extensões do termo memória na Amostra: teses e dissertações.
Fonte: elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo Corpógrafo.

Ao procedermos à classificação dos documentos do *corpus* Teses e Dissertações verificamos que todos se encaixavam na Categoria 3, confirmando a posição hegemônica da pesquisa desenvolvida nos programas de pós-graduação em CI em torno da noção social da memória. Os documentos da Amostra 2, classificados nas Categorias 1 e 2, restringiam-se a artigos de periódico e a comunicações dos ENANCIBs.

Tendo em vista as indicações fornecidas pelos dados até o momento, ampliamos a unidade de contexto, incluindo os seguintes elementos textuais das teses e dissertações aqui analisadas: introdução, referenciais teóricos, conclusões e referências bibliográficas. O objetivo deste procedimento é complementar a análise realizada com o Corpógrafo, através da leitura do material, utilizando a presença do índice – ocorrência de termos da família léxica memória – e dos indicadores anteriormente definidos como guias.

A ampliação da unidade de contexto permitiu confirmar o que a análise quantitativa indicava: alguns dos trabalhos não têm como objetivo principal o estudo da memória, razão pela qual apenas tangenciam o tema. Exemplo disso, é o trabalho de Isaura Guimarães (USP, 1996), onde a memória documental e os depoimentos de ex-funcionários oferecem material para sua análise sobre o processo de construção da FUNARTE. Outro exemplo é a tese de Ricardo Hollanda (UFRJ/IBICT, 2003) que, apesar de considerar a fotografia como parte da memória social, tem como objetivo a ação do fotógrafo na interpretação da imagem fotográfica.

Como as pesquisas já estavam classificadas na Categoria 3, nosso objetivo, durante a leitura do material, foi tentar identificar prováveis nuances nas formas de apropriação e reformulação do conceito de memória.

Alguns autores estabelecem uma relação hierárquica entre termos mais amplos, dos quais se apropriam, e termos mais restritos, com os quais delimitam a parcela de memória à qual se referem, tanto em relação ao tipo de informação/documento, quanto à abrangência dessa parcela. É o caso do conceito de “memória coletiva”, de Halbwachs, e o conceito de “memória social” de Nora, de Fentress e Wickham e de Le Goff. Uma vez apropriados, esses conceitos recebem várias adjetivações: memória arquivística, memória documentária, memória operária, memória institucional, memória governamental, memória científica, memória local, entre outras.

Observamos que o conceito de memória coletiva de Halbwachs é utilizado em dez trabalhos. Alguns desses trabalhos apresentam uma visão crítica sobre o papel da memória enquanto elemento de coesão social, conforme entendia esse autor, valendo-se, para isso, dos estudos de Le Goff, Nora, Pollak e Jeudy. Exemplo disso é a tese de Siaines de Castro (UFRJ/IBICT, 2002) que assume uma relação de negação entre a noção de memória coletiva como fator de agregação social defendida por Halbwachs e as visões de Pollak, Jeudy e Nora, que trabalham a partir da perspectiva da disputa entre memórias concorrentes.

Sandra Gomes (UFRJ, 1996) e Márcia Cavalcanti (UFRJ, 2002) desenvolvem estudos sobre memória operária. Ambas estabelecem uma relação de identidade entre as expressões memória coletiva e memória social, utilizando como referências os trabalhos de Halbwachs e Le Goff. Por outro lado, Verônica Brito (UFRJ, 2002), em seu estudo sobre a memória da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), adota a posição de Fentress e Wickham, que utilizam a expressão memória social diferenciando-a do conceito de memória coletiva, na medida em que, ampliando a visão de Halbwachs, pressupõe a existência de uma consciência individual autônoma que se soma à essa memória.

As pesquisas de Ivete Faria (USP, 1999), Zilda Kessel (USP, 2003), de Aparecida Shikida (UFMG, 2005) e Ângela Maria Barreto (USP, 2003) acrescentam, à perspectiva de memória como construção social, aspectos relativos à oralidade e aos discursos. Ivete Faria busca perceber os mecanismos da dinâmica de construção da memória, associados às narrativas e à experiência. Na dissertação de Kessel, o termo memória aparece associado à idéia de memória local, memória cultural e memória da comunidade, e a escola é considerada como espaço para o desenvolvimento de projetos voltados para a construção dessa memória. Shikida busca compreender a função da oralidade na construção social da informação e do conhecimento em acervos de programas de História Oral, mantidos por centros de documentação, utilizando-se do conceito de memória coletiva de Halbwachs. Barreto desenvolve sua pesquisa a partir das memórias de leituras de um grupo de idosos. Além dos trabalhos de Halbwachs e Nora, as autoras utilizam os estudos de Ecléa Bosi, como referência.

As pesquisas de Márcio Silva (PUCCAMP, 1997) e Ricardo Hollanda (UFRJ/IBICT, 2003) relacionam a memória, especificamente, ao registro fotográfico, mas suas pesquisas visam objetivos distintos. Hollanda ressalta a participação do produtor do documento, no caso, o fotógrafo documental, na interpretação de imagens fotográficas, visando à elaboração de instrumentos de recuperação da informação mais completos. Silva desenvolve sua dissertação com foco na participação do profissional de arquivo na produção de acervos fotográficos que, ao suscitarem lembranças, contribuem positivamente para a memória coletiva.

Três teses são de cunho eminentemente teórico e foram desenvolvidas no programa da UFRJ/IBICT. São elas: *Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*, de Icléia Thiesen, *O sentido e o significado de documento para a*

memória social, de Vera Dodebei, ambas defendidas em 1997, e *A Ameaça: tempo, memória e informação*, de Geni Chaves Fernandes, defendida em 2004.

Thiesen, em seu estudo para a construção do conceito de memória institucional, trabalha com o conceito de memória como “movimento do tempo”, sem utilizar adjetivações, associações ou extensões. Aborda a construção do conceito de memória institucional partindo do pressuposto de que o fenômeno da memória, no quadro das instituições, tem características especiais, indicando uma provável relação de reciprocidade entre memória e instituição. A autora estabelece, ainda, uma distinção entre memória institucional e memória organizacional que, a nosso ver, merece ser desenvolvida, no âmbito da CI, tendo em vista os estudos que envolvem gestão da informação e gestão do conhecimento.

Vera Dodebei estabelece uma reformulação dos conceitos de memória social, memória cultural e documento. A autora entende memória cultural como resultado de uma interferência seletiva sobre a memória social, através da qual os objetos são ressignificados, adquirindo o *status* de documento. Nesse aspecto, a autora entende que a memória cultural pode ser igualada à memória institucional.

Geni Fernandes não promove efetivamente uma reformulação conceitual, mas apóia-se nas temáticas da memória e do tempo para analisar a informação como sucedâneo da verdade na sociedade contemporânea, como algo que está disponível e sempre à mão, como um acabamento, uma resposta final.

Sem pretender uma análise conceitual, Emília Cruz (2002) adapta os conceitos de memória de curto prazo e memória de longo prazo ao referir-se ao uso dos documentos de arquivo no ambiente organizacional, ressaltando que a memória por eles constituída é solicitada na rotina diária das organizações, como suporte ao processo de tomada de decisão, e não somente após seu recolhimento a uma instituição arquivística. Esses dois usos corresponderiam às memórias de curto e longo prazo. O estudo, no entanto, não é focado em questões relativas à memória, mas sim ao uso e à preservação do documento eletrônico na administração pública.

As pesquisas de Márcio Silva (1997) e Ricardo Hollanda (2003) relacionam a memória, especificamente, ao registro fotográfico, mas suas pesquisas visam objetivos distintos. Enquanto Hollanda tem como objetivo as relações entre a produção e a interpretação de imagens fotográficas, Silva desenvolve sua dissertação com foco na formação de um acervo fotográfico que, ao suscitar lembranças, contribui positivamente para a memória coletiva.

A Tabela 26 registra os autores mais citados nas abordagens do tema memória, evidenciando o predomínio de historiadores e sociólogos. Otlet e Bush, quando utilizados, são citados em revisões bibliográficas sobre a CI e não relacionados à questão da memória.

Autores citados	Quantidade de trabalhos	Conceitos e noções utilizados
Jacques Le Goff	14	Documento/monumento Disputa pela memória
Pierre Nora	12	Lugares de memória
Ecléa Bosi	10	Convencionalização Narrativas
Maurice Halbwachs	10	Memória coletiva Quadros sociais
Michel Pollack	9	Enquadramento da memória
Henri-Pierre Jeudy	6	Desaparecimento da memória Ruínas / musealização
Henry Bergson	6	Memória-hábito Memória pura
Ulpiano Bezerra de Menezes	5	Crise da memória

Tabela 26: Autores mais citados nas teses e dissertações x quantidade de trabalhos em que são citados.
Fonte: elaboração própria.

Na análise das pesquisas foi possível perceber que os conceitos formulados por esses autores são apropriados no âmbito da CI, sem que isso implique, necessariamente, na sua reformulação.

Em seguida, tentamos sintetizar aquelas que consideramos as observações mais relevantes na análise de dados efetuada, tendo em vista os objetivos desta pesquisa.

- **Quanto aos conceitos atratores**

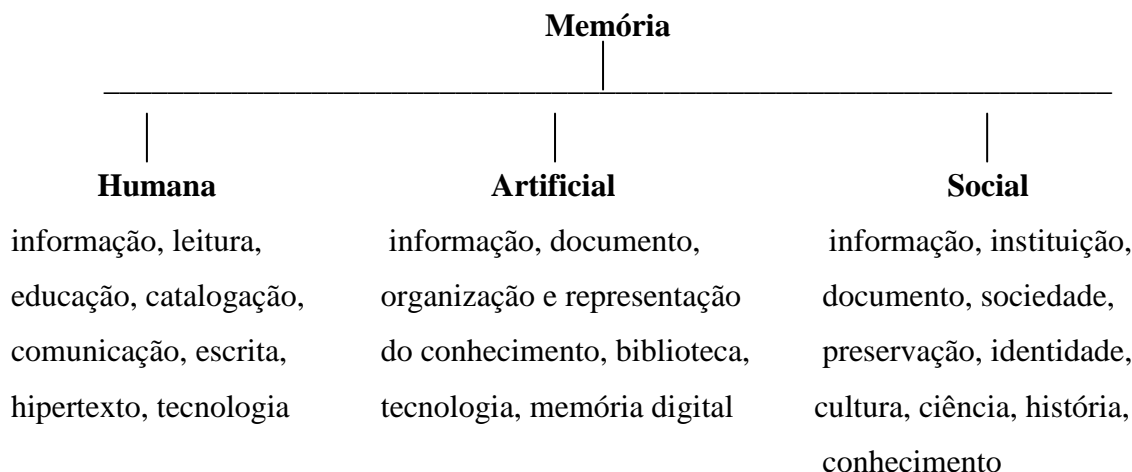
A análise dos *corpora* permitiu identificar o termo informação como o termo mais citado em todos os recortes efetuados. Considerando ainda sua predominância nas co-ocorrências e associações diretas obtidas, podemos inferir que informação é, por excelência, o atrator do conceito de memória no âmbito da Ciência da Informação no Brasil. Cabe ressaltar que isso ocorre nas três categorias aqui analisadas.

Tanto o termo informação quanto o termo documento, segundo termo mais citado nos *corpora* analisados, enquanto objetos de estudo da Ciência da Informação, são considerados elementos propiciadores da construção da memória social ou memória coletiva.

Outros termos a eles associados dão a tônica dominante nos *corpora* referentes à literatura nacional, como, por exemplo: instituição, social, biblioteca, cultura e história, termos que também podemos considerar como atratores do conceito de memória na CI.

Por outro lado, observamos que alguns termos recorrentes em estudos sobre memória em outras áreas do conhecimento, não apresentaram frequência de citação significativa, tais como: esquecimento, lembrar, recordar, tempo e espaço.

Os resultados obtidos com o Corpógrafo foram essenciais para a caracterização dos conceitos atratores nos *corpora* analisados, permitindo, ainda, classificá-los nas categorias aqui estabelecidas:



- **Quanto às apropriações e reformulações**

Com o auxílio do Corpógrafo, identificamos as caracterizações recebidas pelo conceito de memória, através de sua associação direta a outros termos e das adjetivações e extensões a ele atribuídas.

Observamos que o conceito é apropriado em função da compreensão do autor sobre seu objeto de estudo, em função de determinadas etapas do processo informacional, ou, ainda, em função dos espaços nos quais os processos informacionais ocorrem.

Nos estudos que adotam a perspectiva social da memória, a etapa do processo informacional mais citada e associada ao termo é a preservação, a partir do pressuposto de

que a preservação das informações ou dos documentos possibilita a (re)construção de parte da memória de uma coletividade, seja ela, um país ou uma instituição. A organização e a representação do conhecimento foram as atividades mais citadas nos estudos cujo foco é a memória artificial. A memória humana foi associada ao processo de leitura efetuado durante o trabalho de catalogação.

Os locais nos quais os cientistas da informação exercem suas práticas - arquivos, bibliotecas e museus – considerados “lugares de memória”, bem como a memória das instituições resultam em apropriações dos conceitos de memória social e memória coletiva e no emprego de múltiplas extensões, tais como: instituições de memória, centros de memória, arquivos de memória e entidade de memória. Ainda referindo-nos às extensões, são constantes as referências a uma dinâmica da memória possibilitada pela informação registrada: construção, reconstrução, formação, manutenção, recuperação, preservação, conservação, valorização, incorporação, interação, exclusão e destruição da memória.

Alguns autores estabelecem uma relação hierárquica entre termos mais amplos, dos quais se apropriam, e termos mais restritos, com os quais delimitam a parcela de memória à qual se referem, tanto em relação ao tipo de informação/documento, quanto à abrangência dessa parcela. É o caso do conceito de “memória coletiva”, de Halbwachs, e o conceito de “memória social” de Nora, de Fentress e Wickham e de Le Goff. Uma vez apropriados, esses conceitos recebem várias adjetivações: memória arquivística, memória documentária, memória operária, memória institucional, memória governamental, memória científica, memória local, entre outras.

Em alguns estudos, o conceito de memória coletiva de Halbwachs é questionado enquanto elemento de coesão social, a partir de análises desenvolvidas por Le Goff, Nora e Jeudy. Exemplo disso é a tese de Siaines de Castro (UFRJ/IBICT, 2002) que assume uma relação de negação entre a noção de memória coletiva como fator de agregação social e as visões de Pollak, Jeudy e Nora, baseadas na perspectiva da disputa entre memórias concorrentes. Nesse trabalho, a autora estabelece uma relação de oposição entre as adjetivações memória clandestina e memória oficial.

A verticalização da análise das teses e dissertações permitiu identificar um núcleo de estudos conceituais nos quais constatamos iniciativas no sentido de reformulação do conceito de memória, como observado nas teses de Icléia Thiesen, Vera Dodebei e Geni Fernandes.

- **Quanto aos contextos de produção**

Dos quatro programas de pós-graduação com registro de teses e/ou dissertações sobre o tema, o número mais expressivo – dez pesquisas - pertence ao PPGCI da UFRJ/IBICT, que não registra, atualmente, linha de pesquisa que explicita o tema em suas ementas, nem grupo de pesquisa sobre memória no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

As linhas nas quais foi produzida a maioria das pesquisas aqui analisadas, apesar de não explicitarem o termo memória, têm em comum o termo cultura ou social em sua denominação ou em sua ementa, configurando-se em espaços adequados ao desenvolvimento de estudos sobre o tema, especialmente àqueles que utilizam o conceito na perspectiva social.

No entanto, tendo em vista o baixo número de pesquisas identificadas, podemos questionar se os programas de pós-graduação em CI constituem-se em espaços favoráveis à produção científica sobre memória. É interessante destacar que, apesar de egressas do PPGCI da UFRJ/IBICT, programa que mais produziu pesquisas sobre o tema, as autoras mais produtivas não atuam nesse programa. Ana Lúcia Castro, Vera Dodebei e Icléia Thiesen são vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, ambiente no qual foram produzidos alguns dos trabalhos da Amostra 1.

Cabe ressaltar, ainda, que no PPGCI da UFRJ/IBICT foram produzidas as teses do que denominamos de núcleo de estudos conceituais, constituído pelos trabalhos de Dodebei, Thiesen e Fernandes, todas, atualmente, vinculadas à UNIRIO.

Entre os autores da Amostra 2, apenas cinco (5) são, atualmente, registrados no Diretório de Pesquisas do CNPq como participantes de grupos de pesquisa vinculados aos PPGCIs que abordam a temática da memória. Outros três (3) participam de pesquisas vinculadas ao programa de pós-graduação em Memória Social da UNIRIO, apesar de serem egressos da pós-graduação em CI.

Alguns sinais que avaliamos como positivos podem ser identificados, no contexto dos programas de pós-graduação. Atualmente, existe uma linha de pesquisa denominada Memória, Organização, Produção e Uso da Informação, no PPGCI da UFPB, cuja ementa inclui: preservação da memória, representação de informação e de conhecimento, web semântica e usos e impactos da informação. Além disso, o programa da UFRJ/IBICT mantém uma disciplina optativa denominada Memória e Informação, cuja ementa estabelece o estudo teórico-epistemológico da informação e da memória social entendidas como fenômenos construídos histórico e socialmente. Soma-se a isso, o fato de existirem trinta e três grupos de pesquisa que

se relacionam ao tema memória atualmente registrados no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq, sendo dez deles vinculados aos PPGCIs.

- **Quanto aos emissores**

A variável relacionada aos emissores das mensagens parece influir de forma mais decisiva na opção pelo tema. Os produtores de trabalhos vinculados aos programas de pós-graduação em CI são, excetuando-se dois autores, egressos de cursos que integram as ciências humanas e sociais. Além disso, ficou evidente a presença determinante de egressos de graduações fortemente vinculadas ao documento. As graduações em Biblioteconomia, História e Museologia correspondem à formação de quase 70% dos autores da Amostra 2.

Apesar de 50% da amostra ser constituída por bibliotecários, a proporção de 1,2 trabalhos por autor, não é mais representativa que a dos autores egressos de outras graduações. A proporção entre os museólogos, de 3,6 trabalhos por autor, é a que se destaca das demais, concentrando as autoras mais produtivas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, tentamos compreender como a Ciência da Informação se apropria de conceitos, partindo do caso específico da apropriação e da reformulação do conceito de memória no Brasil. Para isso, apoiamos-nos no modelo de construção do conhecimento proposto por Wersig, conforme o qual, a CI deve tecer uma rede conceitual a partir da reformulação de modelos genéricos e interconceitos, capaz de sustentar a formulação de estratégias adequadas para lidar com a questão da informação e do conhecimento na sociedade contemporânea.

Como hipóteses de trabalho, estabelecemos que a apropriação do conceito de memória na Ciência da Informação no Brasil acompanharia tendências presentes na literatura internacional da área, sendo, também, influenciada por dois fatores relacionados à produção das mensagens: o contexto e seus produtores. Definimos, como variáveis da segunda hipótese, os programas de pós-graduação em CI e a formação acadêmica dos cientistas da informação.

Inicialmente, procedemos a um estudo exploratório acerca do problema de pesquisa, no qual procuramos identificar o tema memória em fontes de informação representativas da área. Em seguida passamos a uma fase descritiva, na qual procuramos identificar visões de um determinado grupo, os cientistas da informação, sobre um tema de pesquisa específico: a memória. Para isso, estabelecemos, como campo empírico, a produção científica dos cientistas da informação, tanto em âmbito nacional como internacional.

Partimos, então, para a análise dos *corpora* obtidos. Para nos guiar na exploração desse material, estabelecemos três categorias de análise, a partir das possibilidades de abordagens do tema memória identificadas nos estudos de Otlet e Bush: memória humana, memória artificial e memória social.

A primeira constatação possibilitada pelos resultados foi o caráter periférico do tema, tanto na produção internacional, quanto na produção nacional. No entanto, tendo em vista a diferença na abrangência da base LISA e das fontes de informação utilizadas para composição da Amostra 1, consideramos que a temática da memória é abordada de forma mais significativa no Brasil do que na literatura internacional.

Foi possível identificar, tanto na literatura internacional quanto na literatura nacional, uma tendência de crescimento na ocorrência do tema durante a década de 1990. Consideramos necessário contextualizar esta tendência na “cultura de memória” analisada por

Huysen (2000), conforme abordado anteriormente. Sobre esse aspecto, destacamos o Programa Memória do Mundo, instituído pela UNESCO, em 1992. Sua relevância ficou evidente na análise da literatura internacional, tendo em vista o número de experiências de preservação do patrimônio documental por ele proporcionadas.

Constatamos, na literatura internacional, o interesse no estudo de novos suportes para o registro da informação, quanto à capacidade de armazenagem e à adequação das mídias aos sistemas de informação, resultando no aumento da produção de estudos relacionados à memória artificial, especialmente no período de 1975 a 1989. Entretanto, esse interesse não repercutiu na produção científica nacional, na qual, somente a partir de 2000, aparecem estudos relacionados à organização do conhecimento e ao uso de bases de dados, tangenciando o tema memória.

A memória como capacidade humana resultou na possibilidade menos explorada na Ciência da Informação, tanto na literatura internacional quanto na nacional. Ainda assim, o *corpus* correspondente à base LISA registra estudos que analisam os processos de recuperação da informação realizados pela mente humana, com a finalidade de aperfeiçoamento de processos artificiais e de melhorias na interface homem-computador, o que não foi verificado na produção nacional.

Os resultados permitiram identificar o que, talvez, possamos chamar de uma “tendência” majoritária no âmbito da Ciência da Informação. Os trabalhos dessa “tendência” relacionam memória e informação, considerando especialmente as informações registradas (documentos), nos mais variados suportes, como elementos de relevância para a memória social, em vários níveis: local, regional ou nacional. Essa relevância é justificada pela possibilidade de (re)construção da memória e da formação de identidade a partir desses registros, o que exige sua organização, preservação e divulgação. Essas operações incluem o aspecto seletivo, que envolve o binômio lembrar e esquecer, onde a decisão sobre o que constituirá a memória é compreendida como uma disputa, ou uma negociação, entre grupos sociais, permeada por questões políticas e ideológicas, por vezes antagônicas. A preservação dessa memória é associada, também, a espaços físicos socialmente instituídos e legitimados para sua custódia, tais como, arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação.

Na literatura nacional, identificamos o que chamamos de um núcleo de estudos conceituais sobre memória, sem correspondente na literatura internacional. Somente após a ampliação da unidade de contexto das teses e dissertações foi possível identificar, com mais clareza, essa especificidade. Por esta razão, entendemos que esses estudos sugerem uma nova

categoria não visualizada nos textos de Otlet e Bush. Essa categoria se caracterizaria por reunir estudos conceituais decorrentes da aplicação do conceito de memória na Ciência da Informação.

Consideramos, portanto, que a análise comparativa entre as literaturas internacional e nacional confirmam, parcialmente, a primeira hipótese desta pesquisa, na medida em que os *corpora* referentes a ambas apresentam similaridades e singularidades.

Pautados em Wersig e visando responder ao problema motivador desta tese, identificamos os atratores do conceito de memória na CI, verificando que esses atratores relacionam-se com o objeto de estudo da área, com as etapas dos processos informacionais e com os espaços de prática profissional.

Os resultados obtidos com o Corpógrafo foram essenciais para a caracterização dos conceitos atratores nos *corpora* analisados, permitindo, ainda, classificá-los nas categorias aqui estabelecidas. Verificamos que seja qual for a abordagem adotada – memória humana, artificial ou social, a informação, enquanto objeto de estudo, é o atrator, por excelência, do conceito de memória no âmbito da Ciência da Informação no Brasil. Essa informação, na maioria das vezes consubstanciada no documento, aparece, também, associada a narrativas e relatos.

Na busca de referenciais teóricos para o embasamento de suas pesquisas, os cientistas da informação, ao abordar o tema memória, recorrem, com maior frequência, a autores da História, da Sociologia e da Filosofia.

Os autores promovem uma adjetivação diversificada do termo memória como forma de apropriação, sem que isso implique, necessariamente, na sua reformulação. Essas adjetivações são, em geral, delimitações dos objetos de pesquisa ou dos contextos estudados. As iniciativas no sentido da sua reformulação foram identificadas nas pesquisas que compõem o que chamamos de núcleo de estudos conceituais.

Quanto aos dados referentes aos PPGCIs, destaca-se o número irrisório de estudos sobre memória neles desenvolvidos, o que nos remete à questão colocada na introdução desta tese relativa à pertinência de estudos sobre o tema na Ciência da Informação, considerando as reflexões de Bauman sobre a fluidez e o efêmero característicos da pós-modernidade.

A dispersão dos documentos entre os programas e, no âmbito de cada programa, entre suas linhas não permitiu identificar um espaço preferencial ao desenvolvimento de pesquisas sobre o tema memória. Por outro lado, sendo memória um interconceito, adotando a

terminologia de Wersig, é compreensível que seja estudado em suas várias facetas. No entanto, a dispersão aqui registrada, não se faz acompanhar de uma diversidade de olhares, como já observado.

Ainda com relação ao contexto de produção das mensagens, observamos que a tendência de crescimento na produção de estudos sobre o tema memória acentua-se conforme se amplia o escopo do que se entende por Ciência da Informação, de forma que nos programas de pós-graduação em CI essa tendência é menos significativa do que nos ENANCIBs, que envolvem outros programas de pós-graduação. Da mesma forma, nos periódicos de Ciência da Informação, a tendência de crescimento é mais significativa do que nos programas de pós em CI e nos ENANCIBs.

A variável relacionada à formação dos emissores das mensagens influi de forma mais decisiva na opção pelo tema. Os produtores dos trabalhos são, majoritariamente, egressos de cursos fortemente vinculados ao documento, que integram as ciências humanas e sociais, como a Biblioteconomia, a História e a Museologia. Esse parece ser o fator determinante na tendência ao desenvolvimento de estudos a partir de uma abordagem social da memória.

Retomando o modelo de construção do conhecimento de Wersig, constatamos que o conceito de memória ainda não foi trabalhado de forma efetiva no âmbito da Ciência da Informação. No caso das abordagens humana e artificial do conceito, podemos dizer que, considerando as adjetivações, associações e extensões identificadas, não ultrapassamos o primeiro passo, no qual os conceitos genéricos devem ser questionados quanto aos seus potenciais objetivos na área, e, então, reformulados. No caso dos estudos sobre memória artificial, que envolvem diretamente as tecnologias de informação, consideramos o resultado preocupante, tendo em vista as conseqüências que a ausência desses estudos pode acarretar.

A fragmentação dos trabalhos entre os contextos de produção e seus produtores indicam que a Ciência da Informação, no Brasil, ainda não se posicionou com relação à relevância do conceito de memória para a área. Se a produção científica representa, por si só, um posicionamento, entendemos que a área está deixando de explorar as possibilidades antevistas por Otlet e Bush, limitando sua capacidade de responder adequadamente às demandas da sociedade na sua busca por conhecimento.

5 RECOMENDAÇÕES

As possibilidades de pesquisa proporcionadas pelo Corpógrafo indicam, para nós, um caminho imediato de continuidade, que pretendemos trilhar. Apesar dos recortes desta tese, acreditamos ter apontado vários caminhos para futuras pesquisas sobre o tema, dentre os quais:

- Estudo das relações estabelecidas entre o interconceito memória e seus atratores, no âmbito da CI.
- Análise verticalizada da literatura internacional, tendo em vista a identificação de novas tendências relacionadas ao tema.
- Análise de trabalhos mais recentes já identificados na produção científica nacional e excluídos desta pesquisa em função do recorte temporal em 2005.
- Acompanhamento da produção intelectual dos autores, através do currículo Lattes ou outras fontes, para observação da continuidade de seu interesse pelo tema.
- Mapeamento das iniciativas de pesquisas que envolvam a temática da memória, para identificação de possíveis colaborações entre os autores, bem como entre os programas de pós-graduação, seja em CI ou em outras áreas.
- Ampliação do escopo da produção científica para publicações de áreas que estabelecem interfaces com a CI.
- Análise das bibliografias recomendadas pelos cursos de pós-graduação, nas disciplinas que abordam o tema memória.
- Estudos sobre a utilização do conceito de memória organizacional, não identificado no universo pesquisado, mas presente nas pesquisas mais recentes da área.
- Aprofundamento da análise qualitativa das teses e dissertações aqui iniciada.
- dos estudos sobre memória para as pesquisas desenvolvidas no âmbito da Ciência da Informação.⁵¹

⁵¹ As duas últimas recomendações foram incluídas a partir das sugestões formuladas pela Prof. Vera Dodebei, durante a defesa da tese.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *On the soul. Parva Naturalia. On breath.* Tradução: W. S. Heet. 7. ed. Londres: Harvard University Press, 2000.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (2008), Histórico do ENANCIB. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/enancib/historico-do-enancib/>>. Acesso em: 2 de Janeiro de 2010.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo.* Tradução: Luis A. Reto e Augusto Pinheiro. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche e a genealogia da memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.) *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005. p.55-71.

BASE REB: Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG (s. d.), Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG (1972 a 1983). Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>. Acesso em: 8 de Março de 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida.* Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória.* Tradução: Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Memória e vida: textos escolhidos.* Tradução: Claudia Berliner. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. – (Tópicos)

BORKO, H. Information Science: What is it? *American Documentation.* v.19, n.1, p.3-5, jan. 1968.

BUSH, Vannevar. As we may think. *Atlantic Monthly.* v. 176, n. 1, p. 101-108.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: [s.n.], 2003. Disponível em: <<http://www.capurro.de/enancib>>. Acesso em mar. 2007

_____. *Pasado, presente y futuro de la noción de información*. Disponível em: <<http://www.capurro.de/>>. Acesso em: 14 de maio de 2010.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (s. d.), Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil. Disponível em <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/>>. Acesso em 3 de Maio de 2010.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (2004), Banco de teses. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>>. Acesso em: 8 de Março de 2008.

COOK, Terry. *La evaluación archivística de los documentos que contienen información personales: un estudio del RAMP con directrices*. Paris: UNESCO, 1991.

_____. *Arquivos Pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno*: [Palestra]. Tradução: Paulo M. Garchet. [São Paulo?]: CPDOC-FGV e IEB-USP, 1997.

_____. *What is past is prologue: a history of archival ideas since 1898, and the future paradigm shift*. Disponível em: <<http://www.mybestdocs.com/cookt-pastprologue-ar43fnl.htm>>. Acesso em dez. 2007.

_____. Arquivos, documentos e poder: a construção da memória moderna. *Registro*, Indaiatuba, v. 3, n. 3, p.18-33, jul. 2004.

_____; SCHWARTZ Joan M. Archives, records, and power: from (postmodern) theory to (archival) performance. *Archival Science*. Netherlands, v. 2. p. 171–185, 2002.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p.101-107, 1978.

_____. Fundamentos teórico-conceituais da classificação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v.6, n.1, p. 9-21, jan./jun.,1978.

DATAGRAMAZERO (s. d.), Disponível em: < <http://dgz.org.br/>>. Acesso em: 8 de Janeiro de 2008.

DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. Tradução de Fernanda Abreu. Bauru, SP: Edusc, 2004.

DRAAISMA, Douwe. *Metáforas da memória: uma história das ideais sobre a mente*. Tradução de Jussara Simões. Bauru, Sp: Edusc, 2005.

EASTWOOD, Terry. La valoración archivística en las sociedades democráticas. *Tabula: revista de archivos de Castilla y León*. Salamanca, n. 6, p. 75 - 86, 2003.

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (2010), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Disponível em <<http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/informacao/>>. Acesso em: 4 de Janeiro de 2008.

FONSECA, M. O. K. *Arquivologia e Ciência da Informação*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GIL, Antonio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.) *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

_____; DODEBEI, Vera. Apresentação In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.) *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GONZALEZ DE GOMEZ, M. N. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação. In: *Datagramazero: revista da Ciência de Informação*, Rio de Janeiro, v.1, n.6, dez. 2000. Disponível: < http://www.dgz.org.br/dez00/F_I_aut.htm >. Acesso: out./2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro Editora, 2004a.

HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria*. Tradução: Manuel A. Baeza e Michel Mujica. Rubí. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004b.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Tradução: Sérgio Alcides, 2ª edição. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ILHARCO, Fernando. *Filosofia da informação: uma introdução à informação como fundação da acção, da comunicação e da decisão*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (s. d.), Ciência da Informação. Disponível em: <www.ibict.br/cienciainformacao>. Acesso em: 18 de Março de 2008.

Izquierdo, Ivan. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JEAN, Georges. *A escrita: memória dos homens*. Tradução de Lídia da Motta Amaral. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

JENKINSON, Hilary. *A manual of archive administration*. London: Percy Lund, Humphries, 1965.

KETELAAR, Eric. Sharing: collected memories in communities of records. *Archives and Manuscript*. v. 33, p. 44-61, 2005.

LE COADIC. *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, J. *História e memória*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEVÝ, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIINC EM REVISTA (s. d.). Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc>>. Acesso em: 10 de Setembro de 2009.

LODOLINI, Elio. *Archivística: princípios y problemas*. Madrid: La Muralla, 1993.

LÓPES YEPES, José. *La Documentación como disciplina: teoria e historia*. 2. ed. Pamplona: Ediciones Universidade de Navarra, 1995.

MARQUES. Angélica A. C. Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil. 298 fl. (dissertação de mestrado). Brasília: CID/UnB, 2007.

MEGSS, Philip; PURVIS, Alston. *História do Design Gráfico*. Tradução de Cid Knipel. 4. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MIKHAILOV, A. I., CHERNYI, A. I., GILYAREVSKI, R. S. Informatics: its scope and methods. In: FID/RI – International federation for Documentation. Study Committee Research on Theoretical Basis of Information. On theoretical problems of Informatics. Moscou, ALL – Union for Scientific and Technical Information, 1969 (FID 435). P.13

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral (a)*. São Paulo: Moraes, 1985.

NORA, Pierre. Entre memória e história - A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*. São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

ODDONE, Nanci; GOMES, Maria Yêda Falcão Soares de Filgueiras. Uma nova taxonomia para a ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: [s.n.], 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em mar. 2007

OTLET, Paul. *Traité de documentation. Le livre sur le livre. Théorie et pratique*. Bruxelas, Editions Mundaneum, Palais Mondial, 1934.

PERSPECTIVAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (s. d.). Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci>>. Acesso em: 18 de Março de 2008.

PINHEIRO, Lena V. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. *Informação & Sociedade: estudos*. João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-47, jan./jun. 2005.

PINTO, Manuela. *Preservmap* – Um roteiro da preservação na era digital. Trabalho de síntese apresentado à FLUP no âmbito das “Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica”. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

PLATÃO. *Fedro*. Trad. Juan David Garcia Bacca, Cidade do México: Universidade Nacional Autônoma do México, 1945, p.243

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, v. 5, n.10, 1992.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – UFMG (s. d.), Teses e dissertações. Disponível em: <<http://ppgci.eci.ufmg.br/Teses e Dissertações>>. Acesso em: 8 de Janeiro de 2008.

PUCCampinas (s. d.) Pós-Graduação. Disponível em: <<http://www.puc-campinas.edu.br/pos/>>. Acesso em: 8 de Março de 2008.

REVISTA DE BIBLIOTECONOMIA DE BRASÍLIA (s. d.). Disponível em: <<http://164.41.122.25/portaldesp/ojs-2.1.1/index.php/RBB/index>>. Acesso em: 10 de Setembro de 2009.

RIBEIRO, Fernanda. Gestão da informação / preservação da memória na era pós-custodial: um equilíbrio precário? In: *Conservar para que?* [Oitava mesa-redonda de primavera]. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2005. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/site/default>>. Acesso em: 30 out. 2007.

ROBREDO, Jaime. Organização dos documentos ou organização da informação: uma questão de escolha *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v. 5, n.1, fev. 2004.

_____. *Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação*. Brasília: Thesaurus; SSRR Informações, 2003.

RODES, Jean-Michel; PIEJUT, Geneviève; PLAS, Emmanuèle. *La mémoire de la société de l'information*. Paris: UNESCO, 2003.

ROUSSEAU, J.; COUTURE, C. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

RODRIGUES, Georgete M.; MARQUES, Angélica A. C. A inserção da arquivística nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. In: *Revista Brasileira de Pós- Graduação*., Brasília, v. 2, n. 3, p. 75-92, mar. 2005.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

SARACEVIC, T. Information science: origin, evolution and relations. In: INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES, UNIVERSITY OF TAMPERE, Finland, 1991. *Proceedings...* London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992.

SCHELLENBRG, T. R. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. Tradução de Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: FGV, 1974.

SCHWARTZ, Joan M.; COOK, Terry. Archives, records, and power: the making of modern memory. *Archival science*. Netherlands. v. 2, p.1-19, 2002.

SHAPIRO, F. R. Coinage of the Term Information Science. *Journal of the American Society for Information Science (JASIS)*, v. 46, n. 5, p.384-385, 1995.

SHERA, Jesse H.; CLEVELAND, Donald B. History and foundations of Information Science. *Annual Review of Information Science and Technology – ARIST*, v.12, p. 249-275, 1977.

SILVA, Armando M., RIBEIRO, Fernanda. *Das “Ciências” Documentais á Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SILVEIRA, Ronie A. T. Memória e escrita no *Fedro* de Platão. *Cadernos de Atas da ANPOF*, nº 1, 2001, p. 141-149.

SMIT, Johanna W.; TÁLAMO, M. de Fátima G. M. Sistemas de recuperação de informação e memória. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 7., 2006, Marília. *Anais...* Marília: [s.n.], 2006.

TRANSINFORMAÇÃO (s. d.). Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/index.php>>. Acesso em: 12 de Março de 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (s. d.), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Relação Teses de doutorado. Disponível em: <<http://www.uff.br/ppgci/editais/tesesdou.pdf>>. Acesso em: 4 de Janeiro de 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (s. d.), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Dissertações. Disponível em: <<http://www.uff.br/ppgci/editais/tesesmes.pdf>>. Acesso em: 4 de Janeiro de 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. *Catálogo de dissertações: 1980-1998 / Curso de Mestrado em Ciência da Informação*. João Pessoa: Editora Universitária, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (s. d.), Informação & Sociedade: Estudos. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br>>. Acesso em: 18 de Março de 2008.

WERSIG, G., NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. *The information scientist*. v. 9, n. 4, 1975. [versão traduzida por Tarcísio Zandonade].

_____. Information science and theory: a weaver bird's perspective. In: INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES, UNIVERSITY OF TAMPERE, Finland, 1991. *Proceedings...* London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992.

_____. Information science: the study of postmodern knowledge usage. *Information processing & management*. Oxford, v. 29, n. 2, p.229-239, 1993.

YATES, Frances. *The art of memory*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1966.

ZANDONADE, T. *As implicações da epistemologia social para uma teoria da recuperação da informação*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação). Universidade de Brasília - UNB, Brasília, 2003.

APÊNDICE A - Quantidade de artigos por periódico indexado na Base LISA com ocorrência do termo *memory*

Periódico	Quantidade de artigos
1. Archivaria	6
2. Archives and Manuscripts	3
3. Archives and Museum Informatics	1
4. Arkansas Libraries	1
5. Artificial Intelligence Review	1
6. Artificial Intelligence	2
7. Australian Library Journal	1
8. Behaviour and Information Technology	3
9. Biblionline	1
10. Biblioteche Oggi	1
11. Bibliotekarz	1
12. Buch und Bibliothek	1
13. Bulletin des Bibliothèques de France	2
14. Bulletin d'Informations de l'Association des Bibliothécaires Français	8
15. Bulletin of the Medical Library Association	1
16. Byte	2
17. Campus-Wide Information Systems	1
18. CD-ROM Librarian	2
19. CD-ROM Professional	1
20. College and Research Libraries News	2
21. Community & Junior College Libraries	1
22. Computer Communications	8
23. Computer Networks and ISDN Systems	2
24. Computer Networks	2
25. Computers in Human Services	1
26. Computers in Libraries	6
27. Document Delivery World	2
28. Document Image Automation Update	1
29. Documentaliste	2

30. Electronic Library	2
31. ESARBICA Journal: Journal of the Eastern and Southern Africa Regional Branch of the International Council on Archives	1
32. European Journal of Information Systems	1
33. Focus on International and Comparative Librarianship	1
34. Fontes Artis Musicae	1
35. IASA Journal	3
36. IATUL Proceedings (New Series)	1
37. IFLA Journal	12
38. Informação & Sociedade: Estudos	1
39. Informacijos Mokslai/Information Sciences	3
40. Information Management and Technology	1
41. Information Resources Management Journal	1
42. Information Scientist	1
43. Information Systems	4
44. Information Technology and People	1
45. Information Today	2
46. Information, Communication & Society	2
47. Inspel	2
48. Interacting with Computers	1
49. Interlending and Document Supply	1
50. International Cataloguing and Bibliographic Control	1
51. International Information Communication and Education	3
52. International Journal of Human-Computer Studies	8
53. International Journal of Information Management	1
54. International Preservation News	3
55. IT Link	1
56. Journal of Archival Organization	1
57. Journal of Chemical Information and Computer Sciences	1
58. Journal of Communication	4
59. Journal of Documentation	1
60. Journal of Educational Multimedia and Hypermedia	1
61. Journal of Information Processing and Management	1
62. Journal of Information, Communication, and Library Science	1

63. Journal of Internet Cataloging	2
64. Journal of Knowledge Management	2
65. Journal of Micrographics	1
66. Journal of the American Society for Information Science	1
67. Journalism and Mass Communication Quarterly	1
68. Kniznica	2
69. Kniznice a Informacie	4
70. Knowledge Organization	1
71. Knowledge-Based Systems	3
72. L'Ecluse	1
73. Libraries and Culture	1
74. Library Hi Tech	1
75. Library Journal	1
76. Library Quarterly	2
77. Library Software Review	1
78. Libri	1
79. Logos	1
80. Managing Information	1
81. Marine Engineers Review	1
82. Microcomputers for Information Management	1
83. Microform and Imaging Review	1
84. National Diet Library Newsletter	1
85. National Online Meeting proceedings	1
86. Nauchno- Tekhnicheskaya Informatsiya	2
87. New Library World	1
88. New Review of Information Networking	1
89. New Scientist	1
90. New Technology in the Human Services	1
91. OCLC Systems and Services	1
92. One-Person Library	1
93. Online and CD-ROM Review	1
94. Online/CD-ROM '90. Proceedings	1
95. Online	2
96. Optical Information Systems	1

97. Phadelphia, PA., Wharton School	1
98. Proceedings of an international conference sponsored by IGLA (The International Group of the Library Association)	1
99. Proceedings of Optical Publishing and storage '87	1
100. Proceedings of the 4Third ASIS Annual Meeting	3
101. Proceedings of the Fourteenth National Online Meeting 1993	1
102. Reference and User Services Quarterly	1
103. Revista AIBDA	1
104. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	1
105. Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG	1
106. Revista Espanola de Documentacion Cientifica	1
107. RQ	1
108. Scholarly Publishing	1
109. Science and Technology Libraries	1
110. Small Computers in Libraries	1
111. Source Electronic Library	1
112. Technical Communication Quarterly	2
113. Thirteenth National Online Meeting	1
114. Vine	1

APÊNDICE B – Documentos associados ao *corpus* Amostra 1

Nome do documento
2. Ciência da Informação Jardim.pdf
3. Datagramazero Aldo Barreto.htm
4. DataGramaZero Paternostro.doc
5. DataGramaZero Robredo.doc
6. DataGramaZero Siaines de Castro.doc
7. DataGramaZero Siaines de Castro.doc
8. DataGramaZero Thiesen.doc
9. Informação e Sociedade Freitas.doc
10. Informação e Sociedade Lima.doc
11. Informare Araújo.pdf
12. Informare Paternostro.pdf
13. Informare Sepúlveda.pdf
14. Informare Thiesen.pdf
15. Liinc Amaral Jr.doc
16. Perspectivas em CI Moura.pdf
17. Perspectivas em CI Silva.pdf
18. RBB Oberhofer.docx
19. RBB Robredo.docx
20. RBB Zandonade.doc
21. RBUFMG Guevara e Gomes.doc
22. RBUFMG Marques Júnior.pdf
23. RBUFMG Fiúza, Rabello e Gomes.pdf
24. RBUFMG Drumond e Fiúza.pdf
25. RBUFMG Soledade Vieira.pdf
26. Transinformação Araripe.pdf
27. Transinformação Gutiérrez.pdf
28. Transinformação Teixeira.pdf
29. II ENANCIB Araújo e Silva.pdf
30. II ENANCIB Fernandes.pdf
31. II ENANCIB Thiesen.pdf
32. III ENANCIB Andrade, Rosário e Ribeiro.pdf
33. III ENANCIB Baptista.pdf
34. III ENANCIB Gomes.pdf
35. III ENANCIB Jardim.pdf
36. III ENANCIB Mostafa.pdf
37. III ENANCIB Perrotti, Amaro e Vergueiro.pdf
38. IV ENANCIB Roberto UnB.pdf
39. IV ENANCIB Cabral.pdf

40. IV ENANCIB Caregnato.pdf
41. IV ENANCIB Cortes Abrantes.pdf
42. IV ENANCIB Garbin.pdf
43. IV ENANCIB Gercina.pdf
44. IV ENANCIB Icléia Thiesen.pdf
45. IV ENANCIB Chagas.pdf
46. IV ENANCIB Santos.pdf
47. IV ENANCIB Siaines de Castro.pdf
48. V ENANCIB Carmen Oliveira.doc
49. V ENANCIB Carvalhede e Rodrigues.pdf
50. V ENANCIB Icléia Thiesen.pdf
51. V ENANCIB Vera Dodebei.txt
52. V ENANCIB Verônica Martins de Brito.pdf
53. VI ENANCIB Cavalcante.doc
54. VI ENANCIB Dodebei.pdf
55. VI ENANCIB Icléia Thiesen.pdf
56. VI ENANCIB Oliveira, Ribeiro e Wilke.pdf
57. VI ENANCIB Orrico.pdf
58. VI ENANCIB Santos e Marteleto.pdf
59. Tese PUCCAMP Márcio Silva.doc
60. Tese USP Irati.doc
61. Tese USP Barreto.doc
62. Tese USP Faria.doc
63. Tese USP Guimarães.doc
64. Tese USP Kessel.doc
65. Tese UFMG Cruz.doc
66. Tese UFMG Santos.doc
67. Tese UFMG Shikida.doc
68. Tese UFRJ Baptista.doc
69. Tese UFRJ Brito.doc
70. Tese UFRJ Cavalcanti.doc
71. Tese UFRJ Dodebei.doc
72. Tese UFRJ Fernandes.doc
73. Tese UFRJ Gomes.doc
74. Tese UFRJ Ricardo Holanda.doc
75. Tese UFRJ Siaines de Castro.doc
76. Tese UFRJ Thiesen dissertação.doc
77. Tese UFRJ Thiesen doutorado.doc

APÊNDICE C – Autores dos trabalhos da Amostra 1 associados à quantidade de trabalhos e ao vínculo institucional

#	Nome	Quant. de documentos	Vínculo institucional*
1.	Aécio Amaral Júnior	1	UFPb
2.	Alaôr Messias Marques Júnior	1	UFMG
3.	Aldo Barreto	1	UFRJ/IBICT
4.	Ana Lúcia Siaines de Castro	4	UFRJ/IBICT
5.	Ana Maria Rezende Cabral	1	UFMG
6.	Ângela Maria Barreto	1	USP
7.	Anna da Soledade Vieira	1	UFMG
8.	Antônio Carlos Nunes Baptista	2	UFRJ/IBICT
9.	Antonio García Gutiérrez	1	Univ. de Sevilha
10.	Aparecida Maciel da Silva Shikida	1	UFMG
11.	Carmen Irene Correia de Oliveira	1	UNIRIO
12.	Cecília Alves Oberhofer	1	IBICT/CNPq
13.	Edmir Perrotti	1	USP
14.	Egleé Belisario Guevara	1	UFMG
15.	Emília Barroso Cruz	1	UFMG
16.	Evelyn Goyannes Dill Orrico	1	UNIRIO
17.	Fátima Maria Alencar Araripe	1	UFC
18.	Fernanda Marques Fernandes	1	UFRGS
19.	Geni Chaves Fernandes	1	UFRJ/IBICT
20.	Georgete Medleg Rodrigues	1	UnB
21.	Gercina Ângela Borém de Oliveira Lima	1	UFMG
22.	Henriette Ferreira Gomes	1	UFBa
23.	Icléia Thiesen Magalhães Costa	8	UFRJ/IBICT e UNIRIO
24.	Inesita Araújo	1	UFGRS
25.	Irati Antonio	1	USP
26.	Isabel Arino Grau	1	UNIRIO
27.	Isaura Botelho Guimarães	1	USP
28.	Ivete Pieruccini Faria	1	USP
29.	Jaime Robredo	2	UnB

30.	José Maria Jardim	2	UFRJ/IBICT e UFF
31.	Judite dos Santos Rosário	1	UFRJ/IBICT
32.	Leila Beatriz Ribeiro	2	UFRJ/IBICT e UNIRIO
33.	Lídia Eugênia Cavalcante	1	UFC
34.	Lídia Silva de Freitas	1	UFF
35.	Luiz Carlos B. Paternostro	2	UFRJ/IBICT
36.	Magda Chagas Pereira	1	UFPb
37.	Marcia Heloisa T. de Figueiredo Lima	1	UFF
38.	Márcia Teixeira Cavalcanti	1	UFRJ/IBICT
39.	Marcio de Assumpção Pereira da Silva	1	PUCCamp
40.	Maria Aparecida Moura	1	UFMG
41.	Maria do Carmo Andrade Gomes	1	UFMG
42.	Marysia Malheiros Fiuza	2	UFMG
43.	Myriam Sepúlveda dos Santos	1	UERJ
44.	Odília Clark Peres Rabello	1	UFMG
45.	Raquel Paz dos Santos	1	UNIRIO
46.	Regina Keiko Obata Ferreira Amaro	1	USP
47.	Regina Maria Marteleto	1	UFMG
48.	Ricardo Silva de Hollanda	1	UFRJ/IBICT
49.	Roberto Campos da Rocha Miranda	1	UnB
50.	Sandra Lúcia Rebel Gomes	1	UFRJ/IBICT
51.	Sávio Marcos Garbin	1	IBICT (especialização)
52.	Shirley do Prado Carvalhêdo	1	UnB
53.	Solange Puntel Mostafa	1	PUCCamp
54.	Sônia de Conti Gomes	1	UFMG
55.	Sônia Elisa Caregnato	1	UFRGS
56.	Tarcízio Zandonade	1	UnB
57.	Terezinha Elisabeth da Silva	1	UEL
58.	Valéria Cristina Lopes Wilke	1	UFRJ/IBICT
59.	Vania Carvalho Rôla Santos	1	UFMG
60.	Vania Regina Peres Drumond	1	UFMG
61.	Vera Lúcia Cortes Abrantes	1	UNIRIO
62.	Vera Lúcia Doyle Dodebei	3	UFRJ/IBICT e UNIRIO

63.	Verônica Martins de Brito	1	UFRJ/IBICT
64.	Waldomiro de Castro Santos Vergueiro	1	USP
65.	Walkíria Toledo de Araújo	1	UFPb
66.	Wilza Aurora Matos Teixeira	1	UNESP
67.	Zilda Kessel	1	USP

APÊNDICE D - Ocorrência das famílias léxicas no *corpus* Amostra 1

Família léxica	Quantidade	Freq. % *
informação(ões), informacional(is)	290	1.69 0
memória(s), mnemotécnica(o), exomemória	242	1.41 3
documento(s), documental(is), documentação, documentária(s)	99	0.57 9
instituição(ões) institucional(is), institucionalização, institucionalizada	92	0.53 8
social(is), sociedade, socialmente, sociocultural, socio-históricos, sociedade/ação, sociologia	89	0.52 0
pesquisa(s), pesquisador(es)	82	0.47 3
biblioteca(s), bibliotecária(s), bibliotecário(os), biblioteconomia, bibliográfica(s), bibliográfico(s), biobibliográfica, biobibliográficos	76	0.43 3
cultura, cultural(is)	71	0.41 5
história, histórica(s), histórico(s), historicidade, historiador(es)	68	0.39 0
arquivo(s), arquivologia, arquivística(s), arquivístico	53	0.31 0
ciência, científica(s)	53	0.31 0
conceito(s), conceitual(is), conceituação	52	0.30 4
produção(ões), produto(s), produzida(s), produzido(s), produtivo(s), produtividade	51	0.29 8
construção(ões), construir, construindo, construtor(es)	51	0.29 8
processo(s), processual	45	0.26 1
conhecimento(s)	42	0.24 4
estratégica(s), estratégia, estratégico(s)	41	0.23 9
museu(s), museal, museificação, museologia, museológico(a)	37	0.21 2

nacional(is), nação(ões)	37	0.21 2
Política(s), político(s)	36	0.20 7
comunicação(ões), comunicacional(is), comunicar	33	0.18 8
preservação, preservado(s), preservar	33	0.19 0
eletrônica(s), eletrônico(s)	32	0.18 6
organização(ões), organizacional	32	0.18 6
sistema(s), sistematização, sistematizado	32	0.18 6
identidade(s), identificação, identificada, identificado(s), identitário(a)	31	0.17 3
uso(s), usuário(s)	31	0.17 3
literatura, literária(s), livro(s)	30	0.17 2
tecnologia(s), tecnológica(s), tecnológico(s), tecnovidade	30	0.16 9
leitura(s), leitor(es), leitor-bibliotecário	29	0.16 5
discurso(s), discursivo(s), discursiva(s)	28	0.15 9
Estado	28	0.15 9
links	27	0.15 7
estratégica(s), estratégico(s)	27	0.15 6
arte(s), artefato, artistas, artístico(s), artística	26	0.15 2
representação(ões)	26	0.15 2
oral(is), oralidade, oralizada, oralizados	24	0.13 8
pública(s), público(s)	24	0.13 6

espaço, espaço-temporal	23	0.13 3
fotografia(s), fotos, fotográfica(s), fotográfico(s)	23	0.13 3
imagem(ns)	22	0.12 7
educação, educacional(is), educandos, educadores, educativo(s)	20	0.11 6
formação(ões)	20	0.11 6
patrimônio	20	0.11 6
programa(s), programático	18	0.33 3
recuperação, recuperadas, recuperar, recuperado(s)	18	0.33 3
gestão(ões), gestores, gerenciar, gerir, gerenciamento	19	0.10 8
significado(s), significação, significativa	19	0.10 8
escola(s), escolares	17	0.09 8
conteúdo(s)	16	0.09 2
grupo(s), grupal	16	0.09 2
necessidade(s), necessária, necessário(s)	16	0.09 2
acervo(s)	15	0.08 5
contexto(s), contextualizar	15	0.08 5
digital(is), digitalização, digitalizadas	15	0.08 5
estoque(s)	15	0.08 5
acesso, acessível	13	0.07 5
humano(s), humana(s), humanismo	12	0.06 7

administração. administrador, administrativa(os)	12	0.06 9
poder	12	0.06 9
governo, governamental(is)	11	0.06 0
suporte(s)	11	0.06 0
tempo, temporais, temporalidade	11	0.06 0
comunidade(s), comunitários	10	0.05 4
escrita, escritura, escritos	10	0.05 4
hipertexto(s), hipertextual(is)	10	0.05 4
disseminação	9	0.04 9
filme(s), fílmico(s)	9	0.04 9
internet	9	0.04 9
lembrar, lembrança(s)	8	0.04 4
esquecimento, esquecer, esquecido	8	0.04 4
contemporânea(s), contemporaneidade, contemporâneo	8	0.04 4
tradição(ões), tradicional(is),	8	0.04 4
seleção, seletiva, selecionado, seleciona	7	0.03 8
coletiva(s), coletivização	6	0.02 6
computador(es), computador-armazenamento	6	0.02 6
armazenar, armazenado, armazenagem	6	0.02 6
acumulação, acumulada(o)	4	0.02 2

conservação, conservada	4	0.02 2
passado	4	0.02 2
permanecer, permanência, permanente	3	0.01 5
presente	3	0.01 5
amnésia	1	0.00 5

* Percentual de frequência calculado sobre o total de 17095 átomos do *corpus* calculado pelo Corpógrafo.

APÊNDICE E – Concordâncias com o termo memória na Amostra 1

Expressão de pesquisa: **mem\w+**

	<u>4</u>	<u>3</u>	<u>2</u>	<u>1</u>	<u>conc.</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>
1					Memórias	clandestinas	e	sua	museificação
2		A	Preservação	da	Memória	Científica	da	Fiocruz	:
3	CULTURA	,	IDENTIDADE	E	MEMÓRIA	:	UMA	LEITURA	INFORMACIONAL
4	Cultura	,	Identidade	e	Memória	procuramos	proceder	a	leitura
5			Biblioteca	e	memória	:	preservação	no	limiar
6	,	tendo	como	fundamentos	memória	,	cultura	e	preservação
7	Cultura	,	Identidade	e	Memória;	Leitor	e	Leitura	Crítica;
8			Informação	,	Memória	e	Espaço	urbano	.
9	,	no	âmbito	da	memória	institucional	,	discutir	o
10	às	chamadas	instituições	de	memória	,	sua	articulação	com
11			Direito	à	memória	e	direito	à	informação
12	promovidos	pelos	instituições	de	memória	,	tais	como	museus
	incorporação	e	oficialização	da	memória	clandestina	em	uma	esfera

13									
14	e	a	construção	da	memória	clandestina	,	subterrânea	,
15	para	o	universo	da	memória	oficial	,	controlada	e
16	processo	de	institucionalização	das	memórias	coletivas	,	a	partir
17	impedir	a	exclusão	da	memória	oficial	,	levando	em
18	engendrados	na	formação	das	memórias	clandestinas	,	a	partir
19	buscar	identificar	como	as	memórias	coletivas	são	organizadas	e
20		A	INVENÇÃO	DA	MEMÓRIA	NOS	ARQUIVOS	PÚBLICOS	
21		O	conceito/noção	de	memória	norteia	diversas	práticas	de
22	teóricas	do	conceito/noção	de	memória	.			
23				Arquivologia	Memória;	Avaliação	de	documentos;	Arquivos
24	tradicional	,	construindo	de	memória	,	ao	final	da
25			DOCUME NTAÇÃO	E	ME MÓRIA	HISTÓ RICA	DA	PARAÍBA	:
26	com	o	resgate	da	memória	histórica	e	cultural	do
27	Agregados	de	informação	-	Memórias	,	esquecimento	e	estoques
28	entre	eles	resgatar	a	memória	histórico- cultural	do	charme	em
29	Estoques	de	Informação	;	memória	;	Esquecimento	;	Distribuição

30	em	que	relatos	e	memórias	alcançam	o	espaço	público
31	,	a	vinculação	entre	memória	e	informação	revela-se	confluente
32				A	memória	passa	a	representar	um
33	Direito	à	Informação	;	Memória	Social	;	Estoque	Informacional
34	que	a	manutenção	da	memória	técnica	da	organização	é
35	direito	à	informação	;	memória	social	;	Museu	da
36	e	os	centros	de	memória	,	como	o	museu
37			Informação	,	Memória	Social	,	Espaço	Prisional
38			Informação	,	Memória	e	Espaço	Prisional	no
39	relações	entre	informação	,	memória	e	espaço	prisional	são
40	contida	nos	escaninhos	da	memória	,	mas	também	para
41	espaço	e	poder	,	memória	e	documento	,	em
42	nos	arquivos	e	na	memória	dos	computadores	.	
43	Informação	;	Arquivo	;	Memória	;	Representação	do	Conhecimento
44	decisão	recorrendo	à	sua	memória	profissional	.		
45	FORMAÇÃO	DE	PROFISSIONAIS	DE	MEMÓRIA				
	dirigidos	a	profissionais	de	memória	especificamente	bibliotecários	.	

46									
47				A	memória	polêmica	da	sociedade	da
48	Leitor- bibliotecário	:	interpretação	,	memória	e	as	contradições	da
49		Montag	e	a	memória	perdida:	notas	sobre	Fahrenheit
50	aos	livros	e	à	memória	no	filme	Fahrenheit	451
51				Livros;	Memória	;	Imagem	cinematográfica	
52	da	pesquisa	do	projeto	Memória	do	Canto	de	Câmara
53	para	a	construção	da	memória	de	Vera	Janacópulos	e
54	Vera	Janacópulos;	Arquivo	musical;	Memória	institucional;	catalogação	de	partituras
55	Rio	:	informação	,	memória	e	espaço	prisional	no
56	,	Crônica	Social	,	Memória	Social	,	Espaço	Prisional
57	aborda	o	tema	da	memória	científica	e	tecnológica	,
58	do	valor	atribuído	à	memória	científica	institucional	,	e
59	questões	como	informação	,	memória	e	história	.	
60			Denominamos	como	memória	científica	a	documentação	produzida
61	e	difusão	-	das	memórias	documentárias	.		
62)	Estado	4)	memória	arquivística	;	5)

63			INFORMAÇÃO	,	MEMÓRIA	E	HISTÓRIA	:	A
64	um	saber	e	uma	memória	que	constituem	imagens	da
65	ressignificados	à	luz	da	memória	social	,	um	fato
66			informação	e	memória;	sistema	de	informação;	imagens
67	Ideológicos	que	Construíram	a	Memória	da	"Nova	Argentina"	
68	a	edificação	de	uma	memória	procurava	a	afirmação	do
69	são	os	portadores	desta	memória	,	sendo	os	discursos
70	para	a	reconstrução	da	memória	da	Geografia	institucionalizada	no
71			Resgatando	a	Memória	Literária	Sul-Rio-Grandense	:	Recuperação
72	digitais	na	área	de	memória	literária	.		
73	objetivo	a	criação	de	memória	e	de	repositório	que
74				Palavras-Chave	Memória	,	Técnicas	de	Informação
75	OS	MUSEUS	,	A	MEMÓRIA	E	OS	NOVOS	MEIOS
76	da	tensão	crescente	entre	memória	e	autenticidade,	por	um
77				Palavras-Chave	Memória	Virtual	Computador-Endereçamento	Computador-Armacenamento	INFORMARE-Cad
78					Memória	Discursiva;	Imaginário	Nacional;	Indigenismo;

79	pesquisa	"	Patrimônio	,	memória	social	e	teoria	da
80	do	domínio	conceitual	da	memória	social	com	o	domínio
81	patrimônio	;	informação	;	memória	social	;	domínio	conceitual
82			Arquivo	de	memória	operária	do	Rio	de
83	uso	do	Arquivo	de	Memória	Operária	do	Rio	de
84	chave	:	fotografia;	informação;	memória				
85					Memória	e	controle	documental	:
86	reflete	uma	parte	da	memória	política	do	país	.
87	,	partido	político	,	memória	política			
88	Programa	de	Computador)	Memória	Institucional	Atas		
89	para	o	resgate	da	memória	institucional	.		
90	Tecnologia	,	experiência	e	memória				
91	uma	nova	cultura	de	memória	,	a	qual	inverte
92	CONSERVAÇÃO	E	PRESERVAÇÃO	DA	MEMÓRIA	NO	CONTEXTO	DIGITAL	
93	surgindo	para	preservação	da	memória	nacional	,	adequando	os
94	e	conservação	de	nossa	memória	.			
95			Palavras-chave	:	memória	nacional	,	novas	tecnologias

96		Atualmente	O	tema	memória	compõe	o	corpus	cidadania
97	de	preservação	de	nossa	memória	têm	sido	priorizada	em
98				Projeto	memória	da	Faculdade	de	Educação
99	documentos	referentes	à	sua	memória	Institucional	.		
100	,	têm	fixado	suas	memórias	em	uma	diversidade	crescente
101	,	à	liberdade	da	memória	,	à	heteroconstrução	de
102	se	perpetuar	e	a	memória	é	atualmente	reescrita	a
103				Projeto	Memória	da	Escola	de	Biblioteconomia
104		A	preservação	da	memória	administrativa	,	técnica	e
105	Universitário	,	o	projeto	Memória	Institucional	da	UFMG	e
106	porque	a	interação	da	memória	não	é	explicitável	,
107	entre	unidades	hipotéticas	da	memória	,	confinadas	em	registros
108	organização	do	conhecimento	,	memória	digital	,	teoria	.
109	real	na	construção	da	memória	digital	.		
110	Pós-Graduação	na	EB/UFMG	:	memória	e	perspectivas		
111	tarefa	de	recuperação	da	memória	do	CPG/EB	já	se
			Palavras-chave	:	memória	institucional	identidade	discurso	

112									
113	problematização	das	relações	entre	memória	,	identidade	e	documento
114	processo	de	construção	de	memória	e	identidade	de	uma
115					MEMÓRIA	E	DISCURSO	INSTITUCIONAIS	:
116		O	MOVIMENTO	DA	MEMÓRIA	:	UM	DESAFIO	METODOLÓGICO
117	sobre	o	papel	da	memória	na	construção	da	história
118	fundamentam	a	pesquisa	intitulada	Memória	e	Representação	da	Informação
119	inserção	da	construção	da	memória	no	tempo	e	no
120	sociais	em	prol	da	memória	organizacional	.		
121	<S&NBSP;< TD>	frag>	Palavras-chave	:	memória	social;	memória	institucional;	representação
122	Palavras-chave	:	memória	social;	memória	institucional;	representação	da	informação
123	cultura	,	preservação	da	memória	nacional	,	serviço	nacional
124	estão	os	arquivos	da	memória	nacional	.		
125	uma	apreciação	do	conto	Memento	mori	,	de	Jonathan
126	analiso	a	relação	entre	memória	e	escritura	,	corpo
127	tecnologia	,	experiência	,	memória	,	humanismo	,	pós-humanismo
128	:	patrimônio	cultural	,	memória	social	,	cidade	,
	sociedade	faz	da	sua	memória	,	da	sua	história

129									
130	patrimônio	cultural	,	como	memória	social	e	,	por
131	Cultura	/	Identidade	/	Memória	/	Museu		
132			INFORMAÇÃO	,	MEMÓRIA	E	A	FICÇÃO	CIENTÍFICA
133	está	nas	relações	entre	memória	,	informação	e	texto
134	representam	questões	relacionadas	à	memória	,	especificament e	aquelas	envolvidas
135			informação	;	memória	;	filmes	de	ficção
136			informação	;	memória	;	representação	,	metáfora
137	constitui	como	campo	de	memória	.			
138					Memória	e	Fotografia	:	um
139	produção	de	registros	da	memória	social	e		
140	dividido	em	três	temas:	memória	,	memória	e	documento,
141	três	temas:	memória	,	memória	e	documento,	memória	e
142	,	memória	e	documento,	memória	e	fotografia.		
143	dos	registros	de	sua	memória	social	a	biblioteca	.
144					Memória	institucional	do	IBGE	:
145	responsável	pela	conservação	da	memória	agrícola	nacional	e	pela

146	livro	como	testemunho	de	memória;	complementada	por	algumas	ponderações
147	papel	de	entidade	de	memória	,	através	do	depósito
148	de	64K	bytes	de	memória	expansível	até	128K	bytes
149					Memória	,	Sociedade	,	Cultura
150	e	o	do	conceito	memória	institucional	.		
151					Memória	institucional	:	a	construção
152	de	documento	para	a	memória	social			
153	refere	à	preservação	da	memória	social	.		
154	Estudo	exploratório- metodológico	sobre	"	memória	institucional	"	,	tendo
155	Sistema	de	Recuperação	da	Memória	Institucional	do	IBGE	,
156	objetos	potencialmente	representativos	da	memória	social;	virtualidade	ou	condição
157	dos	objetos	entre	as	memórias	social	e	cultural;	e
158	processo	de	institucionalização	das	memórias	coletivas	a	partir	do
159	impedir	a	exclusão	da	memória	oficial	.	Avaliar	os
160	engendrados	na	formação	das	memórias	clandestinas,co m	base	no	conceito
161	ameaça	:	tempo	,	memória	e	informação	.	
	a	questão	teórica	da	memória	visando	articulá-la	com	as

162									
163			Lugares	de	memória	e	informação	:	os
164	cultura	,	sociedade	,	memória)	,	seleção	(
165	organização	(teoria	da	memória	documentária)	e	uso
166	uso	(instituições	de	memória)	dos	documentos	.
167	aborda	o	tema	da	memória	científica	e	sua	preservação
168	e	valor	atribuído	a	memória	científica	;	como	o
169	conferido	pelos	pesquisadores	a	memória	científica	e	as	suas
170	do	valor	atribuído	a	memória	científica	institucional	e	das
171	preservação	e	construção	da	memória	institucional	.		
172	as	seguintes	questões	:	memória	,	identidade	e	história
173	identidade	e	história	,	memória	científica	e	arquivo	,
174	científica	e	arquivo	,	memória	e	informação	.	
175					Memória	de	leituras	:	trajetória
176	sociais	;	Idosos	;	Memória	;	Recepção	.	
177	para	o	trabalho	com	memória	têm	o	papel	de
178				A	memória	como	experiência	,	a

179	indispensáveis	ao	trabalho	de	memória	local	na	escola	.
180	garantir	a	valorização	da	memória	da	comunidade	e	da
181	das	possíveis	interfaces	entre	Memória	,	Educação	e	mediações
182	de	um	projeto	de	memória	local	em	escolas	públicas
183		A	construção	da	memória	na	escola	:	um
184	sobre	as	relações	entre	memória	,	história	e	informação
185					Memória	cultural	;	Sociologia	educacional
186	elaboração	de	projetos	de	memória	local	em	escolas	.
187				Estação	Memória	:	lembrar	como	projeto
188	Bibliotecas	e	sociedade	;	Memória	cultural			
189	numa	concepção	dinâmica	de	memória	e	do	uso	da
190	e	implantação	da	Estação	Memória	,	novo	serviço	de
191		Por	artes	da	memória	:	crônica	de	uma
192	música	no	Brasil	:	memória	,	história	e	poder
193	informação	,	história	,	memória	e	poder	.	
194	e	à	construção	da	memória	social	.		
	Museologia	;	Cultura	;	Memória	;	Ciência	da	Informação

195									
196	Informação	,	História	e	Memória	:	A	Constituição	Social
197	informação	;	história	;	memória				
198	,	da	capacidade	de	memória	de	longo	prazo,	da
199					Memória	governamental	e	utilização	de
200	atos	administrativos	e	como	memória	governamental	.		
201	sua	importância	para	a	memória	de	curto	e	longo
202			Na	Estação	Memória	:	a)	delineamento
203	b)	incorporação	da	memória	viva	dos	idosos	à
204	e	a	"	Estação	Memória	"	,	na	Biblioteca
205	DE	INFORMAÇÃO	E	ESTAÇÃO	MEMÓRIA	.			
206	de	Informação	e	Estação	Memória	"	desenvolvida	no	Departamento
207	a	nação	e	a	memória	nacional	corno	requisitos	à
208	nacional	como	entidade	de	memória	da	produção	intelectual	de
209	sendo	utilizada	apenas	como	memória	exteriorizada	.		
210					MEMÓRIA	INSTITUCIONAL			
211	construção	do	conceito	de	memória	institucional	,	objeto	da
	que	o	fenômeno	da	memória	,	no	quadro	das

212									
213				Toda	memória	é	institucional	.	
214	relação	de	reciprocidade	entre	memória	e	instituição	.	
215	ou	de	destruição	da	memória	institucional	.		
216	Estudos	preliminares	indicam	que	memória	institucional	é	tudo	aquilo
217	relevante	para	a	sua	memória]	É	a	sua
218	condição	de	possibilidade	da	memória	.			
219		O	conceito	de	memória	institucional	poderá	constituir	um
220	assim	chamadas	instituições	-	memória	-	arquivos	,	bibliotecas
221	ações	voltadas	para	a	memória	institucional	.		
222	desenvolver	o	tema	-	Memória	Institucional	-	com	o
223	à	sua	estruturação	:	memória	,	identidade	,	cultura
224	ponto	de	vista	da	memória	,	em	suas	funções
225	torno	do	conceito	de	memória	institucional,	objeto	da	investigação
226			Informação	-	Memória	-	Instituição	Conceito	-
227					MEMÓRIA	INSTITUCIONAL	E	REPRESENTAÇÃO	:

APÊNDICE F - Relação dos documentos componentes do *corpus* Amostra 2

Nome do documento
1. Ciência da Informação Jardim.pdf
2. Datagramazero Aldo Barreto.htm
3. DataGramazero Paternostro.doc
4. DataGramazero Robredo.doc
5. DataGramazero Siaines de Castro.doc
6. DataGramazero Siaines de Castro.doc
7. Informação e Sociedade Freitas.doc
8. Informação e Sociedade Lima.doc
9. Informare Paternostro.pdf
10. Informare Thiesen.pdf
11. Perspectivas em CI Moura.pdf
12. RBB Oberhofer.docx
13. RBB Robredo.docx
14. RBB Zandonade.doc
15. RBUFMG Guevara e Gomes.doc
16. RBUFMG Marques Júnior.pdf
17. RBUFMG Fiuza, Rabello e Gomes.pdf
18. RBUFMG Drumond e Fiuza.pdf
19. RBUFMG Soledade Vieira.pdf
20. II ENANCIB Araújo e Silva.pdf
21. II ENANCIB Thiesen.pdf
22. III ENANCIB Baptista.pdf
23. III ENANCIB Gomes.pdf
24. III ENANCIB Jardim.pdf
25. III ENANCIB Mostafa.pdf
26. III ENANCIB Perrotti, Amaro e Vergueiro.pdf

27. IV ENANCIB Roberto UnB.pdf
28. IV ENANCIB Cabral.pdf
29. IV ENANCIB Gercina.pdf
30. IV ENANCIB Icléia Thiesen.pdf
31. IV ENANCIB Pereira.pdf
32. IV ENANCIB Siaines de Castro.pdf
33. V ENANCIB Carvalhedo e Rodrigues.pdf
34. V ENANCIB Verônica Martins de Brito.pdf
35. VI ENANCIB Santos e Marteleto.pdf
36. Tese PUCCAMP Silva.doc
37. Tese USP Irati.doc
38. Tese USP Barreto.doc
39. Tese USP Faria.doc
40. Tese USP Guimarães.doc
41. Tese USP Kessel.doc
42. Tese UFMG Cruz.doc
43. Tese UFMG Santos.doc
44. Tese UFMG Shikida.doc
45. Tese UFRJ Baptista.doc
46. Tese UFRJ Brito.doc
47. Tese UFRJ Cavalcanti.doc
48. Tese UFRJ Dodebei.doc
49. Tese UFRJ Fernandes.doc
50. Tese UFRJ Gomes.doc
51. Tese UFRJ Ricardo Hollanda.doc
52. Tese UFRJ Siaines de Castro.doc
53. Tese UFRJ Thiesen dissertação.doc
54. Tese UFRJ Thiesen doutorado.doc

APÊNDICE G - Vínculo institucional e graduação dos autores da Amostra 2

Nome	Vínculo Institucional*	Graduação
1. Aldo de Albuquerque Barreto	UFRJ/IBICT	Economia
2. Alaôr Messias Marques Júnior	UFMG	Biblioteconomia
3. Ana Lúcia Siaines de Castro	UFRJ/IBICT	Museologia
4. Márcia Maria Barreto	USP	Biblioteconomia
5. Anna da Soledade Vieira	UFMG	Biblioteconomia
6. Antonio Carlos Nunes Baptista	UFRJ/IBICT	Química
7. Aparecida Maciel da Silva Shikida	UFMG	História
8. Cecília Alves Oberhofer	UnB	Sem informação
9. Edmir Perrotti	USP	Letras
10. Eglée Josefina Belisario Guevara	UFMG	Biblioteconomia
11. Emília Barroso Cruz	UFMG	História
12. Geni Chaves Fernandes	UFRJ/IBICT	C. Econômicas
13. Georgete Medleg Rodrigues	UnB	História
14. Gercina Ângela Borém de O. Lima	UFMG	Biblioteconomia
15. Henriette Ferreira Gomes	UFBA	Biblioteconomia
16. Icléia Thiesen Magalhães Costa	UFRJ/IBICT	Biblioteconomia; Museologia
17. Irati Antonio	USP	Biblioteconomia
18. Isaura Botelho Guimarães	USP	Letras
19. Ivete Pieruccini Faria	USP	Biblioteconomia
20. Jaime Robredo	UnB	Química
21. José Maria Jardim	UFRJ/IBICT e UFF/IBICT	História
22. Lídia Silva de Freitas	UFF/IBICT	C. Sociais
23. Luiz Carlos B. Paternostro	UFRJ/IBICT	Comunicação
24. Magda Teixeira Chagas	UFPB	Biblioteconomia
25. Márcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima	UFF/IBICT	Biblioteconomia

26. Márcia Teixeira Cavalcanti	UFRJ/IBICT	C. Sociais; Letras
27. Márcio de Assumpção P. da Silva	PUCAMP	História
28. Maria Aparecida Moura	UFMG	Biblioteconomia
29. Maria do Carmo Andrade Gomes	UFMG	História
30. Marysia Malheiros Fiuza	UFMG	Biblioteconomia
31. Odília Clark Peres Rabello	UFMG	Biblioteconomia
32. Regina Keiko O. Ferreira Amaro	USP	Biblioteconomia; Comunicação
33. Regina Maria Marteleto	UFMG	Biblioteconomia; Letras
34. Ricardo Silva de Hollanda	UFRJ/IBICT	Comunicação
35. Roberto C. da Rocha Miranda	UnB	Administração
36. Sandra Lúcia Rebel Gomes	UFRJ/IBICT	Biblioteconomia
37. Shirley do Prado Carvalhêdo	UnB	Arquivologia
38. Solange Puntel Mostafa	PUCCamp	Biblioteconomia
39. Sônia de Conti Gomes	UFMG	Sem informação
40. Tarcísio Zandonade	UnB	Filosofia; Biblioteconomia
41. Vania Carvalho Rôla Santos	UFMG	Museologia
42. Vera Lúcia Doyle Dodebei	UFRJ/IBICT	Biblioteconomia
43. Verônica Martins de Brito	UFRJ/IBICT	Biblioteconomia; Filosofia
44. Waldomiro de Castro S. Vergueiro	USP	Biblioteconomia
45. Walkíria Toledo de Araújo	UFPB	Biblioteconomia
46. Zilda Kessel	USP	Pedagogia; Artes Plásticas

APÊNDICE H – Ocorrência das famílias léxicas no *corpus* Amostra 2*

Famílias léxicas	Quantidade	Freq. %
informação(ões), informacional(is)	233	1.926
memória(s), mnemotécnica(o)	165	1.364
documento(s), documental(is), documentação, documentária(s)	81	0.665
instituição(ões) institucional(is), institucionalização, institucionalizada	77	0.633
biblioteca(s), bibliotecária(s), bibliotecário(os), biblioteconomia, bibliográfica(s), bibliográfico(s), biobibliográfica, biobibliográficos	67	0.548
social(is), sociedade, socialmente, sociocultural, socio-históricos, sociedade/ação, sociologia	60	0.494
pesquisa(s), pesquisador(es)	57	0.468
ciência, científica(s)	50	0.410
arquivo(s), arquivologia, arquivística(s), arquivístico, arquivamento, arquivistas/conservadores	47	0.386
cultura, cultural(is)	44	0.364
história, histórica(s), histórico(s), historicidade, historiador(es)	42	0.348
conceito(s), conceitual(is), conceituação	38	0.312
processo(s), processual	36	0.295
estratégicas, estratégia(s), estratégico	32	0.263
eletrônica(s), eletrônico(s)	32	0.263
construção(ões), construir, construindo, construtor(es)	31	0.255
museu(s), museal, museificação, museologia, museológico(a)	29	0.238
política(s), político(s)	29	0.238
conhecimento(s)	29	0.238
uso(s), usuário(s)	28	0.230
links	27	0.222
Estado	26	0.214
organização(ões)	23	0.189
leitura(s), leitor(es), Leitor-bibliotecário	23	0.189
tecnologia(s), tecnológica(s), tecnológico(s), tecnovidade	23	0.189

preservação, preservados, preservar	22	0.181
produção(ões), produto(s), produzida(s), produzido(s), produtivo(s), produtividade	22	0.181
oral(is), oralidade, oralizada	22	0.181
comunicação(ões), comunicacional(is), comunicar	20	0.164
sistema(s), sistematização	20	0.123
nação, nacional(is)	19	0.156
educação, educacional(is), educandos, educadores, educativo(s)	18	0.148
escola(s), escolares	16	0.131
fotografia(s), fotográfica(s), fotográfico(s)	16	0.131
necessidade(s), necessária, necessário(s)	16	0.131
público(s), pública(s)	16	0.131
conteúdo(s)	16	0.131
estoque(s)	15	0.123
gestão, gerenciar, gerir, gerenciamento	15	0.123
literatura, livro(s)	15	0.123
discurso(s), discursivo(s), discursiva(s)	13	0.123
texto(s), textual	13	0.123
Administração, administrador, administrativa(os)	12	0.098
grupo(s), grupal	12	0.098
identidade, identitária	11	0.090
representação(ões)	11	0.090
espaço, espaço-temporal	10	0.082
comunidade(s), comunitários	10	0.082
recuperação, recuperado, recuperar	10	0.082
acesso	9	0.074
avaliação	9	0.074
escrita, escrito(s)	9	0.077
acervo(s)	8	0.065
catalogação	7	0.057
direito	7	0.057
esquecido, esquecimento, esquecer	7	0.057

suporte(s)	7	0.057
tradição, tradicional(is)	7	0.057
arte(s)	6	0.049
coletiva(s), coletivização	6	0.049
lembrar, lembrança	6	0.049
computador(es), computador-armazenamento	6	0.049
controle	6	0.049
hipertexto(s), hipertextual(is)	6	0.049
imagen(s)	8	0.065
internet	6	0.049
música	6	0.049
poder	6	0.049
seleção, selecionar, seletiva	6	0.049
mediação(ões), mediador	5	0.040
perda(s), perde, perdendo	5	0.040
armazenar, armazenados, armazenamento	4	0.032
humano, humana, humanismo	4	0.032
resgate	4	0.032
virtual	4	0.032
conservação, conservada	2	0.016
patrimônio	2	0.016
permanente, permanecer	2	0.016
futuro	2	0.016
passado	1	0.008

* Estes termos foram extraídos da tabela resultante da pesquisa por *N*-gramas, no Corpógrafo, que registra um total de 2.612 *N*-gramas e 12095 átomos.

APÊNDICE I – Vínculo institucional e graduação dos autores do *corpus* teses e dissertações

Nome	Graduação	Vínculo institucional*
Ana Lúcia Siaines de Castro	Museologia	UFRJ/IBICT
Ângela Maria Barreto	Biblioteconomia	USP
Antônio Carlos Nunes Baptista	Química	UFRJ/IBICT
Aparecida Maciel da Silva Shikida	História	UFMG
Emília Barroso Cruz	História	UFMG
Geni Chaves Fernandes	C. Econômicas	UFRJ/IBICT
Icléia Thiesen Magalhães Costa	Biblioteconomia e Museologia	UFRJ/IBICT
Irati Antonio	Biblioteconomia	USP
Isaura Botelho Guimarães	Letras	USP
Ivete Pieruccini Faria	Biblioteconomia	USP
Márcia Teixeira Cavalcanti	C. Sociais e Letras	UFRJ/IBICT
Marcio de Assumpção Pereira da Silva	História	PUCCamp
Ricardo Silva de Hollanda	Comunicação	UFRJ/IBICT
Sandra Lúcia Rebel Gomes	Biblioteconomia	UFRJ/IBICT
Vania Carvalho Rôla Santos	Museologia	UFMG
Vera Lúcia Doyle Dodebei	Biblioteconomia	UFRJ/IBICT
Verônica Martins de Brito	Biblioteconomia e Filosofia	UFRJ/IBICT
Zilda Kessel	Pedagogia e Artes Plásticas	USP

APÊNDICE J - Ocorrência das famílias léxicas no *corpus* Teses e Dissertações

Famílias léxicas	Quantidade	Freq. %
memória(s)	69	1.685
informação(ões), informacional(is)	67	1.636
documento(s), documentação, documentária	43	1.047
institucional(is), instituição	27	0.659
cultura, culturais	25	0.610
social(is), sociedade, sociocultural, sociologia	22	0.536
históricos, história	20	0.488
pesquisa, pesquisador(es)	20	0.488
construção, construído	17	0.415
arquivo(s), arquivística(o),	16	0.391
ciência, científico(a)	16	0.391
conceito(s), conceitual(is)	16	0.391
fotografia, fotográfico, fotógrafo	16	0.391
preservação, preservar	16	0.390
produção, produtor, produzida	16	0.391
processo(s), processual	15	0.367
eletrônico(s), eletrônica(s)	13	0.317
música, musical	12	0.292
uso, usuário	12	0.292
centros	11	0.268
museu(s), museológica, museal	11	0.268
oral, oralidade	11	0.268

técnico(s), tecnologia(s)	11	0.268
conhecimento	10	0.244
organização(ões)	10	0.171
política(s), político(s)	10	0.244
visual(is)	8	0.195
biblioteca(s)	8	0.195
acervo(s)	7	0.171
administração, administrativo	7	0.171
imagens	7	0.171
leitura, leitores	7	0.171
comunidade(s), comunitário(s)	6	0.146
escola(s)	6	0.146
gestão	6	0.146
governamental(is), governo	6	0.146
nacional, nação	6	0.146
necessidade(s)	6	0.146
acesso	5	0.122
autenticidade	5	0.122
identidade, identitária	5	0.122
novo	5	0.122
pública(s), público	5	0.121
registros	5	0.122
valor	5	0.122
comunicação, comunicacional	4	0.097

suporte(s)	4	0.097
significação, significado(s)	4	0.097
tempo, temporalidade	4	0.097
representação(ões), representado(a)	4	0.097
verdade	4	0.097
tradicional, tradições	4	0.097
acervo	3	0.073
bibliotecas	3	0.073
registro	3	0.073
tempo	3	0.073
lembrar, lembrança	2	0.048

APÊNDICE L – Teses e dissertações sobre memória por linhas de pesquisa dos PPGCIs no Brasil

Universidade	Linhas de pesquisa	Tese/dissertação	Ano de defesa
UFRJ/IBICT	Processamento da Informação	1. Memória institucional do IBGE: um estudo exploratório-metodológico.	1992
	Informação, Cultura e Sociedade	1. Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica.	1997
	Configurações Sociais e Políticas da Informação	1. A preservação de memória científica da FIOCRUZ: a visão de quem faz ciência.	2002
		2. Memórias clandestinas e sua museificação: uma prospecção sobre institucionalização e agregação informacional.	2002
	Gestão da Informação	1. Arquivo de memória operária do Rio de Janeiro e seu uso: características atuais e perspectivas.	2002
Processamento e Tecnologia da Informação	1. Estratégias e percepções informacionais de produção de imagens em fotografia documental urbana.	2003	
UFMG	Informação, Cultura e Sociedade	1. Oralidade, História e Memória: a constituição social da informação em relatos orais.	2005
		2. Cultura, Identidade e Memória: Uma leitura informacional de museus históricos em ambientes comunitários.	2005
	Informação Gerencial e Tecnológica	1. Memória governamental e utilização de documentos eletrônicos	2002

		pela administração pública no Brasil: o caso da Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais.	
USP	Geração e uso da informação	1. Informação e música no Brasil: memória, história e poder	1994
	Ação Cultural	1. Por artes da memória: crônica de uma instituição – FUNARTE	1996
	Informação, Cultura e Sociedade	1. Estação Memória: lembrar como projeto: contribuição ao estudo da mediação cultural.	1999
	Informação, Comunicação e Educação	1. A construção da memória na escola: um estudo sobre as relações entre memória, história e informação na contemporaneidade. 2. Memória de leituras: trajetória de leitores idosos do Vale do Paraíba: uma contribuição ao estudo das relações entre informação e produção de sentidos.	2003 2003
PUCAMP	Administração de Serviços de Biblioteca, Arquivo e Informação	1. Memória e Fotografia: um estudo sobre informação visual em São Carlos.	1997

ANEXO A - Programas de pós-graduação em ciência da informação no Brasil.

Fontes: informações obtidas nas páginas da CAPES e dos programas de pós-graduação acessadas durante o mês de janeiro de 2008.

1. INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA / UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (IBICT/UFF)

Início dos Cursos: Mestrado, 1970. Doutorado, 1992.

Área de Concentração: O conhecimento da informação e a informação para o conhecimento.

Ementa: Estudar a informação, sua estrutura, fluxos e instrumentos de organização e controle. As suas condições teóricas, conceituais, operacionais e técnicas. As suas aplicações e os atos de informação nos diferentes contextos. Seus elos com outros campos e sua relação com a geração do conhecimento.

Linhas de Pesquisa:

Teoria, epistemologia, interdisciplinaridade e ciência da informação.

Representação, gestão e tecnologia da informação.

Informação, conhecimento e sociedade.

Linhas de Pesquisa / Ementa

Teoria, epistemologia, interdisciplinaridade e ciência da informação: Estudos orientados à reconstrução crítica das estratégias e premissas epistemológicas constituídas no campo da Ciência da Informação e sua interdisciplinaridade, assim como ao desenvolvimento de conceitos, metodologias, modelos e teorias dos fenômenos, processos e construtos de informação.

Representação, gestão e tecnologia da informação: Estudo das diferentes formas de mediação dos processos cognitivos, comunicacionais e sociais, considerando a informação como objeto de uma ação de intervenção. Investigação dos fluxos, processamento e gestão da informação em contextos distintos. Estudos de necessidades e usos da informação em seus diferentes contextos. Ênfase na organização de domínios de conhecimento, na representação da informação e nas tecnologias de informação e comunicação.

Informação, conhecimento e sociedade: Configurações sócio-culturais, tecnológicas e político-institucionais da informação e do conhecimento, contemplando as especificidades da sociedade brasileira. Informação e conhecimento como expressões e

construções sócio-culturais. Ciclos e fluxos informacionais no âmbito das organizações, comunidades e redes. Informação e conhecimento na produção material e imaterial, nos processos de transformação social e na tomada de decisão estratégica.

2. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP/Escola de Comunicações e Artes

Início dos Cursos: Mestrado e Doutorado: 2006 (Origem: Mestrado, 1972. Doutorado, 1980, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação).

Área de Concentração: Cultura e Informação

Ementa: Trata das relações que caracterizam os processos de construção e/ou reconstrução do sentido e/ou do produto cultural quando a informação é transformada em conhecimento e o produto cultural, em bem cultural propondo a observação das ações necessárias, no contexto dos equipamentos culturais, para que a informação possa ser preservada e circular socialmente (coleta, seleção, organização, acesso) e a análise dos contextos culturais dentro dos quais estes processos se realizam e adquirem seu sentido social. A inserção dos estudos de informação no contexto social-cultural pretende fornecer uma leitura particular da introdução da Ciência da Informação no escopo das Ciências Sociais Aplicadas.

Linhas de Pesquisa / Ementa

Acesso à Informação: Estudos teóricos e metodológicos nos aspectos relacionados à produção, organização para transferência e uso visando o acesso e a apropriação da informação. A abordagem desses conteúdos tem como princípio a observação dos modos de produção da sociedade contemporânea, os contextos sócio-culturais e econômicos de difusão e divulgação da informação, a diversidade de públicos e, em última análise, a função social da informação.

A linha de pesquisa organiza seus conteúdos visando contemplar diferentes facetas do acesso à informação:

- a) estudos bibliométricos, cientométricos e informétricos da produção científica e técnica;
- b) construção da informação documentária através da análise das condições, processos e instrumentos de organização da informação para transferência e apropriação, observando seu desenvolvimento no universo da linguagem;
- c) difusão da informação tendo como foco a emissão, a recepção e as diferentes configurações dos públicos;

d) estudos sobre apropriação da informação em diferentes contextos culturais e por audiências diversas.

e) pesquisa, concepção, planejamento, implementação e avaliação de sistemas e produtos informacionais;

f) estudos e projetos de arquitetura de sistemas virtuais no contexto da interação com diferentes públicos alvo.

A abordagem utiliza um referencial interdisciplinar dialogando com diferentes áreas do saber, como a Lingüística, a Lógica, as Ciências Sociais, a Administração, a Educação, a Psicologia, a Ciência da Computação, a Arquitetura, a Antropologia e Sociologia entre outros.

Mediação e Ação Cultural: Baseada nos estudos de Política Cultural - entendida como ciência da organização dos sistemas culturais - esta linha apresenta-se como um campo de natureza processual, situacional e relacional que se propõe a construir teoricamente um conhecimento do mundo da cultura tal como ele se revela nos constructos informacionais formalizados (biblioteca, museu, sistemas virtuais etc) como nele intervir com instrumentos determinados visando o apoio à produção, distribuição, acesso e uso dos bens culturais, promovendo a socialização do conhecimento e da informação correspondente. A ação cultural é entendida como processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura institucionalizada, e a mediação cultural como o domínio das ações que visam fazer a ponte entre a obra de cultura, seu produtor e seu público a partir das instituições formais de modo a permitir que os sentidos de uma e outro, além dos objetivos do terceiro, possam convergir para um ponto comum. A linha de pesquisa organiza seus conteúdos visando contemplar criticamente:

a) O sistema de produção de sentido cultural, em particular a produção, a circulação, a distribuição, a preservação e o uso da informação de cunho cultural, em sua natureza própria e tendo em vista sua acessibilidade e socialização;

b) As principais instituições desse sistema, tradicionais e contemporâneas, como a biblioteca e o museu, com seus componentes, bem como as novas mídias a elas relacionadas (o universo da telemática);

c) Os programas de política cultural elaborados e executados pelos diferentes atores políticos e sociais, materializados nas figuras do Estado, das entidades da sociedade civil e da iniciativa privada.

A conjunção entre ação e mediação permite assim a configuração de estudos e proposições relativos à área e que, além de empregarem o conhecimento disciplinar de áreas de referência como a museologia, a biblioteconomia, a documentação e a arquivologia, se atualizam na interação com segmentos criativos da Sociedade da Informação possibilitando uma atuação consciente e ativa nas novas formas de mediação da informação da sociedade contemporânea. A linha conforma seus campos de estudo e reflexão de modo interdisciplinar, dialogando com outras áreas de saber como a História das Idéias, a Filosofia, a História e a Teoria da Cultura, a Sociologia, a Antropologia, o Cinema, as Artes Visuais, entre outras.

3. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG

Início dos Cursos: Mestrado, 1976. Doutorado, 1997.

Área de Concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação

Linhas de Pesquisa:

Informação, Cultura e Sociedade

Informação Gerencial e Tecnológica

Organização e uso da informação

Linhas de Pesquisa / Ementas

Gestão da Informação e do Conhecimento: Focaliza aspectos relacionados com a gestão da informação e do conhecimento em contextos organizacionais. Alguns dos tópicos estudados são: acesso, disseminação e uso da informação em organizações, fontes e serviços de informação para negócios, gestão do conhecimento tecnológico, informação e aprendizagem organizacional, informação e empreendedorismo, informação e gestão estratégica, inteligência empresarial, políticas de informação e inovação e tecnologias da informação para a gestão.

Informação, Cultura e Sociedade: Investiga a informação enquanto fenômeno social, apreendendo-a a partir de seus domínios epistemológicos e contextos sociais. São contemplados estudos e pesquisas que abrangem as inter-relações da informação. As pesquisas têm como elementos comuns a preocupação em discutir problemas relativos à democratização do acesso à informação, onde se procura evidenciar, também, as contradições, os limites e as alternativas que se apresentam no âmbito da sociedade da informação.

Organização e Uso da Informação: Estuda aspectos do tratamento e do uso da informação, procurando explorar a interação existente entre as duas funções nos

sistemas de informação e de recuperação da informação. Inclui estudos sobre descrição física e temática de documentos tradicionais e digitais, bem como estudos bibliométricos.

4. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS (PUCCamp)

Início dos Cursos: Mestrado, 1977.

Área de Concentração: Administração da Informação

Linhas de Pesquisa:

Gestão de serviços da informação

Produção e disseminação da informação

Linhas de Pesquisa / Ementas

Gestão de Serviços de Informação: Envolve os processos, procedimentos, teorias e técnicas necessários para a concepção, implementação e operacionalização dos serviços de informação nas organizações.

Produção e Disseminação da Informação: Envolve os processos, procedimentos, teorias e técnicas necessários para a concepção de produtos e serviços de informação nas organizações, tendo como referencial as formas de consumo.

5. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

Início dos Cursos: Mestrado, 1978. Doutorado, 1992.

Área de Concentração: Transferência da Informação

Linhas de Pesquisa:

Gestão da informação e do conhecimento

Arquitetura da informação

Comunicação da informação

Linhas de Pesquisa / Ementas

Arquitetura da Informação: Estudos teóricos e práticos sobre a análise da informação, indexação, estruturas informacionais, representação do conhecimento e recuperação da informação.

Comunicação da Informação: Modelos e processos da comunicação da informação científica, tecnológica, comunitária, arquivística, organizacional e para negócios. Suportes informacionais tradicionais e eletrônicos. Direito autoral. Influência dos contextos acadêmico, industrial, empresarial, organizacional e social no comportamento informacional.

Gestão da Informação e do Conhecimento: Estudos teóricos, metodológicos e práticos sobre gestão da informação e do conhecimento em sistemas de informação, bibliotecas, arquivos e demais unidades de informação e sobre a formação e mercado de trabalho dos profissionais da informação. Análise das necessidades e dos comportamentos dos indivíduos e das comunidades na busca e no uso da informação.

6. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA

Início dos Cursos: Mestrado, 1998

Área de Concentração: Informação e Conhecimento na Sociedade Contemporânea

Linhas de Pesquisa:

Informação e Ambientes Organizacionais

Informação e Contextos Sócio-Econômicos

Linhas de Pesquisa / Ementas

Informação e Ambientes Organizacionais: Estuda as relações entre a informação, suas tecnologias, estruturas organizacionais e processos de cognição, mediação, recepção. Reflete sobre acervos institucionais, gestão do conhecimento e inteligência competitiva; competências e trabalho informacional.

Informação e Contextos Sócio-Econômicos: Estuda as relações entre a informação, seus produtos, contextos históricos e processos políticos e econômicos. Reflete sobre inclusão digital e governo eletrônico; memória, cultura e identidade nacionais; ICT e métodos de recuperação da informação na web.

7. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

Cursos: Mestrado acadêmico e Doutorado

Início dos Cursos: Mestrado, 1998.

Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento

Linhas de Pesquisa:

Informação e tecnologia

Organização da informação

Linhas de Pesquisa / Ementas

Informação e Tecnologia: Estudos e pesquisas relacionados à geração, transferência, utilização e preservação da informação e dos documentos nos ambientes científico, tecnológico, empresarial e da documentação em geral, associados a métodos e

instrumentos proporcionados pelas tecnologias da informação e da comunicação.

Organização da Informação: Organização da informação como elemento de qualidade na recuperação: pressupõe referenciais teóricos e metodológicos de organização do conhecimento em análise, síntese e representação e a elaboração de produtos documentários com aplicabilidade na formação e atuação profissional.

8. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

Curso: Mestrado

Área de Concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade

Ementa: a área de concentração Informação, Conhecimento e Sociedade objetiva estimular estudos e pesquisas que visem a reflexão crítica a partir das temáticas de duas linhas, a- Memória, organização, acesso e uso da informação e b- Ética, gestão e políticas de informação como subsídios a consolidação científica da área de ciência da informação em nível nacional e internacional. Estes estudos tomam como base as descrições dos grupos de trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB).

Linhas de pesquisa

Memória, Organização, Produção e Uso da Informação

Ética, Gestão e Políticas de Informação

Linhas de Pesquisa/Ementas:

Memória, Organização, Produção e Uso da Informação

Inclui: preservação da memória, representação de informação e de conhecimento, web semântica, usos e impactos da informação.

Ética, Gestão e Políticas de Informação

Inclui estudos sobre: ética e informação, inclusão social, gestão do conhecimento, gestão de unidade, de serviços e produtos de informação, políticas de informação: cultural, científica e tecnológica.

9. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

Início dos Cursos: Mestrado, 2003.

Área de Concentração: Gestão da Informação

Visa enfatizar o estudo dos fenômenos relacionados aos processos centrais da gestão da informação, na perspectiva de localizar estes fenômenos, explorá-los, compreendê-los e explicá-los.

Além disso, o PGCIN pretende estudar as consequências desses fenômenos sobre as atividades relativas ao modo como as instituições e/ou indivíduos obtêm, usam, transformam, distribuem a informação para apoiar os seus objetivos na produção de conhecimento/ inovação e, como consequência, sua inserção no universo de produção econômica e social.

Linhas de Pesquisa:

Fluxo da informação

Profissionais da informação

Linhas de Pesquisa / Ementas

Fluxo da Informação: Estudar os canais de produção, distribuição e circulação da informação, os processos e suportes informacionais e a apropriação da informação nas unidades de informação, visando construir suportes teóricos para a compreensão do funcionamento das unidades de informação e para o entendimento da dinâmica dos fluxos de informação na sociedade contemporânea.

A linha "Fluxos de informação" inclui estudos e investigações que abrangem

- A informação no processo decisório das organizações;
- A mediação da informação (científica, organizacional, técnica, etc.);
- As fontes de informação;
- A gestão de processos e serviços informacionais;
- A gestão de qualidade nas unidades de informação;
- As tecnologias da informação;
- As redes de informação; os usuários da informação

Profissionais da Informação: Estudar as necessidades de busca e uso de informação da sociedade, em diferentes setores, que determinam a configuração das atividades dos gestores da informação, visando construir metodologias que permitam avaliar as condições de oferta de educação e capacitação profissional nas áreas que compõem o campo de atuação dos profissionais de ciência da informação.

ANEXO B - Teses e dissertações sobre memória defendidas nos programas de pós-graduação em CI no Brasil.

Fontes: informações obtidas na base de teses e dissertações da CAPES e nas páginas dos programas de pós-graduação, na Internet, acessadas durante o mês de janeiro de 2008. Os dados sobre o PPGCI da UFPb foram obtidos em visita à esta Universidade.

UFMG

- SHIKIDA, Aparecida Maciel da Silva. **Oralidade, história e memória: a constituição social da informação em relatos orais**. 2005. 151 f. (Mestrado) – UFMG, Belo Horizonte.

Linha de pesquisa:

INFORMAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE: investiga a informação enquanto fenômeno social, apreendendo-a a partir de seus domínios epistemológicos e contextos sociais. São contemplados estudos e pesquisas que abrangem as inter-relações da informação.

Orientador: Maria Aparecida Moura. Data de defesa: 05/08/2005

- CRUZ, Emília Barroso. **Memória governamental e utilização de documentos eletrônicos pela administração pública no Brasil: o caso da Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais**. 2002. 273 f. (Mestrado em Ciência da Informação) – UFMG, Belo Horizonte.

Linha de pesquisa:

INFORMAÇÃO GERENCIAL E TECNOLÓGICA: monitoração do ambiente empresarial, inteligência empresarial, informação estratégica; sistemas de informação; informação e processo decisório; gestão do conhecimento tecnológico; indicadores em C & T e inovação; necessidades de informação de gerentes.

Mestrado. Orientador: Isis Paim. Data de defesa: 12/07/2002.

- SANTOS, Vânia Carvalho Rola. **Cultura, identidade e memória: uma leitura informacional de museus históricos em ambientes comunitários**. 2005. 161 f. (Mestrado em Ciência da Informação) – UFMG, Belo Horizonte.

Linha de pesquisa:

INFORMAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE: investiga a informação enquanto fenômeno social, apreendendo-a a partir de seus domínios epistemológicos e contextos sociais. São contemplados estudos e pesquisas que abrangem as inter-relações da informação.

Mestrado. Orientador(es): Regina Maria Marteleto. Data da defesa: 01/07/2005

ECA / USP

Fonte: <http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/informacao/>

Acesso: 04 de janeiro de 2008

- ANTONIO, Irati. **Informação e música no Brasil: memória, história e poder.** 1994. 285 p. (Mestrado em Ciência da Informação) – USP, São Paulo.

Linha de pesquisa:

GERAÇÃO E USO DA INFORMAÇÃO

Orientador: MACEDO, Neusa Dias de.

Assunto: Documentação musical; Música e teoria da informação; Música – Pesquisa

- GUIMARÃES, Isaura Botelho. **Artes da memória: crônica de uma instituição – FUNARTE.** 1996. 252 p. (Doutorado) – USP, São Paulo.

Linha de pesquisa:

AÇÃO CULTURAL: estudar as relações entre a cultura e a vida social tal como se dão através das instituições tipo bibliotecas e centros de cultura.

Orientador: COELHO NETTO, José Teixeira.

Assunto: Instituições culturais - Brasil; FUNARTE

- FARIA, Ivete Pieruccini. **Estação Memória: lembrar como projeto: contribuição ao estudo da mediação cultural.** 1999. 177 p. (Mestrado) – USP, São Paulo.

Linha(s) de pesquisa:

INFORMAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE.

Orientador: PERROTTI, Edmir.

- KESSEL, Zilda. **A construção da memória na escola: um estudo sobre as relações entre memória, história e informação na contemporaneidade.** 2003. 150 p. (Mestrado) – USP, São Paulo.

Linha(s) de pesquisa:

INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: projetos desenvolvidos entre educadores.

Orientador: PERROTTI, Edmir.

Assunto: Memória cultural; Sociologia educacional.

- BARRETO, Ângela Maria. **Memória de leituras:** trajetória de leitores idosos do Vale do Paraíba: uma contribuição ao estudo das relações entre informação e produção de sentidos. 2003. 193 p. (Doutorado) – USP, São Paulo.

Linha de pesquisa:

INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: projetos desenvolvidos entre educadores.

Orientador: PERROTTI, Edmir.

PUCCAMP

- SILVA, Márcio de Assumpção Moreira da. **Memória e fotografia: um estudo sobre informação visual em São Carlos.** 1997. 85 p. (Mestrado em) – PUC, Campinas.

Linha de pesquisa:

ADMINISTRAÇÃO DE SERVIÇOS DE BIBLIOTECA, ARQUIVO E INFORMAÇÃO: envolve os processos, procedimentos, teorias e técnicas necessárias para o planejamento, gerenciamento, avaliação e divulgação de unidades de informação e seus serviços para melhor ajustar a estrutura física, orgânica e R.H. com o ambiente e clientela.

Orientador(es): Solange Puntel Mostafa. Mestrado. 01/06/1997

UFRJ/IBICT

- COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória institucional do IBGE: um estudo exploratório-metodológico**. 1992. 1v. (Mestrado em Ciência da Informação) - CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

Orientadora: Heloisa Tardin Christovão.

Linha de pesquisa:

PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO

- BAPTISTA, Antônio Carlos Nunes. **Biblioteca e memória: preservação no limiar do ano 2000 subsídios a partir da análise conceitual da Biblioteca Nacional**. 1996. 1 v. (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

Linha de pesquisa: sem informação

Orientadora: Lena Vânia Ribeiro Pinheiro.

- GOMES, Sandra Lúcia Rebel. **Lugares de memória e informação: os arquivos e centros de documentação sobre trabalho, trabalhadores e suas organizações**. 1996. v. (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

Linha de pesquisa: sem informação

Orientadora: Maria Nélide González de Gómez.

- DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos. **O sentido e o significado de documento para a memória social**. 1997. v. (Doutorado em Ciência da Informação) - CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

Linha de pesquisa: sem informação

Orientadora: Rosali Fernandez de Sousa.

- COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**. 1997. v. (Doutorado em Ciência da Informação) - CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

Linha de pesquisa:

INFORMAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE: estuda os aspectos teóricos, conceituais, culturais e metodológicos da geração, transmissão e uso da informação em diferentes

contextos. A informação como bem cultural e bem de produção. Os sistemas de informação e organização do conhecimento, a função social da informação.

Orientadora: Maria Nélide González de Gómez.

- BRITO, Verônica Martins de. **A preservação de memória científica da FIOCRUZ: a visão de quem faz ciência.** 2002. v. (Mestrado em Ciência da Informação) - MCT/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

Linha(s) de pesquisa:

CONFIGURAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS DA INFORMAÇÃO: estudos da informação no quadro das mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais da sociedade contemporânea. Estudos de fluxos de informação em redes sociais, comunicacionais e tecnológicas, focalizando a sociedade brasileira.

Orientadores: Maria Nélide González de Gómez e Flávio Coelho Eldler.

- CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. **Memórias clandestinas e sua museificação: uma prospecção sobre institucionalização e agregação informacional.** 2002. v. (Doutorado em Ciência da Informação) – MCT/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

Orientadora: Regina Maria Marteleto.

Linha(s) de pesquisa:

CONFIGURAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS DA INFORMAÇÃO: estudos da informação no quadro das mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais da sociedade contemporânea; Estudos de fluxos de informação em redes sociais, comunicacionais e tecnológicas, focalizando a sociedade brasileira.

- CAVALCANTI, Márcia Teixeira. **Arquivo de memória operária do Rio de Janeiro e seu uso: características atuais e perspectivas.** 2002. v. (Mestrado em Ciência da Informação) - MCT/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

Orientadora: Gilda Olinto.

Linha(s) de pesquisa:

GESTÃO DA INFORMAÇÃO: abordagem de teorias e modelos de gestão de recursos de informação em diferentes contextos organizacionais; análise de estruturas de informação para o diagnóstico e monitoração de ativ. de conhecimento, econômicas e produtivas, e outras atividades sociais.

- HOLLANDA, Ricardo Silva de. **Estratégias e percepções informacionais de produção de imagens em fotografia documental urbana**. 2003. 220 p. (Doutorado em Ciência da Informação). MCT/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

Linha(s) de pesquisa:

PROCESSAMENTO E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO: estudo das diferentes formas de mediação dos processos comunicacionais, cognitivos e sociais nas quais a informação seja o objeto e fim de uma ação de intervenção e transformação. Ênfases na organização do conhecimento e na representação da informação.

Orientador(es): Lena Vania Ribeiro Pinheiro

Palavras - chave: fotografia; informação; memória

- FERNANDES, Geni Chaves. **A ameaça: tempo, memória e informação**. 2004. v. (Doutorado em Ciência da Informação) – MCT/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

Orientadora: Maria Nélide González de Gómez.

Linha(s) de pesquisa: sem informação

ANEXO C – Artigos sobre memória nos periódicos especializados em Ciência da Informação.

Fontes: informações obtidas nas páginas da CAPES e dos programas de pós-graduação acessadas durante o mês de janeiro e fevereiro de 2008.

1. BRAZILIAN JOURNAL OF INFORMATION SCIENCE (UNESP/Marília)

Sem registro após aplicação do filtro cronológico (1972/2005)

2. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (IBICT)

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 25, n. 2, 1996.

3. DATAGRAMAZERO - REVISTA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (IASI)

PATERNOSTRO, Luiz Carlos B. Mnemotécnica e tecnovidade. **Datagramazero**. n. esp., dez. 1999.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os agregados de informação - memórias, esquecimento e estoques de informação. **Datagramazero**. v. 1, n. 3, jun. 2000.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. O valor da informação: um desafio permanente. **Datagramazero**. v. 3, n. 3, jun. 2002.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. Informação, Memória e Espaço Prisional no Rio de Janeiro. **Datagramazero**. v. 4, n. 1, jun. 2003.

ROBREDO, JAIME. Organização dos documentos ou organização da informação: uma questão de escolha. **Datagramazero**. v. 5, n. 1, fev. . 2004.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. Informação, ética e museu: uma aproximação conceitual. **Datagramazero**. v. 6, n. 2, fev. 2004.

4. ENCONTROS BIBLI (UFSC)

Sem registro após aplicação do filtro cronológico (1972/2005)

1. INFORMAÇÃO & SOCIEDADE: ESTUDOS (UFPb)

Lima, Márcia Heloisa Tavares de Figueredo. Marcas discursivas na formação de profissionais de memória. **Informação & Sociedade: Estudos**. v. 14, n. 2, 2004.

Freitas, Lídia Silva de A memória polêmica da noção de sociedade da informação e sua relação com a área de informação. **Informação & Sociedade: Estudos** v. 12, n. 2, 2002.

6. INFORMARE (UFRJ/IBICT)

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. Memória institucional e representação: do mundo das formas (árvore) ao universo do pensamento (rizoma). **Informare**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul./dez. 1996.

PATERNOSTRO, Luiz Carlos B. Realidade do virtual: espaço de endereçamento e outras virtualidades. **Informare**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul./dez. 1996.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. Os museus, a memória e os novos meios de comunicação. **Informare**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jul./dez. 1998.

ARAÚJO, Inesita. Televisão e indianidade: questões sobre a construção narrativa da imagem do índio pela televisão. **Informare**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, jul./dez. 1998.

7. PERSPECTIVAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (UFMG) - Publicada a partir de 1996, sucedeu a revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG

MOURA, Maria Aparecida. Leitor-bibliotecário: interpretação, memória e as contradições da subjetividade. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 9, n. 2, 2004.

SILVA, Terezinha Elisabeth da. Montag e a memória perdida: notas sobre Fahrenheit 451 de François Truffaut. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 8, n. 1, 2003.

8. PONTODEACESSO (UFBa)

Sem registro após aplicação do filtro cronológico (1972/2005)

9. REVISTA DA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA DA UFMG (UFMG)

MARQUES JÚNIOR, Alaôr Messias. Indexação automática de atas: a experiência no curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, jan./jun. 1991.

DRUMOND, Vania Regina Peres; FIUZA, Marysia Malherios. **Projeto memória da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG)**. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**. Belo Horizonte, v. 17, n. 2, set. 1988.

VIEIRA, Anna da Soledade. A pós-graduação na EB/UFMG: memória e perspectivas. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**. Belo Horizonte, v. 19, n. esp., mar. 1990.

FIUZA, Marysia Malherios; RABELLO, Odília Clark Peres; GOMES, Sônia de Conti. Projeto memória da Escola de Biblioteconomia da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**. Belo Horizonte, v. 19, n. esp., mar. 1990.

GUEVARA, Egleé Belisario; GOMES, Maria do Carmo Andrade. **Memória política e controle documental: o caso PT na campanha presidencial de 1989**. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, jan./jun. 1991.

10. REVISTA DE BIBLIOTECONOMIA DE BRASÍLIA (ABDF e UnB)

OBERHOFER, Cecília Alves. SAMO: Sistema Automatizado para Aquisição de Monografias; projeção para bibliotecas universitárias. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**. Brasília, v. 15, n. 2, 1987.

ROBREDO, Jaime. Contribuição da Biblioteca Nacional de Agricultura à biblioteca agrícola brasileira e outros serviços atualmente oferecidos. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**. Brasília, v. 8, n. 2, 1980.

ZANDONADE, Tarcisio. O uso dos computadores em Biblioteconomia no contexto de um humanismo moderno. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**. Brasília, v. 12, n. 1, 1984.

11. TRANSFORMAÇÃO (PUCCamp)

TEIXEIRA, Wilza Aurora Matos. Ações de conservação e preservação da memória no contexto digital. **Transformação**. Campinas, v. 14, n. 2, jul./dez. 2002.

GUTIÉRREA, Antonio García. Proyectar la memória: Del ordo nacional a la reapropiación crítica. **Transformação**. Campinas, v. 15, n. 1, jan./abr. 2003.

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Do patrimônio cultural e seus significados. **Transformação**. Campinas, v. 16, n. 2, maio/ago. 2004.

ANEXO D - Comunicações sobre memória apresentadas aos encontros nacionais de pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ENANCIBs).

Fonte: anais dos eventos. Do primeiro ao quarto Encontro, foram publicados apenas os resumos dos trabalhos.

I ENANCIB (Belo Horizonte, 1994)

Eixos temáticos

1. Informação tecnológica
2. Informação e sociedade / Ação cultural
3. Representação do Conhecimento / Indexação / Teoria da Classificação
4. Administração / Gestão / Avaliação e Estudos de Usuário
5. Formação profissional / Mercado de trabalho
6. Produção científica / Literatura cinzenta
7. Políticas de pesquisa dos cursos de pós-graduação

Resultado da pesquisa: nenhum registro encontrado.

II ENANCIB (Valinhos, 1995)

Tema 4. Informação e sociedade / Ação cultural

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. Memória institucional. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 2., 1995, Valinhos. **Anais...** Valinhos: [s.n.], 1995.

FERNANDES, Fernanda M. FUNARTE. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 2., 1995, Valinhos. **Anais...** Valinhos: [s.n.], 1995.

Tema 5. Produção científica / Literatura cinzenta

ARAÚJO, Walkíria Toledo de; SILVA, Ataídes Cassimiro da. Documentação e memória histórica da Paraíba: um resgate a partir da análise do conteúdo ideológico da revista do IHGP – período 1909-1993. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 2., 1995, Valinhos. **Anais...** Valinhos: [s.n.], 1995.

III ENANCIB (Rio de Janeiro, 1997)

Grupo 3: Novas tecnologias / Redes de informações / educação à distância

MUSTAFA, Solange Puntel. Análise das fontes eletrônicas do programa de graduação em Biblioteconomia da PUCCAMP. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 3., 1997, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: [s.n.], 1997.

Grupo 4: informação e sociedade / ação cultural

BAPTISTA, Antônio Carlos Nunes. Biblioteca e memória: preservação no limiar do ano 2000 – subsídios a partir da análise conceitual de bibliotecas nacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 3, 1997, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: [s.n.], 1997.

ANDRADE, A. N.; ROSÁRIO, J. S.; RIBEIRO, Leila Beatriz. O charme e o acesso à automação através de diferentes linguagens comunicacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 3, 1997, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: [s.n.], 1997.

JARDIM, José Maria. Os saberes informacionais do Estado: a Arquivologia In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 3., 1997, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: [s.n.], 1997.

PERROTTI, Edmir; AMARO, R. K. O. F.; VERGUEIRO, W. de O. S. Serviços de Informação Educativos: Oficina de Informação e Estação Memória. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 3., 1997, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: [s.n.], 1997.

GOMES, H. F. A transferência da informação na educação universitária: implicações do uso da oralidade, da escrita e de outras tecnologias. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 3., 1997, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro : [s.n.], 1997.

IV ENANCIB (Brasília, 2000)

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. Memórias clandestinas e sua museificação: uma proposição teórico-informacional. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 4., 2000, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n.], 2000.

CABRAL, Ana M. R.; SILVA, Simone P. Estado da arte em Informação e Sociedade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 4., 2000, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n.], 2000.

LIMA, Gercina Ângela Borém. A criação de um protótipo hipertextual para instrução do CCAA2. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 4., 2000, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n.], 2000.

COSTA, Icléia Thiessen Magalhães. Informação, memória e espaço urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 4., 2000, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n.], 2000.

PEREIRA, Magda Chagas. A compreensão da leitura em diferentes suportes textuais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 4., 2000, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n.], 2000.

MIRANDA, Roberto Campos da Rocha. Informações estratégicas: estudo de caso aplicado à ECT. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 4., 2000, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n.], 2000.

SANTOS, Raquel Paz. Os discursos peronistas e os fundamentos ideológicos que construíram a memória da “Nova Argentina”. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 4., 2000, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n.], 2000.

GARBIN, Sávio Marcos. Construção de um sistema de informação estratégicas, integrando conhecimento, inteligência e estratégia. Estudo de caso brasileiro com o FGTS, na empresa Caixa Econômica Federal. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 4., 2000, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n.], 2000.

CAREGNATO, Sônia. Resgatando a memória literária sul-rio-grandense: recuperação de textos de literatura infantil e disponibilização digital das informações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 4., 2000, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n.], 2000.

ABRANTES, Vera L. Cortes, Fotografias que documentam os trabalhos geográficos de campo realizados pelo IBGE de 1939 a 1968. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 4., 2000, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n.], 2000.

V ENANCIB (Belo Horizonte, 2003)

Tema 2 - Representação do Conhecimento; Indexação; Teoria da Classificação

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle; GRAU, Isabel Arino. Arquivo musical: a pesquisa no acervo Vera Janacópulos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.n.], 2000.

Tema 4 - Informação e Sociedade / Ação Cultural

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. O *Jardim do crime* sob o olhar de João do Rio: informação, memória e espaço prisional no Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.n.], 2000.

BRITO, Verônica Martins. A preservação da memória científica da Fiocruz: a visão de quem faz ciência. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.n.], 2000.

CARVALHÊDO, Shirley do Prado; MEDLEG, Georgete. Um olhar para a trajetória de uma instituição arquivística pelas suas práticas informacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.n.], 2000.

OLIVEIRA, Carmen Irene de O. MEMÓRIA E DISCURSO INSTITUCIONAIS: o caso de uma Instituição de Ensino Superior. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.n.], 2000.

VI ENANCIB (Florianópolis, 2005)

GT 3: Mediação, Circulação e Uso da Informação

SANTOS, Vania Carvalho Rôla; MARTELETO, Regina Maria. Cultura, identidade e memória: uma leitura informacional dos museus históricos em ambientes comunitários. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s.n.], 2005.

SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. Da digitalização de acervos fotográficos públicos no contexto político da disseminação de conteúdos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s.n.], 2005.

OLIVEIRA, Carmen Irene Correa de; RIBEIRO, Leila Beatriz; WILKE, Valéria Cristina Lopes. Informação, memória e a ficção científica: as estratégias de sobrevivência na dinâmica do esquecimento e da lembrança. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s.n.], 2005.

FREIRE, Isa Maria. Janelas da cultura local: abrindo oportunidades para inclusão digital. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s.n.], 2005.

COELHO, Priscilla A.; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. Mediação e circulação da informação: o jogo discursivo na arte conceitual. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s.n.], 2005.

SANTOS, Vânia Carvalho R.; MARTELETO, Regina Maria. Cultura, identidade e memória: uma leitura informacional dos museus históricos em ambientes comunitários. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s.n.], 2005.

ANEXO E - Grupos de pesquisa vinculados aos programas de pós-graduação em Ciência da Informação na base corrente do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq.

Fonte: página do CNPq na Internet, acessada durante o mês de março de 2010.

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/>

1. Acervos Fotográficos – UNB

Líder: André Porto Ancona Lopez

Linhas de pesquisa: Comunicação e usos da informação

Palavras-chave: Comunicação Científica; Comunicação Social; Cultura Visual; História; Memória; Representação;

Objetivo: Analisar, por diferentes ângulos, questões relativas à comunicação social e científica da informação visual e sua utilização, nos mais variados moldes, tanto por instituições como por grupos sociais. As pesquisas podem envolver abordagens relacionadas à compreensão dos processos comunicativos, dos fenômenos da representação, dos processos de construção de memórias, histórias e identidades.

2. Acervos manuscriptológicos, bibliográficos, iconográficos, etnográficos: organização, preservação e interfaces das tecnologias da informação e comunicação – UFBA

Líder: Zeny Duarte de Miranda Magalhães dos Santos

Linha de pesquisa: Documentos da memória cultural

Palavras-chave: Acervos históricos; Memória cultural; Preservação e resgate da memória.

Objetivo: Integra pesquisas que articulam literatura e cultura, englobando vertentes diferenciadas de estudos de expressões identitárias e organização e leituras críticas de acervos documentais e literários, com ênfase na produção baiana.

Linha de pesquisa: Estudos memorialísticos

Linha de pesquisa: Informação e contextos sócio-econômicos

Palavras-chave: Informação - Identidade Nacional; Informação - Sociedade; Preservação da Memória.

Objetivo: Compreende estudos: da história e das relações da informação com a economia, com os processos políticos, com a inclusão social e digital, com a vida social e cultural, e com a identidade nacional. Abrange a compreensão do Estado, das empresas e da sociedade civil na organização, gestão e regulação nacional e internacional da informação.

3. As políticas de informação do Estado e a gestão dos patrimônios documentais – UnB

Líder: Georgete Medleg Rodrigues

Linhas de pesquisa: Gestão da informação e do conhecimento

Palavras-chave: arquivos; gestão da informação; memória; patrimônio documental; políticas de informação; profissionais da informação;

Objetivo: Estudos teóricos, metodológicos e práticos sobre gestão da informação e do conhecimento em sistemas de informação, bibliotecas, arquivos e demais unidades de informação e sobre formação e mercado de trabalho dos profissionais da informação. Análise das necessidades de informação e dos comportamentos dos indivíduos e das comunidades na busca e uso da informação.

4. Gestão da Informação e do Conhecimento – UFMG

Líder: Ricardo Rodrigues Barbosa

Linhas de pesquisa: Ontologias organizacionais

Palavras-chave: gestão do conhecimento; memória organizacional; ontologia organizacional; organização da informação.

Objetivo: O estudo de processos tecnológicos e de organização da informação para a representação e preservação da memória organizacional.

5. Imagem, Memória e Informação – UNB

Líder: Miriam Paula Manini

Linhas de pesquisa: Patrimônio Documental

Palavras-chave: Patrimônio, Cultura, Memória, Documento;

Objetivo: informação não disponível.

6. Informação, Cidadania e Memória – UFPB

Líder: Mirian de Albuquerque Aquino

Linha de pesquisa: Afro descendência e Educação

Objetivo: Estudar os processos de exclusão/inclusão social dos afro descendentes através das práticas educativas, formais e informais.

Palavras-chave: Afro descendente; Cidadania; Cultura; Educação; Exclusão social; Identidades Culturais; Inclusão social; Informação; Memória; Memórias Coletivas; Patrimônio Cultural; Práticas Sociais; Representação da Informação.

Linha de pesquisa: Informação e Cidadania

Palavras-chave: Afro descendente; Cidadania; Cultura; Educação; Exclusão social; Identidades Culturais; Inclusão social; Informação; Memória; Memórias Coletivas; Patrimônio Cultural; Práticas Sociais; Representação da Informação.

Objetivo: Objetiva realizar análises sobre a relação: informação e cidadania, inserindo-a no atual contexto social brasileiro. A partir das análises desta relação procura-se compreender como as práticas sociais da representação da informação podem constituir-se em elementos que possibilitem a construção da cidadania.

Linha de pesquisa: Informação e Memória

Palavras-chave: Afro descendente; Cidadania; Cultura; Educação; Exclusão social; Identidades Culturais; Inclusão social; Informação; Memória; Memórias Coletivas; Patrimônio Cultural; Práticas Sociais; Representação da Informação.

Objetivo: Objetiva abordar o fenômeno informacional a partir do processo de formação das memórias coletivas, na busca da construção da representação das identidades culturais, em uma perspectiva simbólica, como forma de afirmação e/ou consolidação da cidadania.

Linha de pesquisa: Memória, organização, acesso e uso da informação

Palavras-chave: Afro descendente; Cidadania; Cultura; Educação; Exclusão social; Identidades Culturais; Inclusão social; Informação; Memória; Memórias Coletivas; Patrimônio Cultural; Práticas Sociais; Representação da Informação.

Objetivo: Estudar a preservação da memória, representação de informação usos impactos da informação, de um ponto de vista cultural a partir das questões de inclusão e exclusão para formação de identidades culturais na consolidação da cidadania.

7. Informação, discurso e memória – UFF

Líder: Lídia Silva de Freitas (grupo com pesquisadores da UNIRIO)

Pesquisadora: Márcia Heloísa Tavares de Figueredo Lima

Linha de pesquisa: Dispositivos e Redes de Informação

Palavras-chave: Informação e memória; Organização do conhecimento; Recuperação da informação.

Linha de pesquisa: Políticas de memória e registros

Palavras-chave: Arquivos; Documento; Escrita; História social dos registros; Memória.

Objetivo: informação não disponível.

8. Instituto de Pesquisas Biblion – UFSC

Líder: Ursula Blattmann

Linha de pesquisa: Conservação e preservação da memória

Palavras-chave: Conservação de acervos; fontes de informação; Preservação da memória; Processos de leitura; recuperação da informação.

Objetivo: Estudar as relações no ambiente de bibliotecas, centros de documentação e informação, e arquivos; realizar diagnósticos, análises, desenvolvimento de metodologias, prognósticos na percepção das mudanças da gestão da informação. Por meio de recursos na preservação e conservação da memória registrada em fontes de informação, estimular a alfabetização e o letramento; e, na gestão de acervos facilitando as análises de sistemas e redes de informação e a recuperação da informação.

Linha de pesquisa: Fontes de Informação

Palavras-chave: Avaliação de recursos informacionais; Conservação de acervos; Critérios na avaliação de fontes de informação; Informática em acervos; Preservação da memória; Processos de leitura.

Objetivo: Estudar o fluxo de informações e suas relações na sociedade, ciência e tecnologia, visa diagnosticar, analisar, desenvolver metodologias na percepção e uso da informação. Por meio de pesquisas teóricas e empíricas propicia métodos, técnicas e instrumentos para dar suporte aos processos de alfabetização e letramento (information literacy). Incentiva o acesso e uso da informação para inclusão cultural, educacional e social.

9. Leitura, organização, representação, produção e uso da informação – UFPB

Líder: Dulce Amélia de Brito Neves

Linha de pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação

Palavras-chave: Cognição; Informação; Metacognição; Representação; Uso da informação; Usuário da informação.

Objetivo: Estudar as questões relacionadas com preservação da memória, representação de informação e de conhecimento, usos e impactos da informação.

10. Web, Representação do Conhecimento e Ontologias – UFPB

Líder: Guilherme Ataíde Dias

Linhas de pesquisa: Memória, organização, acesso e uso da informação

Palavras-chave: ontologias; tecnologia da informação; web semântica.

Objetivo: Pesquisar e desenvolver estratégias que facilitem o acesso a informação disponibilizada no ciberespaço.

ANEXO F - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) – Histórico.

I ENANCIB – 1994

O I ENANCIB foi realizado em Belo Horizonte, no período de 8 a 10 de abril de 1994, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG. Os anais desse evento trazem publicados 23 trabalhos, mas nem todos os trabalhos apresentados constam desta publicação. Os trabalhos agruparam-se em torno dos seguintes temas:

1. Informação Tecnológica
2. Informação e Sociedade/Ação Cultural
3. Representação do Conhecimento/Indexação/Teoria da Classificação
4. Administração/Gestão/Avaliação e Estudos de Usuários
5. Formação profissional/Mercado de trabalho
6. Produção Científica/Literatura Cinzenta
7. Políticas de Pesquisa dos Cursos de Pós-Graduação

II ENANCIB – 1995

O II ENANCIB aconteceu em Valinhos, de 22 a 24 de novembro de 1995, numa realização do Departamento de Biblioteconomia e Ciência da Informação da PUCCAMP. Foram apresentados 56 trabalhos, representando um crescimento significativo em relação ao evento anterior. Os trabalhos publicados foram ordenados em seis grandes temas:

1. Informação Tecnológica e Administração de Serviços
2. Representação do Conhecimento/Indexação/Teoria da Classificação
3. Novas Tecnologias/Bases de Dados/Fontes de Informação [e a Educação]
4. Informação e Sociedade/Ação Cultural
5. Produção Científica/Literatura Cinzenta
6. Formação profissional e Mercado de trabalho

III ENANCIB – 1997

O III ENANCIB realizou-se no Rio de Janeiro, de 10 a 12 de setembro de 1997, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação mantido pelo convênio IBICT/ UFRJ. Verificou-se um crescimento de 140% no número de trabalhos em relação ao II evento. Os anais trazem um total de 135 resumos apresentados. Os trabalhos foram distribuídos em seis grupos temáticos:

1. Informação Tecnológica e Administração de Serviços
2. Representação do Conhecimento/Indexação/Teoria da Classificação
3. Novas Tecnologias/Redes de Informação/Educação a Distância
4. Informação e Sociedade/Ação Cultural
5. Produção Científica/Literatura Cinzenta
6. Formação Profissional/Mercado de Trabalho

IV ENANCIB – 2000

O IV ENANCIB ocorreu em Brasília, organizado entre os dias 6 e 10 de novembro de 2000, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNB e teve como tema central “Conhecimento para o Século XXI: a Pesquisa na Construção da Sociedade da Informação”. Foram apresentados 250 trabalhos, representando um crescimento expressivo em relação ao evento anterior. Estes trabalhos foram distribuídos por 8 sessões temáticas:

1. Informação Tecnológica e Informação para Negócios
2. Representação do Conhecimento/Indexação/Teoria da Classificação
3. Novas Tecnologias/Redes de Informação/Educação à Distância
4. Informação e Sociedade/Ação Cultural
5. Comunicação Científica
6. Formação Profissional e Mercado de Trabalho
7. Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva
8. Epistemologia da Ciência da Informação

V ENANCIB – 2003

O V ENANCIB ocorreu em Belo Horizonte, entre os dias 10 a 14 de novembro de 2003, produzido pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG e teve como tema central “Informação, Conhecimento e Transdisciplinaridade: desafios do milênio”. Os anais desse evento, distribuídos em CD-ROM, apresentam o texto completo dos 139 trabalhos distribuídos em oito grupos temáticos:

1. Informação Tecnológica e para Negócio
2. Representação do Conhecimento/Indexação/Teoria da Classificação
3. Novas Tecnologias/Redes de Informação/Educação à Distância
4. Informação e Sociedade/Ação Cultural
5. Comunicação e Produção Científica/Literatura Cinzenta
6. Formação Profissional e Mercado de Trabalho
7. Planejamento e Gestão de Sistemas
8. Epistemologia da Ciência da Informação

VI ENANCIB – 2005

O VI ENANCIB foi realizado em Florianópolis, no período de 28 a 30 de novembro de 2005, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC e teve por tema central “A política científica e os desafios da sociedade da informação”. Os anais do evento, em CD-ROM, contêm o texto completo dos 125 trabalhos expostos em sete grupos de trabalho:

1. Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação
2. Organização do Conhecimento e Representação da Informação
3. Mediação, Circulação e Uso da Informação
4. Gestão de Unidades de Informação
5. Política, Ética e Economia da Informação
6. Informação e Trabalho
7. Informação para Diagnóstico, Mapeamento e Avaliação